

Teatro I

de Camilo Castelo Branco

AGOSTINHO DE CEUTA

DRAMA EM QUATRO ACTOS

PRÓLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Há doze anos que um rapaz, sem leitura, sem meditação, sem crítica, nem gosto escreveu um drama para ser representado em teatro de província.

Confessava ele mesmo no prólogo *que lera quatro dramas originaes portuguezes, e alguns do Arquivo Teatral*. Que ignorância e que atrevimento!

O drama fez gemer o prelo e o senso comum. Saiu donde nunca tinha saído coisa melhor nem pior: das tipografias de Bragança.

Oh! que berço!

Depois, o aleijadinho teve o desplante de vir até ao Porto sobre uma mula de almocreve, e por aí ficou tolhido, não se sabe quantos anos, na Casamata dum livreiro que o comprou a peso.

Parece que a traça, compadecida do miserando, o comeu. É certo que, doze anos depois, um editor infeliz tem a aziaga tentação de editar AGOSTINHO DE CEUTA, e chega até ao desatino de comprar a propriedade do mostrengo.

O autor medita um instante antes de responder, e faz pé atrás doze anos na sua vida. Lembra-se das alegrias e quimeras daquele tempo, lembra-se de que, ao escrevê-lo, se julgou – não direi Shakespeare ou Malfieri, porque ele então não conhecia de nome sequer essa gente – mas julgou-se pelo menos um dramaturgo que tinha jus a impingir a leitura da sua tragédia à família, e aos vizinhos:

*Assim que via gente logo lá corria
E o fatal cartapácio lhe empurrava.*

Tenho hoje dó das vítimas que imolei então ao meu orgulho de dramaturgo. Sobre todas, há um Luís de Bessa Correia em Vila Real, que ainda hoje me faz chorar o coração, como ele então chorava de riso.

Querem ver um rasgo de humildade, de modéstia, de desprezo de minhas próprias aspirações literárias?

Consenti que a coisa se reimprimisse, sem a minha certidão de idade apenas.

Quem sabe se não é este livro, escrito em 1846, menos tolo que outros escritos em 1858?

PERSONAGENS:

INFANTE D. PEDRO
AGOSTINHO DE CEUTA
D. MANUEL DE MELO
DUQUE DE CADAVAL
FR. GARCIA DE MELO – Inquisidor-geral
FR. LEORNARDO DE SANTA JUSTA – 2º Inquisidor
FR. LUÍS DAS CHAGAS – Escrivão da Puridade
FR. AMARO VIEIRA – Familiar do Santo Ofício
HENRIQUE DE MIRANDA – Ministro da privança de D. Afonso VI
CONDE DE CASTELO-MELHOR – Ministro da privança de D. Afonso VI
D. LEONOR DE MELO
SOROR CONSTANÇA DA NATIVIDADE
SOROR PORTEIRA
OFICIAL DO SANTO OFÍCIO
CARCEREIRO
UMA AIA DE D. LEONOR DE MELO

Sete fidalgos portugueses, soldados, frades e religiosos.

A cena é Lisboa e Évora.

ACTO PRIMEIRO

A PREPOTÊNCIA

*Quem outrem ama, que aproveita
Trabalhar que vos ame, e que se aparte
De seu desejo, e que por outro o negue,
Se sempre foge amor de quem o segue.*

(Camões, *Lus.*, Cant. 6º, Est. 25)

É noite. – Salão da casa de D. Manuel de Melo. Reposteiros armoados; decoração magnificente.

CENA I

D. MANUEL DE MELO, *dormindo sobre um rico escabelo; e AGOSTINHO DE CEUTA, dormitando, com a cabeça descaída sobre a mão direita, em frente de D. Manuel.* – *Silêncio apenas interrompido pela pendida dum relógio de parede.*

AGOSTINHO, *levantando-se e espreguiçando-se*

Este termo médio entre vigília e sono, é desagradável; e desagradáveis me são mistérios, onde represento misteriosamente... Aqui há um problema, cuja solução cabe ao ponteiro deste relógio! As dez horas vão soar. É triste este silêncio: é majestoso o clarão daquelas luzes! parecem todas de trintanário! Devo espevitá-las: – não é isto das atribuições do pagem, mas o homem é filho das circunstâncias... (*Espevita-as, e, assombrado, pega numa carta de sobre a mesa*). Uma carta para D. Leonor de Melo! isto é extraordinário! ... aberta, e pregada com o selo de el-rei! (*Abre, e lê com sobressalto*). «Uns olhos ternos e amadores não podiam ver-vos impunemente. Minha real câmara tem testemunhado os suspiros amorosos, que me arrancais do peito. Paixão como esta não podia morrer no indiferentismo, nem nas distrações: – é mui violenta! É forçoso que eu vos ame, e confesse a necessidade, que tenho de encontrar-vos no meu real aposento, onde sereis conduzida pelos meus circunspectos validos, e fiéis privados, Conde de Castelo-Melhor e Henrique de Miranda. Aguardai-os no primeiro salão de vossa casa, às dez horas da noite; e cumpri, se não como amante, ao menos como vassala. – Rei».

E cumpri! Não há nada mais despótico! Eis aqui uma página para a história dum monarca: eis aqui um diamante para a coroa do meu rei! Nada me maravilha!... Eu tenho uma perfeita ideia do despotismo, e outra do déspota... – D. Leonor de Melo... terei de a ver ainda no harém deste grão-senhor português!? creio que não... Quando se venda o punhal do irmão cá fica ainda o punhal do... o meu punhal! É certo, que a vida dum corrompido mais prestes se casa com o aço numa adaga que o terror com o espírito do amante! Espanta-me a placidez de minha alma neste momento, que é uma crise da minha vida, a primeira sombra ao meu amor... Tão sereno que estou, tão pacífico e gelado! Ou eu. não amo, ou o meu amor está passando pela intermitente do Leão!... que será? Há mistérios na vida do homem, e na estação dos afectos...

D. MANUEL, *sonhando*

Minha irmã... minha Leonor...

AGOSTINHO

Sonha, e... bem pesados sonhos que eles são! Não é só o pagem que sonha com D. Leonor...

D. MANUEL

Bárbaros! a honra não dá o trono, nem se vende nas cortes...

AGOSTINHO

Pouco temo pela sorte dela.

D. MANUEL

Tirano, restitui-ma, tirano! A minha vingança será maior que a minha justiça, mais cruel que a minha raiva... Primeiro a morte que a desonra... a minha espada... (*Ergue-se turbado*). Já deram dez horas?

AGOSTINHO

Não, senhor.

D. MANUEL

Pois quem me acordou?!

AGOSTINHO

Um sonho terrível.

D. MANUEL

Sim... sonhos terríveis...

AGOSTINHO

Quem sabe se terríveis realidades...

D. MANUEL

Realidades! Os meus sonhos são-te mistério; e, se o não fossem, eu diria que descrês de quanto posso furioso em prol da honra e da justiça!

AGOSTINHO

Poderei estranhar os vossos sonhos; mas não sou descrido. Fui embalado num berço ao lado do vosso, cresci convosco, e, permiti-me este galardão, entrei convosco no crisol da honra, e da intrepidez: – se não tivesse nascido para pagem, eu seria D.

Manuel de Melo...

D. MANUEL

Pois bem. Sobre essa mesa, está uma carta; neste peito, um coração forte, e uma alma grande... e nesta sala... talvez...

AGOSTINHO

Uma escola para os reais salteadores!

D. MANUEL

Reais! – acaso já sabes...

AGOSTINHO

Que se trata duma tirania.

D. MANUEL

E que é necessário...

AGOSTINHO

Acabar com o tirano.

D. MANUEL

Tanto não; mas...

AGOSTINHO

O futuro o dirá... (*Dez horas*).

D. MANUEL

Não tardarão... Já viste essa carta, que aí está?

AGOSTINHO

É um documento para avaliar da prepotência. Cada urna dessas palavras, que aí se lêem, é uma gota de ferro fundido em meu coração...

D. MANUEL

Logo que eles cheguem, é bem te escondas.

AGOSTINHO

Esconderei; mas donde os olhos vejam e os ouvidos ouçam...

D. MANUEL

Por enquanto assaz confio em mim: tu, mais tarde... (*Estrépito de berlinda*). Ei-los que chegam! Preciso agora de muita frieza, e de muita força moral.

AGOSTINHO

De tudo precisais; e eu apenas dum leve gesto para proteger o ofendido, e sacrificar à defesa... (*Sai*).

D. MANUEL

Eles cuidam encontrar aqui minha irmã, e eu ouvirei as suas práticas (*Sai*).

CENA II

HENRIQUE DE MIRANDA, CONDE DE CASTELO-MELHOR,
E DEPOIS D. MANUEL DE MELO

CONDE, *entrando*

É esta a primeira sala?

VOZ, *dentro*

A mesma.

HENRIQUE, *para dentro*

Deixai-nos. (*Fora*) Que perspectiva tão desconsoladora.

CONDE

É fúnebre! Triste lugar para tratar de amores! – ser-nos-á preparado algum ardil?

HENRIQUE

Não diga isso, senhor Conde de Castelo-Melhor, que mal fica a um privado de el-rei temer a mordedura dos répteis... Aqui, que ninguém nos ouve: – a auréola da majestade fulge mais por nós, que os brilhantes da coroa de Afonso VI... Uma traição para o conde, e para Henrique de Miranda é um crime de lesa-majestade.

CONDE

Assim é; mas acreditai-me: – aterra-me bem mais o lúgubre deste salão e o bater monótono desta pêndula, e estas luzes moribundas, do que os brados, e insurreições de toda uma nação, que nos maldiz!

HENRIQUE

Quimeras! brados do povo, meu Conde, morrem à porta do palácio dos reis... o trono é um sacrário, que as blasfêmias do povo não maculam. Ora agora, salões escuros, luzes moribundas, e o mais que assusta, e não ofende, isto, amigo, aterra o criminoso, roído pelo remorso, ou suspeito de vingança: remorso em nós... de quê? vingança... quem a tenta?!

CONDE

Qual de nós seria mais criminoso, se crime fosse denunciar a el-rei uma beleza?

HENRIQUE

Aquele que, com mais diligência, lhe removeesse os obstáculos para a conseguir.

CONDE

E no presente caso, Henrique?

HENRIQUE

Eu, se o Conde de Castelo-Melhor quiser. Já lá vão as dez horas... A nossa dona vai transgredindo o preceito...

CONDE

Tem desculpa, porque estas coisas correm suas dificuldades. Não se trata duma recíproca fineza de amor, aqui há violência... e quem sabe se por ai está D. Manuel de Melo, ou o pagem Agostinho de Ceuta?

HENRIQUE

Às oito horas da tarde encontrei-os em casa do Duque do Cadaval. Admirei a familiaridade e acerto da conversa do tal pagem! A propósito, sabeis alguma coisa acerca deste homem?

CONDE

Pouco mais saberei que vós. Conheço-o desde pequeno nesta casa; não lhe sei de pai ou mãe. Tem sido homem de brios e proezas, pouco galanteador, e bem provado em valentias no forte de S. Miguel, em Badajoz e no Ameixial; e corre como certo, fora ele o primeiro a vitoriar a tomadia do estandarte real de Castela. Era mui amado da rainha-mãe, e assistiu-lhe incessante nos últimos dias de sua vida. Sabe-se, com verdade, que o Duque do Cadaval recebera da mão da rainha moribunda um pergaminho relativo a Agostinho de Ceuta.

HENRIQUE

Isso é um rimance.

CONDE

No gabinete escuro de Afonso VI não entram rimances...

HENRIQUE

Assim será; mas já começo a impacientar-me com esta D. Leonor!... estou morto por mudar esta mansão de sombras em sala de galanteios...

CONDE

Olhai, Henrique de Miranda, sinto em mim um não sei quê de susto involuntário e inexplicável! Está-me a agourar o coração, que el-rei, e nós, os seus vassalos, havemos de amargar esta empresa!...

HENRIQUE

Porquê?

CONDE

Porque conheço mui de perto a D. Manuel de Melo.

HENRIQUE

Também o eu conheço, e ele me não conhece ainda... O conde não ignora que este homem tem sido sempre uma sombra, que me separa dos objectos mais caros da minha vida. Quando amei D. Mécia de Noronha, tive de abdicar o direito, que tinha a esta mulher, porque D. Manuel de Melo me rivalizava com grande vantagem. Vinguei-me, e sabeis de que modo?

CONDE

Sei; entregando-a ao rei.

HENRIQUE

E o rei possuiu-a, e D. Manuel perdeu-a como eu a perdi.

CONDE

Pobre dela, que foi a que sentiu as funestas consequências de vossos crimes!

HENRIQUE

E que importa! nem já me lembra... E demais ela devia conhecer-me, que lhe profetizei o futuro com um punhal na mão...

CONDE

Então vós amáveis de punhal! – feliz sistema!

HENRIQUE

Estais a gracejar... mudemos de prática.

CONDE

Tendes sido um homem célebre, e capaz de grandes feitos! (*Ironia*).

HENRIQUE

Por certo. Capaz até de fazer com que D. Manuel de Melo chamasse aqui sua irmã, para a sujeitar às honrosas pretensões de el-rei! – (*D. Manuel aparece; dirige-se à mesa; toca uma campainha: assombro nos dois, que se levantam*).

D. MANUEL

D. Manuel de Melo não há-de desmentir a celebridade de Henrique de Miranda: – ele vai chamar sua irmã.

CENA III

OS MESMOS, AGOSTINHO, E DEPOIS D. LEONOR DE MELO

AGOSTINHO, *ao fundo*

Chamastes?

D. MANUEL

Fazei entrar minha irmã. (*Para os validos*) Sentai-vos, senhores, que esta casa e a minha cabeça é vossa e de el-rei.

CONDE

D. Manuel, conheceis as fogosas paixões de Afonso VI...

D. MANUEL

E que se segue?

HENRIQUE

A necessidade de obedecer-lhe.

D. MANUEL

A necessidade de obedecer-lhe... sois um vil!

D. LEONOR.

Chamastes vossa irmã?!

D. MANUEL

A minha irmã... sim, chamei a vassala de Afonso VI...

D. LEONOR

Que estranhas maneiras! – eu cairia no vosso desagrado?

D. MANUEL

Não, minha irmã, não... Caístes no desagrado de Deus, que vos não livra do sopro de Satanás...

D. LEONOR

Explicai-vos, pelo nosso amor!

D. MANUEL

Aí tendes os delegados do déspota... ouvi deles a sentença, que lábios de irmão honrado a tanto não se atrevem.

HENRIQUE

Prudência, D. Manuel, prudência, que por menos crimes já el-rei mandou picar os braços de grandes fidalgos...

D. MANUEL

Por isso el-rei já viu nas falanges do inimigo, militarem muitos fidalgos portugueses... Minha irmã, os privados de Afonso VI são cobardes, como seu amo. Eilos aí que se escudam com o nome do rei, e nem assim desatam dos lábios o horroroso pensamento, que aqui os traz!... Leonor, aí está uma carta escrita por um destes cavaleiros, e assinada pelo rei: é para vós – lede-a.

D. LEONOR

Uma carta para mim... para mim! que...

D. MANUEL

Não antecipeis o assombro. Bem podia ser unia. carta régia, em remuneração dos serviços que nosso pai prodigalizou à restauração da pátria; ou para te pensionar pela vida, que o nosso pai barateou na batalha do Montijo...

D. LEONOR

E acaso...

D. MANUEL

E acaso o quê?

D. LEONOR

El-rei se lembraria...

D. MANUEL

De consumir a obra da sua ingratidão com o sacrifício da vossa honra.

D. LEONOR

Ah! que dizeis?

D. MANUEL

O que esta carta melhor vos dirá.

D. LEONOR, *pegando dela rapidamente, e rasgando-a*

Assim seria rasgado, quem tal fizesse, se meu pai não trocasse a vida pela elevação dum trono ignominioso! Se ele... aqui estivesse... se ele ouvisse... Meu irmão... meu caro irmão, eu não me assusto: encho-me duma raiva, que me retorce o coração! Abominai-os como eu os abomino, detestai-os como eu os detesto, e não temais pela honra de vossa irmã... (*Sai*).

D. MANUEL

Vós a ouvistes.

HENRIQUE

E demais a. ouvimos! Má sorte se prepara para vós, e para ela: nunca vozes tais eu tivera ouvido...

D. MANUEL

Ide! anunciai ao rei de Portugal, que a filha de D. Dinis de Meio, a neta do conde de Tentúgal, e a irmã de D. Manuel de Melo, rasgou na face de seus emissários a vergonhosa carta, que não leu. Dizei ao monarca dissoluto, que a honra de D. Leonor de Melo, há-de ir ele aferrá-la, depois de transpor uma torrente de sangue! Dizei ao monarca tirano, que a cabeça da vassala, que o abomina, há-de ser cortada com o alfange, que ceifar a de seu irmão! Ei-la, validos do trono! ei-la! está é a linhagem do português que se não vende, e do que mede um rei prepotente pela bitola dum salteador sanguinolento.

HENRIQUE

Não digais mais, que de mais tereis de arrepender-vos... Basta...

D. MANUEL

Basta, vos digo eu! Quando este pavimento estiver confiscado, e aquelas armas rasgadas, imporeis silêncio então.

HENRIQUE

Mui alucinado, e demasiado néscio sois, se tentais obstar à vontade de Afonso VI!

D. MANUEL

Eu também tenho vontade de ferro, e... um ferro bem fiel à vontade...

CONDE

Essa é a linguagem do regicida.

D. MANUEL

É a linguagem do irmão... do desesperado!

HENRIQUE, *riso afrontoso*

Tudo isso são fantasias, e moralidades, que o leve sopro da necessidade cedo dissipará... El-rei protege prodigamente a feliz, que lhe inflama as paixões; protege quem lhe apraz, e ri da desesperação dos insensatos, quando os não castiga... Nada o impedirá.

D. MANUEL

Nada! nem um só obstáculo?

HENRIQUE

Nem um.

CONDE

Nem um.

CENA IV

Os MESMOS E AGOSTINHO, *que aparece ao fundo, e marcha lentamente para eles*

AGOSTINHO

Ainda há um! e esse é um colosso de bronze, que protege a vítima, e esmaga o cutelo do verdugo! Esse é o pagem, que tem uma vida, que não é dele, uma pátria, que pouco ama, e uma sepultura em qualquer canto do universo! Esse é Agostinho de Ceuta, o filho de pais incógnitos, que se despe, por um momento, de sua baixeza, para assumir a linguagem de cavalheiro. (*Pausa*) E parece que este sentimento do amor... do amor... não... este sentimento de amizade vos petrifica! Homens incapazes de sentir o bem, estas são as galas da virtude, bem pavorosas... bem pungentes à vista dos malvados!

CONDE

Henrique, vamos: ficai-vos, D. Manuel: é mister cumprirmos nossa missão.

AGOSTINHO

É honrosa... A posteridade a irá ler nas vossas armas... Ainda a não sabeis para a cumprir: parai, eu vo-lo mando, sentai-vos.

Vou contar-vos uma das páginas negras da nossa história. Há 286 anos, que um rei de Portugal viu uma bela mulher, esposa dum homem honrado, rico, e de grandes braços. Gostou dela; rompeu-lhe os laços conjugais, e foi-se com ela para o paço! Este rei era Fernando; esta mulher era Leonor Teles; e o desgraçado que a perdeu era João Lourenço da Cunha. Este homem (*levanta-se insensivelmente*) tragou o cálice da prepotência até às fezes... gemeu surdamente, e surdamente se lhe partia o coração! Viu arrebatada uma mulher, que amava, que era tão sua, e tanto de sua alma! viu-a usurpada nos braços dum raptor, que se serviu dos brilhantes duma coroa, para deslumbrar o sagrado direito do esposo!... Debalde representou, que as suas representações eram calcadas na base do trono, e a sua justiça era motejada, e ludibriada no leito adúltero do rei de Portugal!... Não vos impacientes: a página vai no fim... Aquele esposo, que amava, que ardia, que aborrecia o existir, não caiu no Letargo do medo, nem coseu os lábios com um pânico terror. Solta um brado de morte à porta do palácio do rei, e mostra às turbas, que se aglomeram, o primeiro punhal, que há-de romper o coração do adúltero. Dá um brado de extermínio, e três mil descontentes porfiam a entrada do tálamo profanado, e a vida do indigno filho do Justiceiro! Vacilais? também eu vacilo, quando comparo Fernando com Afonso VI! Quereis saber o resto? ele é horrível... é horrível! é doloroso para quem ama! João Lourenço da Cunha, nas asas da alegria e da raiva, corre ao Paço... Faz retumbar nas abóbadas, agora uma voz de ferro, e ameaçadora, logo um nome enternecido... Leonor... Leonor! dizia ele... e ela já se fugia nos braços do roubador... Perdeu-a, e sabeis o que é perder uma mulher, que se ama... vê-la perdida, e ouvir o brado íntimo da consciência dizer-nos, que é perdida... para sempre?! É aquilo, que converte uma sociedade de homens em peleja de tigres! é uma coisa só imitada pelos vulcões no momento da irrupção! é tormento que nos mandou o inferno! Desgraçado! lá vai o marido, caminho de Castela, ralado da saudade, e sufocado pelo ceptro, mendigar pão, e sepultura!... (*Pausa*) E sobre nossas cabeças gira hoje um meteoro mais sanguinário!... ante meus olhos, o reflexo dum quadro mais espantoso, e mais destruidor!

HENRIQUE

E que há de comum entre as coisas de então, e as coisas de agora?!

AGOSTINHO

Tudo!

CONDE

Quereis confrontar os amores de Leonor Teles com os amores de Leonor de Melo?!

AGOSTINHO

Os amores de Leonor de Melo... dizeis vós!... os amores de Leonor de Melo!... Já lhe sondastes o coração?

HENRIQUE

Basta-nos sondar o de el-rei.

AGOSTINHO

Não basta, não! Haverá um grito de extermínio à porta do palácio; haverão três mil descontentes em roda do trono, e a devastação será tão grande... tão inflamada... como o fogo do ciúme na alma do amante!

CONDE

Calai-vos! a alucinação vos arrasta ao patíbulo! Louco! quereis medir as consequências dum casamento reprovado numa mulher usurpada, com os amores particulares dum rei?!

AGOSTINHO

Inferno! que mais é o direito numa nação, ou o direito dum indivíduo! coração de rei, é coração de homem; e não sei qual será mais amargoso se ao pagem perder a vida se ao rei... perder o ceptro!

D. MANUEL

De mais tenho ouvido, e tanto não ouvira, se a razão e a amizade mo não mandassem. Pagem fiei, o teu procedimento não carecia de provas para mim. De hoje avante as nossas sortes estão ligadas, e tão ligadas como a imagem do céu à alma do justo, no hora do passamento. Se o desterro galardoador nossa servidão de tanto tempo, iremos contar as areias de África pelo número de lágrimas, que verteremos à saudade da minha pátria, que eu tanto amava! Se gemermos debaixo de ferros, nas trevas dos calabouços, os nossos gemidos se encontrarão! Se subirmos ao cadafalso, expiará connosco uma centelha do último clarão da glória portuguesa...

AGOSTINHO

Desterro, cárceres, gemidos, morte... envergonhado aquele que os teme depois duma vingança! Morrer! mas ela... D. Leonor... a vossa irmã, ultrajada... nos braços dele...

MANUEL

Nos braços dele! Oh! que me fulminaste! Que ideia tão negra! nunca, pagem... primeiro há-de ela...

AGOSTINHO

Dizei... dizei...

D. MANUEL

Receber a morte de minhas mãos...

AGOSTINHO

A morte... sim! O vosso último suspiro irá pousar-lhe no seio ao coro dos anjos... e justificará o fratricídio... Matá-la! barbaridade! que viva... que faça as delícias dum esposo... dum amante... do rei... Horror! conosco antes... antes, com esta vida, com este coração, que é dela...

CONDE

Ele ama-a... que ouço!

HENRIQUE

Que desonra!

D. MANUEL

Deliras, Agostinho, deliras?!

AGOSTINHO

Antes delirara! É um incêndio... *(a mão sobre o peito)* é um ferro... é uma lava... é o amor...

D. MANUEL

O amor! que dizes?... o amor!

AGOSTINHO

Sim... sim... o amor!

D. MANUEL

Tu amas minha irmã!... D. Leonor ama-te?! mentes... mentes!...

AGOSTINHO

Minto! Oh! se ela aqui estivesse, nem um de vós me desmentira!

CENA ÚLTIMA

Os MESMOS E D. LEONOR

D. LEONOR, *transportada*

Não... não... ninguém te desmentirá... eu amo-te. (*Lança-se-lhe nos braços*).

D. MANUEL, *o rosto entre as mãos*

Vergonha!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

A CONSPIRAÇÃO

*Torne-vos vossas forças o rei novo,
Se é certo que co'o rei se muda o povo.*

(Camões, *Lus.*, Cant. 4º, Est. 17)

PRIMEIRO QUADRO

Vasto recinto do convento de S. Domingos. Está no centro longa mesa com cadeira régia à cabeceira, e assentos laterais. Sobre a mesa livros, pergaminhos, tinteiro, uma urna contendo uma coroa, etc.

CENA I

FR. BERNARDO DE SANTA JUSTA,
E FR. LUÍS DAS CHAGAS, *ambos ocupados em leitura*

FREI BERNARDO, *lendo*

«Cumpre-nos manter a falsa legalidade de João IV; todavia fareis ver a nossos confrades de Castela, que o nosso direito está sobre bases amovíveis, e que, se as há persistentes, a nós se devem.» Que vos parece?

FREI LUÍS

Isso é proveitoso nos apertos; por agora limitar-nos-emos a soprar o incêndio, e fugir das chamas... Devemos vivificar as espadas com a nossa força virtual e invisível, se bem que...

FREI BERNARDO

Se bem que o itinerário sairá do mosteiro de S. Domingos...

FREI LUÍS

Já que em nós tanta confiança está depositada...

FREI BERNARDO

Assim o exigem nossos sagrados cargos, que nem ainda deixam de o ser, quando se trata duma conspiração.

FREI LUÍS

Os nossos fins. são justos; nem eu creio que da portaria desta casa para fora tenha

saído sentença tão equitativa.

FREI BERNARDO

Vós o dizeis com assaz razão. É justo, e três vezes santo calcar o demónio, e exaltar o anjo.

FREI LUÍS

Assim o parece o nosso príncipe: dócil como se quer... bem diferente do irmão...

FREI BERNARDO

Pedro difere de Afonso como o bom do mau, e o dia da, noite. Mal da nossa soberania se estes génios desenfreados se sucedessem no trono! Afonso VI é uma cratera, que ameaça incêndio aos nossos estatutos, e teme-lhe a explosão, que será bravia! Não sei onde estava a vigilância de nossos direitos, quando este rei crescia vergôntea para empunhar o ceptro! Não sei, Fr. Luís das Chagas, como o berço de Afonso não foi acalentado por mão dum nosso irmão!

FREI LUÍS

À dissolução, e a licenciosa liberdade foi acarretada a este monarca pelo dissoluto António Conti.

FREI BERNARDO

Graças nos sejam dadas! mar em fora, vaga ele desterrado para cá não tornar jamais!

FREI LUÍS

Bem dito, Fr. Bernardo; mas sabeis que os efeitos tornam-se causas, e quando assim sucede, em balde se aniquila a causa primária, que a série dos males será inextinguível. Conti desapareceu do lado do trono, é verdade; porém o veneno cá lho deixou no âmago, e a perversão tocou o apogeu.

FREI BERNARDO

E não temos nós remédio eficaz?

FREI LUÍS

Temos, e mister é que seja heróico...

FREI BERNARDO

Ainda o quereis mais heróico, que uma destronização: mais pronto que um degredo; mais eficaz que um cárcere perpétuo?!

FREI LUÍS

Assim aconteça para glória da. santa religião, e da. ordem a quem os destinos de Portugal estão confiados... Ao toque de matinas deve estar lançada a primeira pedra da nossa Babel...

FREI BERNARDO

E talvez a última; porque debaixo dessa pedra devem ficar as ruínas do trono de Afonso VI; e por cima dela o trono de Pedro II. Pena é que mais cedo se não activassem as molas do estado! Se, há três dias, os conspiradores seculares se dessem as mãos com os eclesiásticos, ou direi antes – se eles tivessem recorrido ao mais forte esteio das conspirações, tivéramos evitado a prisão, e quem sabe se a morte de D. Manuel de Melo, tão honrado cavaleiro, e tão credor da pátria! Queria o incontinente rei fechar o seu reinado com uma violência vergonhosa, sem atender ao parentesco de D. Leonor de Melo!

FREI LUÍS

É verdade, que custa por sobrinha ao Inquisidor-Geral!

FREI BERNARDO

Que tem o ceptro no bico da sua pena; que perscruta os segredos mais recônditos do paço, e da cabana, e que só tem um problema no seu livro de mistérios.

FREI LUÍS

Qual é?

FREI BERNARDO

O pagem de D. Manuel de Melo!

FREI LUÍS

E que é feito desse homem?

FREI BERNARDO

Salvou-se das garras dos eunucos de Afonso VI.

FREI LUÍS

E D. Leonor seguiu a má fada das outras?

FREI BERNARDO

Não. (*Toque a matinas*). Toca a matinas: mais um bocado, e este subterrâneo dará coroas, e tirará coroas. Aqui é o expiáculo dos reis, e os vassallos, ultrajados e vexados,

queixam-se aqui livremente, onde se ouve a sua voz, que se não some como pelas quebradas das abóbadas dos tribunais. João III – João III! o réu, que a tua inquisição hoje condena, não é teu descendente, que, se o fosse, seria piedoso, e respeitador da virgindade como tu! Tenho serena a minha consciência no momento em que opino pelo extermínio do déspota... há-de ser exterminado!...

FREI LUÍS

Nem tão sanguinário...

FREI BERNARDO

Fr. LUÍS... a minha família rega com lágrimas a todo o momento uma nódoa, que lhe gravou o monstro; e essa nódoa é eterna; nem o sangue do maldito a lavaria... *(Ouve-as o rodar de chaves, e divisa-se através da porta uma luz, que se vai aproximando. Os frades erguem-se a abrir a porta do fundo).*

CENA II

OS MESMOS, FR. GARCIA DE MELO, INFANTE D. PEDRO,
FR. AMARO E 7 FIDALGOS

FREI GARCIA

O Rei dos Reis, o génio tutelar das nações, e dos oprimidos, que observa do alto céu todas as nossas acções, permita, caros irmãos, inspirar-nos nesta obra tanto do seu serviço, e humanidade. Infante D. Pedro, sentai-vos. *(Sentam-se, e Fr. Garcia à esquerda do Infante).* Acham-se em conselho os fidalgos – conde de Soure – conde de Pombeiro, Gil Vaz Lobo – conde da Torre – conde de S. João – Gaspar de Pina – o escrivão da Puridade, Fr. Luís das Chagas – e o familiar do Santo Ofício, Fr. Amaro Vieira – o 2º inquisidor, Fr. Bernardo de Santa Justa – e o 1º e vosso servo Carola de Meio. Falta o nosso familiar D. Manuel de Melo, que está preso, *não* se sabe aonde, por enquanto, e o duque de Cadaval, que vigia a segurança de D. Leonor de Melo. –Nosso padre Amaro Vieira, lede perante os escolhidos da nobreza de Portugal as bases do nosso Conselho.

FREI AMARO VIEIRA, *levantando-se, lê*

«Por quanto Afonso VI rei de Portugal, é altamente indigno de administrar seus vassallos, o que não carece de demonstração, cumpre extroná-lo.»

1º FIDALGO

Nem a outra. coisa viemos.

2º FIDALGO

A glória portuguesa se tornaria em opróbrio, quando assim não fosse.

3º FIDALGO

Ou a nação ficaria violada em sua nobreza, e coberta de vilipêndio.

4º FIDALGO

Os desgostos querem mais alguma coisa... não são mesquinhos em vingança.

5º FIDALGO

Não se contentam com a queda do trono.

6º FIDALGO

Querem que caia o homem.

FREI GARCIA

Não vos confundais, senhores!

7º FIDALGO

Inquisidor-Geral! Nós todos somos um homem; a morte a Afonso VI.

4º e 5º FIDALGOS

Morte, morte!

INFANTE

Prudência, senhores!

FREI GARCIA

Continuai, Padre Amaro Vieira.

P. AMARO VIEIRA

«É justo portanto, que se proponham os meios para se alcançarem os fins.»

5º FIDALGO

Conspiração!... Conspiração!

FREI GARCIA

Senhores condes, e mais fidalgos de nossos remos. A presente questão demanda madureza e circunspeção. Não é de avisados, e experientes ceder à atrabilis, que vos domina, a despeito do que diz Salústio: «*Priusquam incipias, consulito, et ubi consulueris maturo facto opus est.*» Operai após reflexão madura. Ela vence mais que a violência do pensamento rápido, e fugaz. A sabedoria é irmã da prudência, e pouco

avisado anda aquele, que se apega às asas do génio iracundo, que não prevê despenhadeiros. Algum de entre vós é mui novo ainda para opinar: *consolito*, ouvi primeiro as cãs, e sereis depois convenientemente ouvidos, e aprovados se o merecerdes. Acerca do 1º artigo seguro estou, nem um de vós outros o contrariará, com pena de perder brios de português, e nome de cavalheiro; mas o 2º é sujeito a diversos entenderes, e várias opiniões. Sereis vós, portanto, Fr. Bernardo de Santa Justa, 2º inquisidor, o primeiro, o mais sisudo em aconselhar.

FREI BERNARDO

Quando a vida de Afonso VI nos garantisse satisfação, ainda assim, mesquinha, por certo, seria nossa sentença. A honra da mulher ilibada é mais valiosa que a vida dum déspota, cuja morte aliviaria a sociedade ofendida, e ultrajada, dum malvado, que causa mais vergonha que mágoa. Apelo para vós.

1º FIDALGO

E a honra de minha irmã?

2º FIDALGO

E a da minha?

3º, 4º E 5º FIDALGOS

Dizeis bem, Fr. Bernardo, a morte é pouco.

INFANTE

Senhores... moderação...

FREI GARCIA

Estranho-vos, à fé! Fr. Bernardo, essa não é a linguagem edificante e pacífica, que vos cabe. Irritastes os ânimos em vez de os aplacar. Falai, padre Amaro Vieira.

P. AMARO VIEIRA

Todo o homem, por criminoso que seja em demasia, tem o momento da consciência, e o da contrição. Não relevo que Afonso VI tão indócil seja, a ponto de contrariar alguma reforma, que, bom grado nosso, se lhe faça no seu comportamento moral e civil, que profundamente desgosta os seus vassallos. Seria bem que primeiro avisado fosse...

4º, 5º E 6º FIDALGOS

Nada, nada!

7º FIDALGO

Não faleis mais se não quereis o labéu de traidor!

FREI GARCIA

Falai, Fr. LUÍS das Chagas.

FREI LUÍS

Afonso VI é aborrecido pela rainha, e como neste lugar o mistério é um crime, sabeis que o Infante D. Pedro ama sua cunhada, e é extremosamente correspondido. Príncipe, isto é verdade?

INFANTE

É.

FREI LUÍS

A rainha de Portugal sairá imediatamente do paço; recolha-se a um mosteiro, e declare a seu marido, que vai, para a França, alegue que não é sua mulher, porque o matrimónio era impossível e anticanónico. Eis aqui o seu requerimento: que o apresente ao cabido, e ele informará a Sua Santidade. A rainha pedirá o divórcio, será divorciada, e passará a núpcias com o rei de Portugal: escolhei-o, fidalgos.

2º, 3º E 4º FIDALGOS

Sua alteza, o Infante D. Pedro.

FREI LUÍS

Logo – o rei de Portugal.

7º FIDALGO

E os crimes de Afonso?

5º FIDALGO

É verdade, e os crimes de Afonso?

FREI LUÍS

Há-de expiá-los no desterro, entre ferros e aviltamento.

5º E 7º FIDALGOS

Bem, bem, entre ferros e aviltamento!

6º FIDALGO

E se algum incidente transtornar nossos planos?

FREI LUÍS

Morte!

TODOS

Morte!

O INQUISIDOR-GERAL, *com o barrete na mão*

Preito e homenagem a D. Pedro II rei de Portugal – Rei de Portugal! (*coroando-o*)
cada pedra desta coroa fulgirá como as vossas virtudes.

INFANTE

E cada uma destas pedras seja uma barra de ferro, sobre meu coração, se algum dia eu violar os direitos de meus vassallos, desde o nobre até ao plebeu.

FREI GARCIA

Viva D. Pedro II rei de Portugal!

TODOS

Viva!

CENA III

Os MESMOS, OFICIAL DO SANTO OFÍCIO,
E DEPOIS O DUQUE DO CADAVAL,
E AGOSTINHO DE CEUTA, *encapotado*

FREI GARCIA

Bem vindo, nosso irmão duque do Cadaval! (*Para Agostinho*) Bem vindo, cavalheiro tão misterioso! quem quer que sejais, confiai-nos vosso nome, que nova coisa é, homem nestes lugares desconhecido!

AGOSTINHO

Sou Agostinho de Ceuta, o pagem de D. Manuel de Melo.

FREI GARCIA

O pagem! – a que vindes?

AGOSTINHO

Encostar uma escora de ferro ao baluarte da conspiração.

FREI GARCIA

Sois conspirado?

AGOSTINHO

Sou.

FREI GARCIA

Quem mo afiança?

AGOSTINHO

O futuro.

FREI GARCIA

E presentemente?

DUQUE

O duque do Cadaval.

FREI GARCIA

Sois perseverante?

AGOSTINHO

Tanto como o meu ódio.

FREI GARCIA

Capaz de tudo?

AGOSTINHO

Menos duma acção vil.

FREI GARCIA

Se Afonso VI...

AGOSTINHO

Se Afonso VI fosse julgado réu de morte, eu matando-o, praticara uma virtude

para que nem os homens nem o céu teriam recompensa.

FREI GARCIA

Inscrivei-o, Fr. Luís.

FREI LUÍS

Vossos pais?

AGOSTINHO

Não conheço.

FREI LUÍS

Pois não sabeis...

AGOSTINHO

Nada.

DUQUE

Fr. Luís, deixai-lhe um espaço para a filiação, que o futuro vo-lo dirá...

FREI GARCIA

E minha sobrinha, duque, e D. Leonor de Melo?!

DUQUE

Está salva, se me não engano. Depois da prisão de D. Manuel de Melo, procurou o asilo de minha casa. Logo depois o seu palácio foi agredido por Henrique de Miranda, com uma guarda do rei. Achava-se ali o criado francês: morreu às mãos do valido. Agostinho de Ceuta teria igual sorte se não sacrificasse à sua fuga a vida dum soldado.

7º FIDALGO

Conjurados, cavalheiros portugueses! seja o nosso juramento solene, e horrível. Jurai pelos ossos de vossos avós, pelas cruces de vossas espadas, pela fé de vossas amantes, e pelos vossos, nomes, que Henrique de Miranda morrerá morte mais terrível, que a que deu ao francês!

AGOSTINHO

Não jureis, cavalheiros; eu prescindo do vosso juramento! Já jurei comigo, e com a minha adaga: deixai a fortuna de Henrique de Miranda, ao cargo de vosso prosélito. Oh! cobarde é aquele que mendiga braços, quando tem dois para fazer estalar o peito dum homem! Há-de implorar-me compaixão com o aviltamento de cobarde! hei-de

dobrá-lo ao peso deste braço, como el-rei dobrou a tenra planta do meu amor! Hei-de esculpir-lhe no rosto uma bofetada de desprezo, como o ferrete que aí negreja eterno no quadro da minha ventura! Hei-de roubar-lhe a vida por entre as chamas do remorso... cravá-lo... e esperar-lhe na ponta do ferro a derradeira convulsão da vida! Maldito sejas tu, rei de Portugal! mais esta mancha negra no teu manto de sangue! Findou o teu reinado! A mão do carrasco fraqueou com o peso de teus crimes! O chão húmido, e álgido dos cárceres aí marca os vestígios de tuas vítimas, e é forçoso que o teu sangue lave o cepo de tuas vinganças, e que os ferrolhos dessas masmorras sintam tuas mãos enroscar-se neles, no afogo da desesperação! O gemido do rei encontrará ainda o eco do último gemido do vassalo, que arrefeceu, e ciciou nessas rochas horripilantes; e a mão do rei há-de encontrar ainda quente o cadeado dessa algema, que rojou nos braços dum irmão, dum pai, ou dum amante!... Maldito sejas tu, sicário, valido, ministro de sangue, rufião vergonhoso, escarro dos homens, maldita sejas tu, primeira ruína do trono! Mostrai-mo nos braços de Afonso... aos pés de Leonor... no sacrário... cadáver inanimado... mostrai-mo, que lá mesmo resgatarei a minha adaga do seu juramento.

FREI GARCIA

Pagem! os vossos transportes não dizem bem com a solenidade de nossos actos!... abrandai... abrandai.

AGOSTINHO

Senhor! – é necessário que me ouçam os homens, os ferros, e os subterrâneos! Cada homem é uma vitima a reclamar vingança, cada ferro é um incentivo atroz para a ideia do sangue, e cada subterrâneo é o amor, o ar, a vida, e o sepulcro do desterrado! Oh raiva! que hajam grilhões na terra, que aqui me prendam! que não possa eu dispor desta vida... que me não pertence!...

CENA ÚLTIMA

OS MESMOS, E O OFICIAL DO SANTO OFÍCIO

OFICIAL DO SANTO OFÍCIO, *ao fundo*

Senhor duque do Cadaval, a vossa casa está cercada por soldados, e no Rossio se ajunta o povo.

AGOSTINHO

D. Leonor de Melo! salvemo-la.

TODOS

Salvemo-la!

SEGUNDO QUADRO

Sala magnífica da casa do duque do Cadaval

CENA I

D. LEONOR DE MEIO, *escrevendo*, E BEATRIZ, CRIADA, *junto dela*

D. LEONOR

Não sei se escrevi uma palavra do pensamento! (*Lê*) «Agostinho, querido Agostinho, livra-me de Henrique de Miranda. (*Ouve-se o estrondo de abrir e fechar portas*) Está o palácio cercado, se me não vales... já posso perder-te!» Beatriz, vai... vai ao convento de S. Domingos... a meu tio... ao inquisidor, que lhe diga... vai, vai.

D. LEONOR, *só*

Justo Deus, porque sou eu tão infeliz! Como é possível a pureza da minha vida, quando a combatem os flagelos, que lançastes na terra! Que desgraças, que má sorte eu mereci! Que grandes desgraças se preparam! Que nuvem tão baça está sombreando a minha mocidade! Ah! em que época eu nasci! os nossos corações, escravos de quem aborrecemos... As cadeias que o gosto da vida tinha imaginado... quebradas pela vontade dum rei déspota!... ele não... não as quebrará! ò meu amor, que tão combatido és! Maldito rei, que tanto enegreces minha vida! Meu Deus, suavizai minha desgraça! Dai-me o meu irmão, amparai-me o meu... meu Deus, o meu esposo! Tanto hei merecido... tanto serei criminosa!... Virgem Maria! valei-lhes, protegei-os... pelas vossas sete dores... Meu Deus, que estrondo! Ah! (*Perturbada, senta-se*).

CENA II

D. LEONOR, HENRIQUE DE MIRANDA, SOLDADOS AO FUNDO,
E BEATRIZ, DEPOIS, *abre-se a porta por empuxão*

HENRIQUE, *à parte*

Oh! ei-la: – comecemos pelo fingimento... (*Alto*) Muito nobre senhora D. Leonor de Melo, eu vos saúdo. Vejo-vos assustada, pálida, e desfigurada! que motivos haveis para tanto?! Acaso vos aterrorizam as aberturas das portas? isto nada tem com a vossa tranquilidade. Nós viemos da parte de el-rei, para capturar o rebelde duque do Cadaval. Nem era de esperar aqui achar-vos, quando não costumais sair de vossa casa!

D. LEONOR

Se procurais o duque do Cadaval, de sobra vedes que aqui não está; e, se comigo nada tendes, por bondade me deixai, que minha, bem o sabeis, não é tal casa.

HENRIQUE

Esta casa de el-rei é, e vossa a podeis julgar portanto.

D. LEONOR

Minha! não me faleis de el-rei, que de contrário vos deixo.

HENRIQUE

Deixardes-me, senhora, que tanto vos lisonjeio!

D. LEONOR

Por isso mesmo vos aborreço.

HENRIQUE

É quando eu mais vos amara; porque demasiado gosto de lutar com as dificuldades.

D. LEONOR

Loucura é, quando de as vencer esperança não houverdes.

HENRIQUE

Vencer, sempre eu venci, e por corrido me tivera se vos não vencesse.

D. LEONOR

Que dizeis? sede claro...

HENRIQUE

Bastante o tenho sido.

BEATRIZ, *entrando*

Senhora! soldados em todas as portas... (*Leonor quer sair; Henrique estorva-a*).

HENRIQUE

E que tem isso? Mui indiscreta sois, senhora D. Leonor de Melo, para assim me deixardes tio descortesmente!

D. LEONOR

Deixai-me, quando não, uso de violência para sair.

HENRIQUE

Que violência?!

D. LEONOR

Beatriz! vai...

HENRIQUE

Não vai, não. Olá, soldados; levem essa mulher, e tenham-na em vigilância (*Executam*).

D. LEONOR

Senhor, senhor, tende compaixão de mim!

HENRIQUE

Ora pois: gostei agora dessa metamorfose rápida! Não sabeis, formosa dama, que o coração de Afonso VI é um sacrário de amor, e brandura, e um vulcão de raiva, e violência?! Consultai as fidalgas, vossas contemporâneas, que lições vos podem dar... Bem; como esta casa não é vossa, nem é minha, eu, na ausência do directo senhor, tomo a franqueza de vos mandar aqui sentar.

D. LEONOR

Deixai-me por piedade!

HENRIQUE

Piedade vos quero eu implorar para Afonso VI. Se soubésseis quanto ele sofre... que incêndio lhe lavra na vida tão preciosa!... Ora dizei, a que aspirais? assim pondeis de resto a amizade dum rei?!

D. LEONOR

Calai-vos, senhor, que não posso ouvir-vos, sem sentir fugir-me o entendimento...

HENRIQUE

Pois então, antes que ele vos fuja, haveis responder-me terminantemente: quereis amar el-rei, ou quereis que ele vos aborreça?

D. LEONOR

Que me aborreça.

HENRIQUE

Pois ele não vos aborrece. Há-de possuir-vos inda que para isso tenha de mover

uma guerra civil.

D. LEONOR

Uma guerra civil... santo nome de Deus!

HENRIQUE

Nos acuda, senhora, quando tão mal encaminhada vai a vossa sorte! Vosso irmão está preso... O vosso pagem, quem sabe onde estará? talvez cadáver...

D. LEONOR

Que dizeis? cadáver!

HENRIQUE

Digo que abati o seu orgulho com a ponta deste punhal...

D. LEONOR

Monstro! E ele que mo não disse... Vai, malvado, vai, longe de mim... Hei-de vingar-me... não abuses de minha fraqueza... hei-de vingar-me...

HENRIQUE

Com efeito!

D. LEONOR

Nem uma palavra, infame escravo!

HENRIQUE, apertando-lhe um pulso

Silêncio, mulher; silêncio, D. Leonor... que já tenho outra linguagem! Não há nada que vos salve de ser hoje de el-rei! As trevas da noite hão-de ver-vos passar, e não saberão dizer onde para a berlinda, que vos conduz! Os vossos gemidos serão gemidos no deserto; e as vossas lágrimas hão-de mover-se, como os ventos movem a rocha! Nada vos defende, orgulhosa! O irmão, não, eu to afirmo, que geme, e generá debaixo de ferros...

D. LEONOR

Ah!

HENRIQUE

O pagem?... também não... que lhe resta poucos momentos de vida...

D. LEONOR

Meu Deus!

HENRIQUE

Então, D. Leonor, já sabeis ao que vim? é preciso acompanhar-me, e já...

D. LEONOR

Nunca... – (*Gritos próximos*).

HENRIQUE

Estes gritos! Soldados, conduzam esta mulher à minha berlinda...

D. LEONOR, *a uma janela*

Socorro! socorro! – (*Dois tiros fora*).

VOZES

Morra o valido... morra o valido!!

HENRIQUE

Estou perdido! Soldados, resistência...

CENA ÚLTIMA

Os MESMOS, E OS CAVALHEIROS *que vimos na conspiração, entrando por todas as portas; lançam-se aos soldados. AGOSTINHO à frente com a adaga desembainhada.*

AGOSTINHO, *para os conjurados*

Suspendei! (*Para Henrique*) Malvado, eu te conjuro para que me digas a prisão de D. Manuel de Melo...

HENRIQUE

Inda vive... nos subterrâneos do castelo de Évora...

AGOSTINHO

Poderias morrer com o teu segredo, infame! (*Ergue a adaga*).

D. LEONOR, *ajoelhada ante ele*

Perdoai-lhe, que é um miserável escravo!

AGOSTINHO

É um miserável escravo! (*Perturbado*) E o meu juramento!... (*Deixa cair a adaga*).

FIM DO SEQUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

O SUICÍDIO

*Fugiu-lhe a alma indignada, e na montanha
Tartárea inda blasfema...*

(Camões, *Lus.*, Cant. 4º, Est. 48)

Visita do cárcere do castelo de Évora; com porta férrea comunicável com corredor subterrâneo. Alguma palha, um cepo, uma bilha de água, ao pé duma porção de pão.

CENA I

D. MANUEL DE MELO, *levanta-se trôpego*: – *vozes sumidas*

É um sofrer ilimitado! Sempre estas trevas... sempre estas abóbadas sepulcrais... sempre este pavimento gelado... sempre estas algemas... estas palhas, e a ideia desta morte tão feia... tão espantosa! Estes ferros tão pesados... este existir mais pesado que eles... oh! que dor! Estala-me o coração... as lágrimas morrem-me nos olhos... falta-me o ar... abandonam-me os sentidos... Minha querida irmã... minha Leonor... minha vida!... (*Como desfalecido senta-se pausa: levanta-se lentamente*) Eu tive um amigo... amava-o como Deus ama os anjos, e adorava-o como os anjos adoram Deus! – e ele... ele – traiu-me! – calcou o afago fraternal – esqueceu que lhe dei um nome... que o livreiro do lodo da servidão!... O pagem! o filho de pais incógnitos! Agostinho de Ceuta, levantou os olhos para a irmã do seu benfeitor... recebeu-a nos braços à minha vista, e ousou, diante dos validos, proclamar o seu vergonhoso amor! Que é feito dela... que é feito dela? Há três meses que não vejo o dia! Que multidão de horríveis pensamentos a toldar-me a inteligência! Quem sabe se nos braços do rei déspota... nos braços do servo traidor, ludibriada... escarnecida... desprezada... e talvez banida da nobreza! Justo Deus, se é negra: a sua sorte, matai-me antes, que eu a conheça... Ainda há pouco um sonho horrível... Cuidei vê-la abafar de paixão prostrada aos pés de Afonso VI!... E este infame atormentava-a inexoravelmente com uma vista feroz... ria-se às vezes com um riso de demónio, escarnecia-lhe a sua defesa, e o seu lamentar! Outras vezes cortava-lhe o pranto com um grito medonho!... Ela transia-se de susto... lançava-lhe uns olhos de piedade... ia sucumbir à cólera do execrado... eis que um punhal, e um braço de ferro descaí sobre o ombro do tirano... e depois, uma música tão sonora!... não sei se sonho também! e um canto tão fúnebre... desperta-me... afugenta-me este quadro menos horrível no seu fim! E aqueles sons desapareceram... aquela melodia sumiu-se, e achei-me outra vez nesta atmosfera abafada, neste viver horroroso! Irmã de minha alma! eras tão estranha aos sofrimentos... tão alheia para o mundo... só conhecida pelo teu irmão... só afagada pelos seus carinhos! Insensato! ela amava um homem... amava um pagem!... queria denegrir os meus brasões com o nome do incógnito... queria que o pagem fosse chamado esposo, e nem sequer com as lágrimas nos olhos me disse que amava! Infamou-me... atraçou-me, e votou para a minha morte! Irmã, que eu tanto amava, delicias da minha vida, levaste-me à sepultura! Não me pesam estes ferros, não me congelam estas abóbadas... nem me atormentam estas trevas... é a tua ingratidão, mulher, a tua ingratidão! Amaldiçoada sejas tu... foste o meu suplício... o meu inferno!

Mas... que delírio! Escravo das paixões sou eu... já senti a violência do amor... a cegueira, a fraqueza do coração! Quem sabe se ela em vão se quis vencer! quem sabe se a paixão suplantou o raciocínio!... Quantos suspiros lhe custaria aquele amor! Triste condição do nosso espírito! Oh! se eu a visse agora tão extremosa, como a vi; tão consoladora como a experimentei nas minhas paixões... tão nobre como no momento em que rasgava a carta do rei... tão espirituosa e amante, como nessa hora aziaga em que se lançava nos braços de Agostinho de Ceuta! que repugnância sinto com este nome! se a visse... perdoara-lhe e fizera cair-lhe no seio lágrimas de irmão...

CENA II

D. MANUEL, E O CARCEREIRO

CARCEREIRO

Deus vos guarde, senhor. Parece que vos vejo mais animado que ontem!

D. MANUEL

Sim, dizeis a verdade. Estou mais animado que ontem para morrer...

CARCEREIRO

Deus há-de fazer o melhor... (*À parte*) Que impressão tão dolorosa me fazem os padecimentos deste homem! (*alto*) pois parece que há razões para sofrerdes menos...

D. MANUEL

Acaso sabeis de minha irmã?

CARCEREIRO

Não conheço vossa irmã, nem tive ainda o gosto de vos conhecer; e bem ingrato sois em ocultar o vosso nome a quem tanto de afeição vos tem!

D. MANUEL

Sois um bom homem! Dizei, porque devo sofrer menos?

CARCEREIRO

Porque tendes música na vizinhança.

D. MANUEL

Música?!

CARCEREIRO

Sim: – entrou ontem à noite para aquele subterrâneo um rapaz ainda novo, bem apessoado, e trazia um bandolim. Vê-lo aí, que, em lugar de cair na melancolia, como vós, Logo hoje começou a tocar e a cantar com grande gosto!

D. MANUEL, *recordando-se*

Não me enganei... foi o canto, e o som, que me despertaram do sonho!... E não sabeis o nome desse infeliz?

CARCEREIRO

O que sei é que veio à ordem de el-rei, e tanto basta. Vamos ao que importa... ai que ainda tendes o pão todo! Vede se comeis, porque é melhor sair vivo daqui a vinte anos, que, morto, amanhã... Estais tão pensativo! cobrai ânimo, tende espírito como o vosso vizinho. Ora isto! quantos aqui têm estado por ordem de el-rei, e todos saem mais tarde ou mais cedo... Ânimo, ânimo, e até logo (*Sai*).

D. MANUEL

Afonso VI, Afonso VI, que época tão sanguinosa perpetuou o teu reinado! Flagelo de portugueses! que gemidos não vão por essas masmorras, que desterrados por esses -sertões! Debaixo da tua prepotência, o pai não pode contar com o filho, o irmão com a irmã, o esposo com a esposa! Quantos amantes tem aniquilado o teu zelo infernal e a tua nefanda dissolução! E serás tio criminoso impunemente à face de Deus, e dos homens! Não gemerás coberto de miséria, como eu gemo, carregado de ferros como eu, sujeito ao cutelo do algoz, como eu estou à tua vingança! Oh! se este coração não lisonjeia a própria dor, eu te juro que tens de tragar os amargores das masmorras, e os ferros do condenado!... Tiranos do trono, déspotas da terra, presas do inferno! Os oprimidos sofrem até ao penúltimo órgão do sofrimento! Quando a seiva do despotismo lhe ameaçar a derradeira fibra, tremei, ó reis, tremei, validos, que a sua cólera fulmina como o raio, os seus gritos são de estertor, sanguinários e pavorosos... o seu sangue flui em torrentes, e sobre elas os tronos flutuando vão de encontro a cadáveres despedaçar-se!

Perto de mim há uma vítima... um desgraçado como Manuel de Melo, e quem sabe se ainda mais! Porque padecerá?! talvez cavaleiro de nome e serviços que tivesse uma irmã... imolada à luxúria do rei devasso... Talvez amante, que ainda é mais, roubada a seus olhos... longe de seus suspiros, desenlaçada de seus braços, esta hora talvez... (*Ouve-se o prelúdio do bandolim*). Ei-lo...

CANTO

Beatriz, Beatriz, eu perdi-te!
Onde estás... nunca mais te verei!
Carregado de ferros de amor,
Bem mais duros que os ferros d'el-rei.

Eras minha! já dado me havias
Coração, alegria e prazer!
Mas el-rei invejou-me a ventura,
P'ra gozar-te, mandou-me morrer!

Justo Deus! maldição sobre o rei,
prepotente, cruel e Inumano,
Que escarnece dos povos a lei,
E sobre eles calcou tão tirano!...

D. MANUEL

Lamenta uma mulher, que havia encher de doçura a sua vida! – uma parte da sua alma, que lha usurpou o monstro coroadado, o espectro horrível, que vai ao centro de nossas famílias gravar o ferrete da desonra na virgem recatada, na esposa prometida!... Foi uma voragem, que lhe rebentou debaixo de sua felicidade... devorou-lha, morreu-lhe a esperança, e o resto dessa existência desbotada, e ressequida, há-de sumir-se-lhe pelos ângulos destas rochas... E ela! coitadinha! a pomba empolgada pelas garras do falcão, lá vai gemer longe dos seus, cheia de terror, e de desonra, e de vergonha! «Justo Deus! maldição sobre o rei! » – dizia ele... mas, ah! que a vingança de Deus é tão tardia! O corisco celeste não fulmina o monstro, e os crimes seguem-se, e ligam-se, como os feitos duma raça ignominiosa! (*Ouve-se ao longe uma pancada forte*).

VOZ, dentro

Quem bateu?

VOZ, dentro

Da parte do Santo Ofício.

D. MANUEL

Da parte do Santo Ofício! Talvez alguma intriga! não pode ser... eu sou seu familiar!... grandes coisas se têm passado!

CENA III

D. MANUEL, AGOSTINHO DE CEUTA, E DEPOIS O CARCEREIRO

AGOSTINHO

Que horror! (*baixo*).

D. MANUEL

Talvez o meu verdugo...

AGOSTINHO

Não é o vosso verdugo...

D. MANUEL

Esta voz...

AGOSTINHO

É a do vosso pagem Agostinho de Ceuta.

D. MANUEL

Agostinho de Ceuta! – esse malvado vem exacerbar minha dor à profundidade da terra?!

AGOSTINHO

Meu Deus... ele está demente! (*baixo*).

D. MANUEL

Fala, traidor! – a que vens?

AGOSTINHO

Está iludido... acaso pensará que...

D. MANUEL, *aproximando-se*

Responde, responde àquele que te fez homem de nome, e te deu armas, elmo, e capacete! Responde àquele que te deu o coração, e os seus mais misteriosos sentimentos! Responde àquele, que te chamava amigo de alma, e que te explicava o riso, que lhe esvoaçava nos lábios, e as lágrimas que lhe despontavam nos olhos! Responde àquele que atraíçoaste; – ao irmão traído de D. Leonor de Melo!

AGOSTINHO

D. Manuel, basta... por compaixão...

D. MANUEL

Pagem, a que vieste?

AGOSTINHO

A dar-vos prazer.

D. MANUEL

Prazer do inferno! a que vieste, pagem?

AGOSTINHO

A dar-vos liberdade.

D. MANUEL

É a liberdade que dá o algoz ao laço do condenado...

AGOSTINHO

Senhor D. Manuel, a vossa razão está alterada. Esmagai meu coração; mas deixai com vida a pureza de meus sentimentos... esmagai-o, que pouco afã haveis mister para isso; mas deixai-o primeiro arrancar os espinhos, que lhe cravais tão pungentes....

D. MANUEL

Ah! pagem, pagem, que assim profanas a honra e a pureza de sentimentos! onde está a honra naquele que esqueceu o sagrado direito da hospitalidade, o direito mais sagrado do amigo, para lhe roubar os carinhos duma irmã, que era o matiz da vida do atraindoado – que era uma luz consoladora nas trevas duma vida desgostosa e uma gota de água num deserto abrasador! Pagem! onde está a tua pureza?! Tu ias com mão alçada denegrir a glória de meus passados... ias lançar um véu negro sobre os meus brasões, e sepultar no esquecimento o nome dos Meios... Pagem! onde está a tua pureza?

AGOSTINHO

Na minha justificação.

D. MANUEL

Como é que se justifica o amante, que recebeu nos braços a sua amada, em face do próprio irmão?!

AGOSTINHO

Explicando a simplicidade, e a inocência desse acto.

D. MANUEL

Inocência! Diz cá, homem, não sabes que eu também tive paixões, que também amei, que conheço a inocência dum abraço?! – Ofendes-me, e escarneces-me...

AGOSTINHO

D. Manuel de Melo, não sei que inspiração íntima me manda ser tão sincero como orgulhoso neste momento! Eu não tenho palácio, nem brasões; mas tenho um coração como o vosso: – não tenho retratos, nem lanças de meus passados: mas tenho uma corda no coração, cujo som corresponde a outro igual, que tendes afinada pela. mão do mesmo artífice. Eu, e vós somos dois homens, que lançados num sertão, depois do nosso nascimento, em tempo algum diríamos um ao outro: – eu sou nobre, tu és plebeu: eu abri os olhos entre os damascos, e as sedas dos palácios, e tu, entre os boréis, e as palhas das cabanas». D. Manuel, do nobre ao plebeu vai a diferença do regato pobre e manso, ao rio caudaloso e bravo: – a água é a mesma; a diferença está na placidez de um, e na arrogância do outro. Há um grande mar, onde as aguas se confundem; ha uma

eternidade, onde as hierarquias desaparecem... Eu amava D. Leonor de Melo, porque minha alma era mais nobre que as minhas insígnias, e se divorciara com os preconceitos do mundo. O coração me estale nas cavidades do peito, se neste amor de pagem para fidalga, caiu a nódoa da malignidade, e o sentimento da impureza! era um amor monótono através duma existência imaculada, um amor sem triunfo, qual árvore, que conserva as folhas em toda a vida sem produzir um fruto! Eu tinha confiança bastante na minha honra para temer uma alteração vergonhosa em meu carácter. Nunca vos pinte o quadro do meu coração, porque sentia uma barra de bronze sobre o peito, e as vezes morriam-me na garganta... – morriam, porque vos conhecia possuído de prejuízos, e incapaz de ouvir, a sangue-frio, uma confissão ingénua do plebeu, do aviltado, do desprezado, do condenado com o ferrete da insociabilidade. Entendi, que os meus sentimentos não eram sentimentos; que o meu coração não era coração; que o meu amor era uma coisa sem nome, desconhecida para o homem sem nobreza; que... era um monstro produzido no filho de pais incógnitos. Mas este pária. da sociedade, Agostinho de Ceuta, não era capaz duma traição! As explosões, que lhe rebentavam no peito, quando via deprimida a honra de D. Leonor de Melo, eram involuntárias ilusões do instinto, que se julgava habilitado para o amor... Aquele transporte, que testemunhastes, e que me traz o labéu de traidor, foi resultado de duas impressões, que gladiam – a do amor, e a da raiva! – Se eu visse D. Leonor de Melo nas aras nupciais com um cavaleiro... eu folgara por instantes na sua felicidade, e iria depois finar-me de dor, e de tormento nas lavas do amor... – mas... nos braços de Afonso VI prostituída... gozada... perdida... oh! nunca, inda que a vossa vontade o determinasse!

D. MANUEL

Agostinho, não me ofendas! A minha vontade... disseste tu... a minha vontade! Não vês estes ferros, estas rochas, são a prova de minha honra...

AGOSTINHO

E estas palavras o são de minha pureza. D. Manuel, que me resta fazer para recuperar meus créditos?

D. MANUEL

Um perdão para as minhas injustiças, uma desculpa para a minha fantasia... e...

AGOSTINHO

Dizei, que me resta?

D. MANUEL

A constância da vossa honra... Mas D. Leonor minha irmã onde existe?

AGOSTINHO

Livre da desgraça, e protegida pelo dever de pagem, e não de amante.

D. MANUEL

Livre da desgraça! (*Lança-se-lhe nos braços*). Ah! dá-me o gosto da vida, livra-me das margens da sepultura!...

AGOSTINHO

Prestes, prestes, senhor; é precisa a vossa liberdade... já, já, que mais tarde sereis vítima do furor de el-rei, ou dos privados. Vossa irmã está no mosteiro das religiosas da Madre de Deus. Roubei-a ao valido Henrique de Miranda, no extremo momento de a salvar: está salva, D. Manuel, e vós também o estais... (*Introduz-se no corredor subterrâneo, e tange uma sineta*).

D. MANUEL

Oh meu Deus, meu Deus, que sublimes são vossos mistérios!

AGOSTINHO, *volvendo*

Depressa a vossa liberdade... (*Entra o carcereiro*). Homem, a chave daqueles cadeados?

CARCEREIRO

Senhor...

AGOSTINHO, *com a adaga em ameaça*

A chave daqueles cadeados, ou morres! (*Ouve-se estrondo em porta remota*).

CARCEREIRO

Senhor cavalheiro... eu vos empenho a minha vida, que me deixeis abrir a porta... Espero aqui hoje o ministro de el-rei...

AGOSTINHO

Henrique de Miranda?

CARCEREIRO

Sim, sim.

D. MANUEL

Estamos perdidos!

AGOSTINHO

Estamos salvos... eu não sairei... esconder-me-ás daqui perto, e logo que ele saia...

CARCEREIRO

Porei em liberdade o preso...

AGOSTINHO

Vamos... D. Manuel, esperança! Meu Deus! como castigais o criminoso na presença do crime! (*Saem*).

D. MANUEL

Sinto arfar meu coração como nunca senti! não é pavor... as forças esvaem-se-me rápidas como a vida... é um agouro tremendo...

CENA IV

HENRIQUE DE MIRANDA, E D. MANUEL DE MELO

HENRIQUE, *baixo*

Que ar tão carregado se respira aqui! por isso o orgulho nestes lugares perde muito da sua, força... D. Manuel de Melo, está aqui Henrique, de Miranda, ministro de el-rei.

D. MANUEL

Sejais bem-vindo.

HENRIQUE

Tendes conhecido qual a vingança dum rei desacatado?

D. MANUEL

Conheço qual a vingança do déspota.

HENRIQUE

Sabeis que esse novo crime pode perpetuar vosso tormento?

D. MANUEL

Sei, porque o despotismo é ilimitado.

HENRIQUE

E se os vossos tormentos cessarem hoje, deixará de ser déspota Afonso VI?

D. MANUEL

Há-de sê-lo sempre, enquanto não justificar a causa dos tormentos por que hei passado.

HENRIQUE

Fostes de encontro aos seus desejos.

D. MANUEL

E ele espezinhou os meus direitos.

HENRIQUE

Os direitos do vassalo, nos gabinetes dos reis, valem tanto como um compêndio de moral nas mãos dum dissoluto. A liberdade dos povos tem força de lei, enquanto é indispensável aos monarcas.

D. MANUEL

Vós o dizeis.

HENRIQUE

Imaginai que já estáveis prefazendo os três dias de oratório, e que vos interrompia um mensageiro a ideia da eternidade para vos anunciar perdão, e vida.

D. MANUEL

Exultava de prazer.

HENRIQUE

E se vos dissessem que algumas condições vos eram impostas para serdes livre?

D. MANUEL

Ouvia-as primeiro.

HENRIQUE

Tal, e qual o vosso estado. Quereis salvar-vos?

D. MANUEL

Quero, salvando a minha honra.

HENRIQUE

E se vos pusessem a honra no prato numa balança sobre a sepultura, e a vida no

outro prato sobre felicidades imensas?

D. MANUEL

Desceria com honra à sepultura.

HENRIQUE

Isso são belas teorias... Estais condenado à morte por haverdes conspirado contra a vida de el-rei.

D. MANUEL

Mentis.

HENRIQUE

Se não respeitasse o vosso estado, cara vos ficaria desonra que me fazeis...

D. MANUEL

Muitas vezes vo-lo disse em público e nunca me pedistes satisfação.

HENRIQUE

Em suma, estais condenado à morte. Fazei com que vossa irmã passe ao poder de el-rei, e sereis livre.

D. MANUEL

Ide-vos, não o quero ser.

HENRIQUE

A amizade de vossa irmã com el-rei será um mistério, que nunca vos dará desonra.

D. MANUEL

Ide-vos... Estou condenado à morte.

HENRIQUE

E nada vos salvará! A morte é horrível! o tempo descobrirá vossa irmã, e as vossas cinzas na sepultura não obstruirão a vontade do rei.

D. MANUEL

o mesmo: a desonra não baixará às minhas Cinzas.

HENRIQUE

D. Manuel, decidi; o tempo voa, salvai-vos.

D. MANUEL

Basta de injúrias, malvado! – cumpre as missões do carrasco... Vai, leva a minha cabeça ao teu rei, e reclama a recompensa do teu zelo! Leva-lhe estas vestes tintas de sangue, e as minhas armaduras retalhadas de golpes... O inferno se abra a meus pés, se esse tirano algum dia conseguir a desonra de minha irmã! Infame! diz-lhe que, depois de mim, fica uma nação inteira para me vingar... Diz-lhe que há quarenta punhais para proteger Leonor de Melo... que qualquer dos conjurados tem uma nódoa na sua família, que lha esculpiu esse negregado... Hão-de vingar-se, ou esta masmorra há-de arrefecer os seus últimos suspiros...

HENRIQUE

Não se vingarão, não. Aqui tens o nome de teus cúmplices, para te acompanharem ao cadafalso, e experimentarem o alfange dos regicidas...

D. MANUEL

Estão salvos, perverso, estão salvos, assim tu estiveras...

HENRIQUE

Eu desprezo as tuas ameaças, escarneço os teus delírios, e glorio-me na certeza de minha vingança... Que importância dás a Leonor de Melo! Antes a queres contemplar nos braços do pagem?! – queres ver no teu pergaminho uma nódoa, que as façanhas na guerra, e a sabedoria na paz, jamais extinguirão?! Já a viste nos braços do pagem? já: também eu a vi! Quem sabe se a estas horas... vou exasperar o teu tormento... Queres saber como eu a encontrei?, oferecendo-lhe a face para um ósculo de servo, achado no lodo da ralé, filho talvez dum vil, rasteiro, e miserável peão!

D. MANUEL

E viste-a dar-lhe um ósculo?

HENRIQUE

Vi, vi, assim tu visses a luz do dia, que não fulge para ti, e o que tu desejas, que tudo morreu antes de o alcançares...

D. MANUEL

Mentes, mentes!

HENRIQUE

Não conheces que tenho sido contigo demasiadamente generoso? Não conheces, que tenho sede de vingança, que tenho o nome do valido, e, sendo necessário, o cutelo

do verdugo? Olha cá, miserável, não tremes, quando vês ante ti como a sombra do teu sepulcro, Henrique de Miranda, tão poderoso, como inexorável, que recebeu de tua mão uma bofetada, porque recusou medir-se contigo? Não imploras compaixão... ao rival, que escarneceste, e repeliste, quando amávamos ambos a D. Mécia de Noronha? E pensavas tu, que o privado do monarca havia sufocar no peito a raiva, nas faces a vergonha, e o punhal no seio?! Ignóbil! se não fosses hoje uma presa minha, que ninguém me disputa... se não tivesse como certa uma morte, que te há-de lentamente ralar neste antro... nestas rochas frias, e broncas... lenta morte e torturas... eu fizera já morrer contigo a esperança!... Esperas salvamento? Queres um punhal da terra para tua defesa? queres uma lança do inferno para me afrontares? queres palavras do céu para me suavizar, e compungir?... nem a terra nem o inferno... nem o céu te protege! Morres... e bem vingado me deixas!... Morres, e não morres hoje, nem amanhã, nem depois!... Imaginas, o que é morrer coberto de miséria... abatido pela fome, ver morrer primeiro nestes ângulos as vozes moribundas! chamar a irmã, ver uma rocha... chamar o pagem, ver um espectro... verter lágrimas de rancor, e de saudade, e vê-las geladas neste pavimento... na tua sepultura... sabes o que é isto? é a vingança do valido, é a raiva, é o ciúme do amante que venceste, é... o preço duma bofetada!

D. MANUEL

As horrorosas sombras da tua maldade não escurecem a providência de Deus!... Eu serei resgatado...

HENRIQUE

Fanático! morres na tua inútil crença! Pensas que virá aos subterrâneos do castelo de Évora algum anjo do céu, para te proteger com as suas asas? Insensato! não sabes que a minha vingança é mais poderosa que o teu Deus? Ruge como tigre, lamenta como sereia, e vê se algum dos teus santos dobra a ponta deste ferro, ou suaviza as algemas, que te roxeiam os pulsos?!...

D. MANUEL

Há homens na terra, que executam as inspirações do Altíssimo, e o vingam das blasfêmias dos condenados.

HENRIQUE

Há homens... – queres cá o teu pagem? queres cá o teu francês?

D. MANUEL

Que fizeste ao meu francês?

HENRIQUE

Conheces-lhe o sangue na ponta dessa adaga?

D. MANUEL

Que fizeste ao meu pagem?

HENRIQUE

O teu pagem?... matei-o.

D. MANUEL

Mentes, cobarde, mentes!

HENRIQUE

Minto! quem to há dito... acaso terás comunicado!... Carcereiro... carcereiro...

CENA ÚLTIMA

Os MESMOS, E AGOSTINHO DE CEUTA

AGOSTINHO

Não é o carcereiro: é Agostinho de Ceuta, que aparece ao seu matador.

HENRIQUE

Inferno! Traição!

AGOSTINHO

Inferno? – está esperando a tua alma! Traição? – é o modelo das tuas; mas excede-as no sangue!

HENRIQUE

Deixa-me...

AGOSTINHO

Deixar-te! Há três meses, que te deixei a vida, quando te tive debaixo desta adaga! Lembras-te daquela madrugada, que entraste armado na casa do duque do Cadaval... que entraste na sala de D. Leonor de Melo... que lhe puseste guardas nas avenidas dessa casa... que lhe apertaste assim... os pulsos, e a mandavas meter numa berlinda, pelos soldados brutais? Lembras-te, valido de el-rei?

HENRIQUE

Perdão...

AGOSTINHO

Perdão, dizes tu! vil, cobarde! não tens à cinta o punhal que matou o francês, que feriu Agostinho de Ceuta, e que nem os santos dobram?! Estás a face com o inimigo, com a mais forte barreiras de teus crimes... com o teu algoz, e não o derrubas?! Amaldiçoado! ainda há pouco impunhas condições de morte àquela vítima... pintavas-lhe o oratório, o alfange, o patíbulo, a desonra da irmã, e agora... encontras um verdugo, que te não concede um momento de resolução!

HENRIQUE

Perdoai-me!

AGOSTINHO

Perdoar-te! Não ouves os brados de D. Mécia de Noronha, daquela virgem que vendeste ao prostíbulo do teu rei... daquela amante que roubaste àquele homem... daquela filha que roubaste a pais tão carinhosos, que a choram por aí ínfima andeja, a barregã, a cobrir a vergonha do rosto com um véu, que lho não cobre... a vergonha, maldito, a vergonha, que lha gravaste naquele rosto, todo inocência, virgindade, e timidez?...

HENRIQUE

Remorso!

AGOSTINHO

Alma de pedra, pedra de ignomínia! E querias tu viver! Ruge como tigre, lamenta como sereia e vê se os teus demónios torcem a ponta deste ferro!... ou suavizam o peso deste braço... Não é assim que dizias há pouco àquele homem? Já sabes que o Altíssimo tem homens na terra, para o vingarem das blasfémias dos condenados! Já vês que há um punhal na terra, para defesa de D. Manuel de Melo? Predisseste alguma vez, que este calabouço seria o teu expiáculo? que os amores de el-rei te cavavam a sepultura nos subterrâneos do castelo de Évora? que este ar carregado, que te custava há pouco a respirar, havia ser mais insuportável, e deletério, pela putrefacção do teu cadáver?

HENRIQUE

Ah! não me mateis...

AGOSTINHO

Morres... morres... que não há aqui uma D. Leonor de Melo, para salvar-te... morres... morres! (*Ergue a adaga, Henrique foge-lhe*).

HENRIQUE

Morro; mas não às tuas mãos!... (*Crava-se o punhal*) Inferno... In... fer... no! (*Cai*).

AGOSTINHO, *indigitando-o*

Julgou-se! morreu como devia morrer...

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO QUARTO

O FILHO DE PAIS INCÓGNITOS

*Depois da procelosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e, salvamento.*

(Camões, *Lus.*, Cant. 4º, Est. 1ª)

PRIMEIRO QUADRO

Espaçoso interior duma ceia do mosteiro de religiosa da Madre de Deus. – Oratório, etc. – Grade para o exterior.

CENA I

A MADRE ABADESSA, SOROR CONSTANÇA DA NATIVIDADE,
E DEPOIS D. LEONOR DE MELO

SOROR, *ajoelhada, e orando por um livro*

«Espírito Santo, vinde a nós, e enchei os nossos corações do Vosso amor. Nós vos rogamos por toda a Igreja, por este reino, pelo papa, pelo fosso prelado, e por este patriarcado.»

D. LEONOR, *entrando*

Venho interromper-vos, madre abadessa? eu ausento-me... perdoai-me...

SOROR

Não, não, minha filha, antes vos adiantastes a dar-me a satisfação, que eu esperava receber, depois de vos mandar chamar à cela. Acabei agora de rezar a minha oração particular. Então, minha Maria da Nazaré!... custa-me tanto a dar-vos este nome!... Minha filha, tomara já ver-vos professa para vos dar o divino nome de irmã!

D. LEONOR

Bem cedo será...

SOROR

Para bem de vossa alma, que é mui dócil, e parece que foi amoldada para o serviço de Nosso Senhor Jesus Cristo! Tenho lastimado, no fundo de meu coração, a melancolia, que vos definha tanto, tanto! Apenas há três meses que viestes para este

mosteiro, vínheis esbelta, corada, e agora estais de todo em todo consumida, como se nestes lugares estivesse o vosso desgosto! Eu parece-me que foi por vosso beneplácito que viestes!

D. LEONOR

Foi, foi, minha mãe.

SOROR

Então porque passais o tempo encerrada na cela?! Nunca vos encontro no refeitório, só vos acho no coro, quando se fala com Deus, e logo depois ides de novo para a solidão!

D. LEONOR

São saudades de minha família, que me estremecia muito... Eu amava tanto... meus pais, e meus irmãos!...

SOROR

Ora pois, ainda bem, que tendes um bom coração, que será tão sensível, e meigo, para com seus superiores, como para com seus pais. Olhai, Maria da Nazaré, as nossas primeiras obrigações, devem-se a Deus, e as outras aos pais, ao próximo, e à nossa felicidade, que é a vida futura. A ideia da eternidade cheia de prazeres de espírito, e consolações puramente da alma, deve distrair-nos de qualquer outra lembrança mundana, que será sempre impura. Haveis por certo ver vossos pais, e irmãos, quando estivermos todos a adorar o Criador de todas as coisas, e é então, minha filha, que as nossas celestes vistas se hão-de encontrar, e bendiremos reciprocamente o nosso zelo na religião, que só se adquire debaixo destes hábitos, e longe das coisas mundanas e enganadoras.

D. LEONOR

Dizeis bem... dizeis bem...

SOROR

É, pois, é preciso que a nossa noviça se revista do amor de Deus, e se esqueça do amor do mundo. Deixar ao tempo o esquecimento dele, e voltar-se inteiramente às obrigações do seu cargo, porque daqui a poucas horas será professa, e então mais violento lhe será o esquecimento do temporal, porque há a certeza de não volver a ele. Vós chorais, minha filha? isso não é de boa serva .de Deus, e esposa de Jesus Cristo! Eu estou aqui para vos consolar e não para pungir vossos sofrimentos! Orai, orai ao Pai celeste, que vos conforte, e reanime com um raio da sua infinita graça. Ficai-vos sozinha por alguns minutos, que eu vou dar as providências necessárias para a vossa passagem do temporal para o espiritual. Aqui tendes um devocionário, repeti muitas vezes esta jaculatória, que começa: «Meu Deus, fortificai o meu espírito.» Até logo, minha filha. (*Sai*).

CENA II

D. LEONOR, só: *depõe o livro*

Meu Deus, meu Deus, fortificai o meu espírito! (*Ajoelha*). Fazei descer sobre minha alma o esquecimento do passado. Dai-me forças para suportar este golpe tremendo... que eu possa ao menos morrer na vossa graça... Morrer para o mundo! (*levanta-se como transportada*) – morrer para o mundo! não o tornar a ver... Três meses nesta clausura sem uma nova dele... Agostinho... e o meu irmão, talvez já morto, e o meu amor findar no esquife! O minha sorte, que assim és cruel! Não tornar a vê-lo... pensar com vida neste adeus eterno... Nesta separação eterna... não posso, meu Deus, não posso! Ver num momento extinta a minha esperança; ao longe o futuro sempre negro, sempre o mesmo futuro... Isto é horrível, meu Deus! Eu verei romper a aurora, verei esconder-se o sol, e sentirei a queda muda dos bagos de areia, na ampulheta da minha vida, cheia de tribulações! Verei passarem-se os anos pelos ossos da minha face, pelas grades da minha cela, pela tristura duns hábitos... os anos... a minha mocidade, e Agostinho... nunca... nunca! As minhas lágrimas serão consoladas com a longa oração, com este consolo inútil para o meu espírito, inútil... oh meu Deus! eu não posso enganar-vos! inútil!... eu não posso esquecê-lo!... Quando elevo o espírito à vossa grandeza, cuido ver nele a imagem do céu, a eternidade dos prazeres, e a minha única consolação... Morreste-me, querido Agostinho, e eu vou hoje morrer para ti! Eu amava-te profundamente... eu chorava contigo a horrorosa nobreza, que nos separava, e tu... tão cheio de esperanças, tão enganado pelo coração, mandavas-me esperar o futuro! Eis aqui o meu futuro!... uma clausura, um hábito, e uma cruz! Nem uma esperança me resta de o ver... que dureza, que desesperação! Nunca mais... perdi esposo... perdi irmão... fechei-me à luz do dia... às vistas do amante, sem um indício da sua vida, sem uma lágrima dos seus olhos, sem um Suspiro... sem uma palavra consoladora... Deus Piedoso (*ajoelha*) foi um crime adorá-lo... mas Perdê-lo?!... Sem pai, sem irmão, órfã, sacrificada (*levanta-se*) a uma vida que detesto!... Ninguém me livra deste peso... Morte... morte! rouba-me a lembrança dele... Agostinho, minha vida, meu amor, não me ouves... morreste... o esquife... professa... aqueles sinos... aqueles hábitos... aquelas tochas... livra-me, Agostinho, Agostinho, foges-me, ingrato, eu fico... Ah! (*Cai desmaiada*).

CENA III

D. LEONOR E SOROR

SOROR

Jesus, Maria, que vejo! Desmaiada! que cor tão mortal! e o pulso tão abatido! inda vive... que farei, meu Deus! Maria, Maria, minha querida filha...

D. LEONOR

Que é dele... já foi...

SOROR

Já foi... quem?!

D. LEONOR

Para sempre... disse ele! Nunca mais me verás! Leonor, esquece-te, se puderes... Não nasceste para mim... A nossa sorte foi desgraçada.. adeus! Agostinho, meu irmão, vai peregrinar.. O rei desterra-te...

SOROR

Céus! que ouço... que mistérios!

D. LEONOR

Se eu pudesse rasgar estes ferros... rasgar estes hábitos... hei-de ir... hei-de ir... espera...

SOROR

Santo nome de Maria!

D. LEONOR

Este coração... não posso votá-lo a Deus... era teu! Religião... tudo por ti... só tu... és o meu Deus, a minha vida... aqui no céu... no inferno...

SOROR

Oh meu Deus, que padecimentos!

D. LEONOR

Que horror... que demónios... que larvas... ah! (*Recuperação do juízo*).

SOROR

Minha filha, minha Maria, ponde os olhos naquela cruz!

D. LEONOR

Naquela cruz? sim... eu rezo (*ajoelha*) meu Deus... meu pai, fortificai meu espírito, perdão, meu Deus... perdão... Mas vós ouvistes (*para a Soror, e levanta-se*) ouvistes? não sei que foi... uma dor, um acidente...

SOROR

Estais mais descansadinha?

D. LEONOR

Estou... Deus vos pague. Acordastes-me dum Sonho tão pesado... tão pesado... era muito...

SOROR

Era, era, minha filha, sentai-vos: serenai o espírito... não estáveis de boa razão?

D. LEONOR

Não estava, não; era um delírio.

SOROR

Coitadinha! sofreis bastante!

D. LEONOR

Sofro... sofro: sou uma escrava!

SOROR

Uma escrava?

D. LEONOR

Sim, e arrasto sobre espinhos o meu cativo! A minha vida está nua de esperanças... será vida de lágrimas e tormentos...

SOROR

Resignai-vos, Maria; ocupai vossa alma no sublime da religião.

D. LEONOR

Religião... dizeis vós!...

SOROR

Sim, minha filha; ela é a melhor tábuca de salvação, que um desgraçado encontra num mar de tormentas, e tribulações; e quem se não abraçar com a fé e com a religião, no momento das agonias, morrerá desesperado, e não se salvará.

D. LEONOR

Eu hei-de salvar-me... hei-de, hei-de, com a vossa protecção.

SOROR

Minha filha, a clausura perderia toda a sua santidade, se fosse violenta: estais em tempo de consulta. Se não quereis professar, podeis hoje mesmo sair, se bem que o

duque de Cadaval, quando aqui vos introduziu como noviça, declarou, que se dentro em três meses, não fôsseis procurada, se vos desse o hábito!... todavia, se quereis sair...

D. LEONOR

Não quero, não, minha mãe; quero... professar...

SOROR

Mas vós há pouco falastes em Leonor, Agostinho, rei, isso que era?!

D. LEONOR

Eu falei...

SOROR

Falastes; mas seria efeito do delírio... Maria de Nazaré, não tomeis a pensar tão profundamente nas coisas do mundo, para vos não tornar o delírio. Ide, ide preparar a consciência para a confissão. Aprestai vossa alma para entrar na vida penitente, e no caminho do céu. Recolhei à vossa cela.

D. LEONOR

Ficai-vos com a Virgem, madre abadessa (*Sai*).

SOROR, *só*

Há grande mistério nesta noviça! – aqui representam-se as pavorosas cenas dum amor mal gozado, e de sinistras recordações! Bem diz ela, que lhe vai morrer a esperança... assim lhe vivesse a ventura! A esperança morre lenta, e esvai-se como as horas da vida, lagrimosas e amargas através duma existência compacta, dura, e atribulada. Vem a morte, e nesse fechar de olhos do moribundo, apaga-se a derradeira faísca... e a laje da sepultura, ali confunde cinzas de cadáver, cinzas de glória, recordações, esperanças... tudo... tudo! quando eu amava... quando eu nesta cela chorava mais que ela... bem mais!... Ela falou num Agostinho... Agostinho... era... meu Deus!... o meu filho... filho de minha alma, e dum rei maldito, que mo usurpou... mostrou-me morto, e mandou-me amargar os efeitos da sua ingratidão nesta clausura! João 4º! riso da minha infância, sombra da minha vida, fantasma de meus sonhos, foste um mau amante!... Mataste o meu filho, o teu filho, para que a minha amizade te não deslumbrasse a glória! Se assim fosse teu sucessor, este rei, por quem peço todos os dias nas minhas orações, e a quem aborreço no fundo de minha alma... Meu Deus! perdão... perdão... se alguém me ouvisse...

CENA IV

SOROR, A PORTEIRA, E DEPOIS AGOSTINHO DE CEUTA

PORTEIRA

Senhora abadessa, para aqui se encaminha um irmão que busca falar-vos.

SOROR

Não sabeis que é proibido abrir a portaria a pessoas desconhecidas?

PORTEIRA

Não me deu um momento de reflexão. Disse que vinha da parte do Santo Ofício, e que entraria sem a menor hesitação.

SOROR

Da parte do Santo Ofício! Ele que chega: ausentai-vos.

AGOSTINHO, *com hábito de frade*

Bendito seja Deus nas alturas, e glória lhe seja na terra. Madre abadessa, eu vos ordeno, que, sem contradição, mandeis que Maria da Nazaré, a noviça, venha a esta cela falar-me.

SOROR, *baixo*

Santo nome de Deus, que é o retrato de D. João IV!

AGOSTINHO

Perturba-vos a minha presença, madre?

SOROR

Não... irmão! Quisera eu que me dissésseis quem sois... e os motivos por que vindes... pois nos é proibido...

AGOSTINHO

É-vos proibida uma infracção de vossos estatutos quando se torna escandalosa... Ainda mesmo que eu não fosse um próximo parente de Maria da Nazaré, não vos recusaríeis ao que vos mando, porque nem sempre nos favorecem as circunstâncias para uma recusa...

SOROR

Mas,.. dissestes que da parte do Santo Ofício...

AGOSTINHO

Isso foi um pretexto.

SOROR

Então que quereis?

AGOSTINHO

Já vo-lo disse: ficar a sós com Maria da Nazaré.

SOROR

A sós... mas...

AGOSTINHO

O tempo urge, madre, não menoscabeis o dever da obediência... terei de empregar a força da vontade?

SOROR

Ides vê-la (*Sai*).

AGOSTINHO

Minha alma, receio da tua fraqueza para comoções tão violentas! Inda a vejo... céus! eu vo-lo agradeço! inda a vejo, depois de três meses! Hoje era o último dia do seu noviciado, se uma fatalidade me demorasse...

CENA V

D. LEONOR, E AGOSTINHO

D. LEONOR

Senhor, quereis alguma coisa? (*assustada*).

AGOSTINHO, *graciosamente*

Chamais-me senhor?! – eu sou um monge, deveis chamar-me irmão.

D. LEONOR, *corre a ele: Agostinho desce o capuz:
ela recua, hesita, e lança-se-lhe nos braços*

Ah!

AGOSTINHO

Leonor... Leonor... como têm pesado em tua alma estas horas de martírio... estes dias de suplício... Sofreste muito, meu anjo, sofreste muito?...

D. LEONOR

Muito, muito.

AGOSTINHO

E não esqueces todos os teus tormentos com o prazer deste instante?

D. LEONOR

E será só um instante?!

AGOSTINHO

Eternamente será... Bem cedo nos braços de teu irmão, teus tormentos em delícias se convertem. Abandonar a pátria... pouco importa, porque aborrecimento se deve à pátria, que não conhece seus filhos... Sereis felizes em terra estranha; teu irmão conhecerá as venturas do amor fraternal, e eu encherei minha alma duma amizade escrava de dois entes felizes...

D. LEONOR

Então não nos segues?!

AGOSTINHO

Eu vos seguirei com o coração...

D. LEONOR

Antes diz, que não sou amada...

AGOSTINHO

Leonor, amar-te eu, Leonor, é lançar a luva no circo da nobreza, onde se rivalizam grandes fidalgos na posse de tua mão. Eu lancei a luva a esse monarca, porque duma parte pleiteava a honra, e da outra a devassidão. Essa luva inda está por terra, e a mão de Afonso não a ergue, porque lhe não cumpre despegá-la do ceptro, que lhe vacila mal firmado. Porém, declarar-se o pagem amado de D. Leonor de Melo, é ostentar-se nobre sem o ser, mostrar-se desprezível porque o é, traidor porque lho chamam...

D. LEONOR

Traidor! quem a tanto se atreve?

AGOSTINHO

Teu irmão, D. Leonor, que direito para isso tem. Eu só tenho o coração a proteger-me, o coração... que se não conhece: sou fraco, fraco é o homem que ama... Já fui forte, quando os meus dias passavam ledos lá nas batalhas, depois fui escravo, porque Leonor se escravizara. Houve duas ideias grandes, e inimigas: aqui (*mão no peito*) estava a honra com as suas vestes severas, e pavorosas, a sombrear-me as risonhas galas do

amor... Via-te, e cada momento, sentia um fluido ardente calar-me as veias. Levantei os olhos para os teus braços; vi castelos, lanças, mitras, arneses, e escudos; mas não vi um coração. Olhei para mim: – vi um coração, e não vi mais nada. Lágrimas nas faces, suspiros nos lábios, convulsões no peito e vermelhidão no rosto, eram, Leonor, tácitas confissões do coração, e troféus do amor, que lutava, e vencida a ideia da baixa condição. Esta ideia era nobre...

D. LEONOR

Sim, sim, nobre...

AGOSTINHO

Nobre era aquele sorriso animador, que trocavas pelo meu pranto! Era um refrigerio, que mitigava os baldões, que me referviam na inteligência livre, e no coração escravo; era estrela de alva, a desassombrar-me das trevas da noite, era uma fonte para viajero, que arde num torrado sertão; era uma tábua para o naufrago em mar tormentoso! E ao cabo destas lágrimas, destes risos, destas convulsões, destes suspiros, eu, sem o teu amor, era um coração ferino, um espectro de túmulos, e os meus risos seriam horríveis, e hediondos, os meus suspiros áridos, como a atmosfera do Orco, as minhas lágrimas ardentes, como vagas de veneno, e os meus arquejos medonhos, como as convulsões do terramoto!

D. LEONOR

Agostinho... intimidas-me...

AGOSTINHO

Bem sei, Leonor: – sou o teu flagelo. Sofres muito porque amas um pagem, e este pagem sofre porque deve sofrer... Não te horrorizem minhas palavras: elas são acres como a minha baixeza, e ásperas como a minha paixão: não há doçura de sentimentos no azedume da vida... A ideia do amor neste coração é raio de sol, que, a furto, rompe a camada das nuvens. Houve um tempo, Leonor, que o terreno da minha vida não era todo espinhos: havia ainda um acanhado espaço, um vazio, onde guarecia as feridas dos espinhos, e onde vicejavam minhas lágrimas; e hoje espinhos é tudo, porque morreu a esperança, como a lua, que se esconde ao homem perdido por entre as trevas dum bosque. Foi tesouro caído nas voragens do pego... esperanças para o céu... dissaboridas esperanças! esperanças para o inferno...

D. LEONOR

Não blasfemes... olha aquela cruz...

AGOSTINHO

Aquela cruz... é uma cruz, e eu... sou um homem.

D. LEONOR

Agostinho, a razão foge-te...

AGOSTINHO

Não foge, não: – cravada está nos espinhos da honra.

D. LEONOR

E já não há uma esperança?...

AGOSTINHO

Haverá, porque a esperança é um tormento para mim...

D. LEONOR

Há-de findar esse tormento, eu o juro. Hei-de amar-te... hei-de, Agostinho, enquanto viver. Hei-de amar-te pagem, como te amara rei... A todo o tempo...

AGOSTINHO

Eu serei um pagem.

D. LEONOR

Sim; mas meu irmão...

AGOSTINHO

Será sempre um grande do reino.

D. LEONOR

Pois sim; mas eu...

AGOSTINHO

Serás sempre irmã desse grande.

D. LEONOR

Basta, Agostinho, por piedade! Nunca te vi tão descoroado... O teu amor... o teu amor tem arrefecido.

AGOSTINHO

O meu amor arrefece... o meu amor é gelo... o meu coração é neve, Leonor? Queres palpar esse gelo... (*leva-lhe a mão ao peito*) queres-te esfriar nessa neve? põe a mão sobre este peito... Não sentes arfar aí uma cratera... não vês as chispas das lavas a cintilarem-me nos olhos?... não vês as palavras, que daqui fogem, a abrasarem-me os beiços?... Eu não te amo, Leonor?

D. LEONOR

Perdão... eu sou muito injusta...

AGOSTINHO

Ah! – deixa-me recordar daqueles dias de delícia tão saboreados, e doces na fantasia, e tão amargos no coração... Que venda tão suave cobria minhas pálpebras!... E quando os dedos mágicos da tua alma levantavam esse véu de lisonjas, eu via um horizonte de candidez, e venturas, e nem uma névoa de sinistro agouro maculava a minha felicidade! E hoje, Leonor, vejo o nascente turvo, e assombrado, e o poente, orlado de arrebóis, que me trazem a ideia do sangue, o sangue do amante, e o amante na sepultura...

D. LEONOR

Foge dessas recordações que me angustiam...

AGOSTINHO

Deixa-me recordar... O nosso amor, os nossos primeiros afectos lembram-me como sonho de felicidade, a atormentar-me com a possibilidade de ser feliz... Antes de te amar... antes de te amar, disse eu!... – eu já te amava no caos, no berço, e no pensamento! – mas antes daquele *amo-te* que me sufocou três vezes, e cobriu de púrpura o rosto do pagem... sabes qual era o prazer da minha vida? – era o clangor das turbas guerreiras, o relinchar dos ginetes, o travar das lanças, o estalido das espadas, os trons do ferro, e o fragor da guerra! Minha alma expandia-se aí, e a minha respiração nunca foi cortada por grito de moribundo!... e hoje o guincho da ave nocturna faz-me trepidar, porque é um agouro, e tem um eco em minha alma, que diz *amor!* A guerra tem outro, que diz *morte!* – A vida tem outro que se reproduz horripelmente, que diz *pagem...* – e o amor, e a morte...

D. LEONOR

Não posso mais...

AGOSTINHO

Recordações, ide-vos, que me pesais no íntimo fio da vida! Leonor, eu te juro, que tenho alma, e corações escravos: – se tu pudesses resgatar ao infeliz pagem esses dotes, que eram o seu património... Se lhe desses aquela alegria de jovem, aquele orgulho de homem de batalhas... aquele prazer... mas tu não tens prazer; a tua vida é uma taça de amargor, que eu faço transbordar... Perdoa-me, Leonor, perdoa ao louco! Dá-lhe um olhar de comiserção... dá-lhe um suspiro doloroso como os seus suspiros... que o pagem não ambiciona mais...

D. LEONOR

Fugiremos para um deserto, onde a nossa tranquilidade, e o nosso amor, se livrem

dos vexames da nobreza, e do egoísmo...

AGOSTINHO

O remorso, Leonor, punge nas cidades, e nos desertos: o amor não é bastante distração para nos Livrar deste cancro roaz, que dilacera...

D. LEONOR

Remorso! – tens remorso de amar?!

AGOSTINHO

Tenho remorso de trair. D. Manuel de Melo, errante por essa cidade, bradaria contra o usurpador de sua irmã. O nome do pagem seria pronunciado com horror, e ouvido com horror! Teu irmão surgiria um dia, demente, furioso... e nesse deserto... Leonor, nesse deserto, que eu estivesse embebido nos teus carinhos... se me lá chegasse a infausta nova... tu perderias o esposo... e a tua vida como seria? negra como a minha alma... e a tua morte? desastrosa, e atribulada como a vida que vivo!

D. LEONOR

Ah! deixa-me... antes me deixa... Já vejo que o meu destino é atroz, e será sempre assim...

AGOSTINHO

E querias que te eu deixasse, Leonor? Oh! não... eu seguirei teus passos, e beijarei os teus vestígios. Vida, que no ralador das paixões se esvai, tem uma lousa erguida onde os átomos agridoces da existência lá se vão caindo. Pois bem, erga-se essa lousa. A última contracção do apaixonado, é a paixão purificada... morre-se: – pois bem, seja teu esse último suspiro. Morre-se... aí está um cadáver... apontai-o... esculpi-lhe uma linha inglória... uma palavra... – *amou* – e nada mais...

D. LEONOR

Agostinho! meu amor!

AGOSTINHO

Leonor... Leonor... tu serás minha! (*Abraçam-se*).

VOZ, *fora*

Manda el-rei, nosso senhor, que Deus guarde, que, hoje às três horas da tarde, amplos, e abertos sejam todos os claustros deste mosteiro, para se proceder a uma vistoria, tendente a negócios de seu real estado.

AGOSTINHO

Hoje... às três horas da tarde!

D. LEONOR

Livra-me, livra-me, Agostinho! – (*Dão duas horas*).

AGOSTINHO

Só falta uma!

D. LEONOR

Livra-me, livra-me, pelo teu amor!

CENA VI

Os MESMOS, E SOROR

SOROR, *aflita*

Irmão! Meu Deus! (*reparando*) que é cavalheiro! (*à parte*) senhor, estes pregões... que é isto... vós o sabeis... vós quem sois...

AGOSTINHO

Sou um desgraçado, senhora.

SOROR

Dizei... dizei que é isto? acaso sabeis...

AGOSTINHO

Sei-o, como sabe que morre o padecente à vista do cadafalso!

SOROR

Explicai-vos, senhor, que é isto?

AGOSTINHO, *pegando-lhe do braço*

Senhora, prometeis protecção para esta infeliz! Prometeis livrá-la da desonra?

SOROR

Que dizeis!... prometo, sim.

AGOSTINHO

Esta desventurada não é Maria da Nazaré, é irmã de D. Manuel de Melo.

SOROR

Ah!

AGOSTINHO

A sua honra é procurada pelo rei, nos palácios, nos mosteiros, e nos altares...

SOROR

Salvemo-la, salvemo-la...

D. LEONOR, *de joelhos*

Minha mãe...

AGOSTINHO, *o mesmo*

Nossa. protectora...

SOROR

Não é tanto... é o meu dever. Senhora, eu vos salvarei... mas, o tempo foge... vós saí, e ela... está salva. Às três horas não faltareis à porta do templo.

AGOSTINHO

À porta do templo... mas...

SOROR

Não hesiteis... Ide, qualquer demora pode perdê-la.

AGOSTINHO

frei... irei. Inda mais este lance! Leonor, confiança nesta protectora de vossas venturas (*para Soror*). Sois uma divindade: – a mão de Deus a manter o direito de suas criaturas! Soror, Leonor, às três horas (*Sai*).

CENA VII

D. LEONOR, E SOROR

SOROR

D. Leonor de Melo, eu devia merecer-vos mais confiança, para fazerdes mistérios de vosso nome, e de vossos sofrimentos! Tanta afeição... tanta amizade... mal ma

recompensastes...

D. LEONOR

Perdoai-me... Eu não podia... receava muito...

SOROR

Que debaixo destes hábitos não houvesse um coração de mulher, não é assim?

D. LEONOR

Eu respeitava-vos, e venerava profundamente vossa superioridade.

SOROR

Inda eu agora mais respeito a vossa perturbação. Só vos direi com as lágrimas nos olhos, e com uma dor já sopitada e dormente neste peito, que, se me houvésseis descoberto a causa dos vossos tormentos... se me falásseis no amor... as minhas simpatias, e consolos ser-vos-iam mais gratos que os preceitos religiosos... que exacerbam....

D. LEONOR

O amor... talvez...

SOROR

Talvez que eu fosse uma sua vitima, não é o que quereis dizer? Amei, D. Leonor, amei, e hoje amo e odeio. Amo as sombras dos meus transportes; amo as recordações do passado; amo idealmente: é um amar terrível! Odeio, ah! com que ódio? com ódio de mãe, a cujos braços roubaram um filho, para o sacrificarem aos créditos da coroa! Odeio como a filha roubada aos carinhos dum família para fazer a ventura dum amante, por alguns dias pequenos, e fugitivos, e para gemer o resto deles longos, e tenebrosos, no antro desta clausura!

D. LEONOR

Também sofreis muito... sofreis amor de mãe...

SOROR

Amor, que me abrasa! Se ele vivesse, seria hoje da vossa idade! Belo como seu pai... sensível como sua mãe... mas... minha filha, morreu.

D. LEONOR

E ele, o pai, o vosso amante...

SOROR

Amante! – não o podia ser, que era rei... – era rei... não podia ser pai...

D. LEONOR

Rei!... talvez o maldito!

SOROR

Maldito, não, D. Leonor, não era maldito... Era. um bom rei; mas um mau amante...

D. LEONOR

Senhora, resignai-vos...

SOROR

Assim vos dizia eu há pouco, e vós choráveis... agora sou eu a que choro...

D. LEONOR

Suspendei o pranto... eu vos imploro.

SOROR

Dizeis bem: é preciso que a amargura outra vez adormeça. Eu já sinto a profundidade dos golpes neste momento de saudade, e agonia... Quero esquecer-me, ou a existência me será retalhada em breves instantes!... Vamos, filha, vamos a cumprir a promessa da vossa protectora, e a afrontar a maldade do rei: eu, mais que ninguém, devo proteger-vos, que já experimentei o azedume dos amores dum monarca. D. Leonor, vamos.

SEGUNDO QUADRO

Vestíbulo do templo do mosteiro. Porta espaçosa e fechada de maneira a deixar, depois de aberta, ver grande parte do Interior.

CENA I

AGOSTINHO DE CEUTA, E DEPOIS O CONDE DE CASTELO MELHOR

AGOSTINHO, *passando no átrio: braços cruzados*

(Três horas)

Ei-las: daqui a momentos, Leonor estará salva, e salva... para quem?... Sacrifício com doçuras, crime com virtudes, paixão com regozijo – eis aqui o meu viver de tantos anos! – é urna vida singular! (*com atenção*) – aquele cavalheiro... é o conde de Castelo Melhor... Retirar-me é impossível: devo esperar.

CONDE

Reverendo! sabeis que horas deu o sino deste mosteiro?

AGOSTINHO

Três.

CONDE

Sois capelão desta casa?

AGOSTINHO

Não.

CONDE

Tendes entrada nela?

AGOSTINHO

Tenho.

CONDE

Sabeis se há três meses a esta. parte tem entrado aqui alguma noviça?

AGOSTINHO

Foi talvez sorteada para o serralho de el-rei?

CONDE

que dizeis?

AGOSTINHO

Nada... estava a gracejar.

VOZES, *longínquas*

Morram os validos! Viva D. Pedro II!

CONDE, *temeroso*

Sabeis que é isto, padre?!

AGOSTINHO

Sei: – é uma conspiração.

CONDE

Conspiração! – poderei livrar-me, padre, podereis livrar o valido de el-rei?

AGOSTINHO

Olha, conde, queres passar pelos revolucionários sem ser conhecido, como eu passei por ti?

CONDE

E tu fugias de mim?!

AGOSTINHO

Se tivesses encontrado o pagem de D. Manuel de Melo, a fugir aos perseguidores, que lhe fazias?

CONDE, *reconhecendo-o*

O pagem de D. Manuel de Melo!

AGOSTINHO

Sim: – eras capaz de te despojares desse manto, mascarado de crimes, e cobri-lo a ele para fugir à morte?

CONDE

Talvez fosse... não te ofendia.

AGOSTINHO

Nem eu te ofendo. (*Tira o hábito, e mostra-se completamente armado, como pagem*). Aqui tens este hábito, salva-te, que a tua vida escorra na ladeira dos teus crimes... Vai... daqui se avizinham os cavalheiros (*O conde sai*).

CENA II

AGOSTINHO, D. MANUEL DE MELO, E O DUQUE DE CADAVAL

D. MANUEL, *ansioso*

Agostinho, minha irmã está livre... Das portas da cidade já soam os gritos dos conspirados. O conde de Pombeiro aí está à frente de três mil homens. O infante marcha para o paço. Afonso vai ser preso... (*Toque a professas*).

AGOSTINHO

Este toque...

CENA ÚLTIMA

(*Abrem-se as portas do templo*)

OS MESMOS, D. LEONOR DE MELO, *ante um altar, à direita com hábitos de professa*. A MADRE ABADESSA, FREIRAS *com tochas*, e PADRES *ocupados no cerimonial correspondente*

SOROR

D. Leonor de Melo, no século, e Soror Maria da Assunção no espiritual: Irmã, morreste para o mundo! Bem-vinda sejas a desposar Cristo... – (*Órgão*).

AGOSTINHO, *arrebatado*

Que disse ela? morreu para o mundo! Traição, traição! (*Entra no templo*). Suspendei, ministros do inferno, suspendei!

SOROR

Sacrílegos! não mancheis este templo com os vossos pés! Blasfemos... malvados... não profanem a casa do Senhor! Meu Deus, defendei a vossa esposa das garras de Satanás!

AGOSTINHO

Mulher! que me prometeste... – disseste-me que a salvavas... fúria... mulher... dá-me Leonor de Melo!

SOROR

Vós sois aquele que há pouco...

AGOSTINHO

Que há pouco traíste!

SOROR

Não trai, não... está salva.

AGOSTINHO

Leonor!

D. LEONOR

Agostinho... Agostinho! (*Corre-lhe aos braços*).

D. MANUEL

Minha irmã, os braços de vosso irmão... foram desprezados!... Pagem, pagem!...

AGOSTINHO, *repudiando-a*

Longe, longe... Esqueci-me... a paixão cegou-me... D. Manuel, perdão! Aí a tendes. O pagem está satisfeito em a salvar... Ela não lhe pertencia... (*com profundo sentimento*).

DUQUE DO CADAVAL

Pertence, pertence. Silêncio: – Agostinho de Ceuta, tu és filho de D. João IV (*Vai a soror, e dá-lhe um pergaminho*).

D. LEONOR

Meu Deus!

D. MANUEL

Que ouvi!

SOROR, *que acabou de ler, e perturbada*

Ah! meu Deus! – é ele...

DUQUE

D. Leonor de Melo – aí tens teu esposo!

D. LEONOR

Meu esposo... (*Cai-lhe nos braços*).

SOROR, *como delirante*

Não posso... que vergonha... Ele... ele... o meu filho... ah! (*O mesmo que D. Leonor*).

DUQUE

D. Manuel de Melo! – Os brasões do pagem estavam escritos nas suas acções: não te maravilhe o seu nascimento, que a sua honra mais é para admirar... Os mistérios de Deus são verdades claras, quando o homem carece de luzes (*aponta para o altar*).

Agostinho tem ajoelhado – com Soror e D. Leonor, na posição, em que as recebeu, e após ele ajoelham todos.

GRITOS REMOTOS

Viva D. Pedro II rei de Portugal!

FIM

O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

DRAMA EM CINCO ACTOS E EPÍLOGO

PERSONAGENS:

D. GUIOMAR COUTINHO
D. MARIA DE NORONHA
INFANTE D. FERNANDO
MARQUÊS DE TORRES-NOVAS
D. FERNANDO DE CASTRO
D. GUTERRES DE PAIVA
PEDRO DE AFONSECA
EZEQUIEL – Judeu
PEDRO – Pagem
MESTRE GIL – Taverneiro
CARCEREIRO

Inquisidores do Eclesiástico, Damas, Pagens, Cavaleiros, Frades franciscanos, Encapotados, e Camponeses.

1528-33

ACTO PRIMEIRO

A cena passa-se no Jardim do Palácio de D. Guiomar Coutinho, filha do Conde de Marialva. Vê-se ao fundo uma parte do edifício. Há, à direita do espectador, entrada suposta para o Jardim. A maior parte do fundo é floresta.

É NOITE

CENA I

O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS, *de saio e manto pretos, chapéu aragonês, e punhal no cinto largo envernizado; está sentado num escabelo do ornato do jardim, e medita, com a cara escondida entre as mãos.* AFONSECA, *mordomo da casa de Marialva, junto dele, inclinado e suplicante.*

AFONSECA

É mais de uma hora, senhor Marquês. A noite está muito fria, aumentam os trovões, e não tardará que chova. Peço-vos que vos vades, porque este frio vos fará mal.

MARQUÊS, *serenamente*

Que me vá!... Afonseca! tu és meu amigo, não é assim?... tu és muito meu amigo?

AFONSECA

Não o duvideis, senhor, que me afrontais.

MARQUÊS, *erguendo-se*

Abriste-me estas portas, trouxeste-me a este jardim, para me falar dum alto mistério... nada me disseste, e tanto me atormentaste com palavras torcidas e incompreensíveis... queres que me eu vá a sofrer estas torturas duma suspeita cruel!?!...

AFONSECA

Quando vos pedi que aqui viésseis, não sabia eu que a vossa saúde perigava tanto... Receio muito magoar-vos... Noutra ocasião vos direi coisas tristes... tristes, como não há outras que mais se digam a homem que amou com todas as forças do coração.

MARQUÊS, *sobressaltado*

É uma perfídia... não é assim... homem? é uma traição que me queres contar?... Oh! diz-me que não é! (*Afonseca imóvel, parece não dar pelo arrebatamento do Marquês*). Já sei... (*meia voz*) ele não respondeu... Coragem, minha alma! devo fingir-me para saber tudo (*serenidade fingida*). Afonseca! sabes que o desterro de quatro anos me fez a alma de ferro? Não temas falar-me da minha última desgraça, porque os meus

olhos não têm lágrimas... chorei-as todas nos areais da África... Fala, homem; não temas, porque o velho tronco dos bosques curva-se ao ímpeto do furacão, mas não se quebra... Afonseca... tenho febre, a chuva ameaça-nos, fala depressa... não queiras que me eu molhe...

AFONSECA

Estais tão pálido, senhor!...

MARQUÊS

Que importa? – efeito de noites mal dormidas... A fome estraga muito, bom velho...

AFONSECA

A fome! meu Deus!

MARQUÊS

Agora bem vês que estou sereno para escutar-te.

Duas horas.

AFONSECA

São duas horas, senhor... Se amanhã antes quisésseis... é já tão tarde...

MARQUÊS, *senta-se*

Como queiras. Esperarei aqui por ti até amanhã. Se o Conde de Marialva me achar no jardim de sua filha, o seu mordomo lhe responderá por mim.

AFONSECA

Perdoai-me... Oxalá, que a ingrata, que vos desama, estivesse represa da sua deslealdade, como de aqui chamar-vos, para contar-vo-la, estou arrependido...

MARQUÊS, *erguendo-se com ímpeto*

Estou traído, meu Deus!

AFONSECA, *tomando-o nos braços*

Que tendes, senhor!...

MARQUÊS, *afastando-o de si*

Basta. Já sei tudo... Amigo, obrigado... adeus... (*Quer sair, e Afonseca impede-o*).

AFONSECA

Sr. D. João!...

MARQUÊS, *emendando-se*

Sou um louco... queria-me ir... Conta-me as circunstâncias dessa perfídia...
(*irónico*) Devem de ser galantes.

AFONSECA

Há seis anos, que D. Guiomar Coutinho vos amava com os extremos de...

MARQUÊS

Adiante.

AFONSECA

Os fidalgos já por aí diziam que ela era vossa esposa por um casamento clandestino, e que...

MARQUÊS

Adiante.

AFONSECA

Outros diziam que dama era ela de dois cavaleiros, qual deles mais valente, qual deles mais brioso... Um éreis vós, senhor, o outro... (*hesitando*).

MARQUÊS

Era o Infante D. Fernando... continua.

AFONSECA

Certo estareis, Sr. D. João, quando, na cavalgada do Conde da Vidigueira, esporeastes o vosso alazão para o lado nobre da hecaneia em que montava D. Guiomar, muito entretida com os galanteios do Infante... e que este, ofendido, diante da corte, e de D. Guiomar, por quem tão ruins inimizades se geraram... protestou vingar-se... (*Repara no Marquês, que parece não ouvi-lo, distraído. Toca-lhe no ombro*). Senhor Marquês!

MARQUÊS, *recordando-se*

Ah! sim... Era o Infante D. Fernando...

AFONSECA

Já disse depois mais alguma coisa.

MARQUÊS

Talvez que D. Guiomar Coutinho...

AFONSECA

Mais grata aos desvelos do Infante que aos vossos, acordou com ele uma vingança, que a ambos salvasse da vossa cólera. Temiam-vos, senhor. Fostes desterrado, senhor D. João... e na primeira noite do vosso desterro a perjura... já bem vingada... (*Repara no Marquês que luta com uma terrível comoção*). Senhor!

MARQUÊS

A perjura... sim... a perjura... (*forte*) Mentos, mordomo.... Mentos!

AFONSECA, *altivo*

Não tenho esporas douradas, senhor; mas o meu sangue vermelho no chão dos combates, e não azul nos pergaminhos dos brasões, autoriza-me a repelir uma afronta. Sr. D. João de Alencastre! eu não minto.

MARQUÊS, *abraçando-o*

Perdoa-me... tu és um bom amigo... Bem vês que venho de lidar com as feras: primores de cavaleiro e. cortesias... já não são para mim.

AFONSECA

Que mais quereis que vos diga, senhor?

MARQUÊS, *riso forçado*

Tenho um rival, não é assim?

AFONSECA

Em breve deixará de o ser, porque as bodas vão celebrar-se, e confio em Deus e na vossa honra, que não queirais requestar uma dama casada. Sr. Marquês! cuidado por vós, que a justiça de el-rei vos não descubra. O vosso degredo ainda não está cumprido. Amigos, na pátria, tendes poucos... um conheço eu... mas a cabeça desse é muito ignorada para valer o preço da vossa liberdade... Não vos sirvo de nada, senhor!... Ide-vos... é muito tarde...

MARQUÊS

Ir-me! Não; nunca!

AFONSECA

Ouvireis logo um apito: é que o Infante, escoltado por vinte dos seus mais valentes criados, está fora dos muros deste jardim... para vir tomar o lugar, que já tivestes nele.

MARQUÊS, *comovido*

Bendito sejas tu, meu Deus! (*Solene*). Mordomo, fazes-me um serviço?

AFONSECA

Se a minha honra...

MARQUÊS

Sai... deixa-me.

AFONSECA

E vós!?

MARQUÊS

Ficarei.

AFONSECA

Que intentais?!

MARQUÊS

Nada. Vê-los; ouvi-los.

AFONSECA

E vinte braços armados de vinte espadas? (*O Marquês sorri*). Não ficareis... meditais uma loucura.

MARQUÊS, *frieza terrível*

Mordomo! Sabes que, desde este momento em diante, todo aquele homem, que se atravessar no meu caminho de sangue, hei-de pôr-lhe um pé no pescoço e passar por cima dele? Duas palavras: recolhe-te, amigo.

AFONSECA

Quando quiserdes sair...

MARQUÊS

Aqui tenho uma chave (*mostra-lha*).

AFONSECA

Uma chave! Quem vos deu essa chave?!

MARQUÊS, *sorrindo*

D. Guiomar Coutinho.

AFONSECA

Quando?!

MARQUÊS

Quando este jardim era o caminho que me levava ao quarto dela: vai-te.

(Afonseca sai).

CENA II

MARQUÊS DE TORRES-NOVAS, *Só*

Que é o que eu sinto aqui? – não sei! Sei que sofro muito... que tenho o coração a estalar apertado por mão de ferro... Tenho uma agonia que me mata (*pausa*). Fui traído! meu Deus... traído! (*erguendo-se*) e por ela!... e quem foi que me traiu!?... vergonha! (*Esconde o rosto entre as mãos*). Não é um sonho... é a realidade duma espantosa traição, depois de quatro anos de desterro...

Senta-se. Segue-se uma. chácara cantada por D. Guiomar Coutinho: o marquês ergue-se e escuta:

CANTO

Negro o céu, lua não tem,
Tem relâmpagos, trovões;
Negra a vida, não tem gozo,
Tem ciúmes, tem paixões.

Vem depressa, ó vida minha,
Tenho medo, estou sozinha.

MARQUES, *correndo na direcção da voz e suspendendo-se*

Prudência, desgraçado! Ouve-a... é ela a que se acusa...

CANTO

Quem me dera um céu formoso,
Matizado de fulgores;

Então, sim; mas céu de trevas
Não sorri aos meus amores.

Vem depressa, ó vida minha,
Tenho medo, estou sozinha.

Um apito fora do jardim. O Marquês arranca o punhal: vacila entre os dois lados – o do canto, e o do apito.

MARQUÊS

Ó minha cabeça, que te perdes! Deus vingador... inspira-me, que eu serei a expressão da tua cólera!

(Segundo apito).

CENA III

MARQUÊS, E AFONSECA

AFONSECA, *sobressaltado*

Senhor!... aquela é a senha... Ao terceiro apito a porta do jardim será aberta...

MARQUÊS

Vai-te!

AFONSECA

Sr. D. João, que nos fazemos desgraçados... Por alma de vosso pai, vinde...

MARQUÊS

Vai-te... deixa-me!

(Terceiro apito).

AFONSECA

Estamos perdidos... D. João... D. João... *(Ajoelha, e o Marquês, levantando-se, vai como arrastado).*

(Vozes dentro).

D. GUIOMAR

Pedro! já três vezes!... não ouves?!

PEDRO

Cá vou, cá vou.

CENA IV

PEDRO, E AFONSECA, *depois*

PEDRO, *entrando*

Más terçãs te limpem, coruja, que só namoras de noite! (*Reparando em Afonseca que sai da floresta*). O diabo, que o mordomo ouviu!

AFONSECA

Que vinhas tu rosnando, rapaz?

PEDRO

Não é nada, senhor Mordomo... é que estou farto de ser alcaiete da fidalga, e arreceo grande carga de pau... (*Quarto apito*). Os demónios te confundam e mais o teu assobio!

(*Sai*).

CENA V

D. GUIOMAR COUTINHO E AFONSECA

D. GUIOMAR, *não vendo Afonseca*

Já quatro vezes! malditos criados! (*reparando*) A estas horas, que fazeis, senhor mordomo?!

(*Trovão remoto*).

AFONSECA

Contemplava a grandeza do Altíssimo no bramir do trovão.

D. GUIOMAR, *irónica (Trovão)*

Então estais muito contemplativo! Empregai antes o tempo, que desperdiçais, em desempenhar melhor as vossas obrigações. Ide à vossa câmara, se estais farto de contemplar.

AFONSECA

Estou farto, senhora, estou farto de contemplar; e não há muito que vi uma estrela, toda louçã de seu fulgor, ser envolvida por nuvem negra como mortalha... Ficai-vos,

senhora, que eu vou melhor cumprir as minhas obrigações; e, se delas me sobrar algum tempo, pedirei a Deus por vós.

(*Sai*).

D. GUIOMAR

Reloucado! eu acabaria com as tuas retóricas se fosses senhor de todo o meu segredo... Desgraçado dele... se não cerrar a boca ao pouco que sabe...

CENA VI

D. GUIOMAR E O INFANTE D. FERNANDO

D. GUIOMAR

Estavas já aborrecido de esperar, não é assim, meu querido? (*Ele não responde, e mostra-se frio*). Que maneiras são essas? estás despeitado pela demora?!... eu não fui a culpada.

INFANTE

Sofro muito, Guiomar... Tenho uma suspeita terrível.

D. GUIOMAR, *risonha*

Ciúmes?

INFANTE

Ciúmes, sim – queres que te diga que sim? – Ciúmes. (*Guiomar ri-se abertamente*). Hoje risos... amanhã... lágrimas... talvez.

D. GUIOMAR

Explica-te; não quero mistérios.

INFANTE

Tenho uma carta de D. João Coutinho, capitão de Ceuta, onde se me diz que o Marquês de Torres-Novas fugira, incógnito, para a pátria... Ri-te, Guiomar!

D. GUIOMAR, *querendo ocultar o sobressalto*

Que me ria!., e por que não hei-de eu rir-me? Que há de comum entre mim e o Marquês de Torres-Novas?

INFANTE

E que havia de comum entre ti e ele, quando, há quatro anos, me pediste de

joelhos o seu desterro... e ainda mais que o seu desterro...

D. GUIOMAR

Era um meu perseguidor, porque eu lhe disse um dia que o amava.

INFANTE, *ironicamente*

Mas disseste-lhe que o amavas...

D. GUIOMAR

E não to disse eu a ti, quando te supliquei que me tirasses dos olhos esse homem que se julgava senhor de atormentar-me, e à força distrair-me o coração de ti, só, meu Fernando?!

INFANTE

Cumpri.

D. GUIOMAR

Não cumpriste... se cumpriras não tiveras hoje receios...

INFANTE

Era uma barbaridade matá-lo. O braço dum irmão de D. João 3º não sabe brandir o punhal do cobarde... nem o meu coração está fascinado a ponto de tramar contra a existência dum homem que ergueu um dia os olhos para o anjo da minha vida.

D. GUIOMAR, *friamente*

Infante... não sei qual de nós nasceu para homem!... Os nossos corações não se entendem... Dai-me licença que me recolha... a noite está muito fria.

INFANTE

Parece que te forcejas em atormentar-me?

D. GUIOMAR, *irónica*

Parece que ambos forcejamos... caprichos do muito amor, que se não explicam. Fernando, virás em ocasião de melhor humor.

INFANTE

Basta de remoques, Guiomar. Escuta-me. Eu receio muito de D. João de Alencastre. Ele é neto de D. João 2º – e filho do mestre de Santiago – não tem um coração popular para que nele morra o protesto duma vingança. Lembras-te daquela cavalgada?... jurou-me então um ódio implacável... Não sei se o temo: sei que é o

fantasma negro de meus sonhos... – sobressalta-me o coração, se a sua imagem se ergue entre mim e o meu futuro...

D. GUIOMAR

Tens medo dele? – diz que sim, não duvides, porque um malvado é sempre temido. Fernando! sou mulher, o meu braço é fraco; mas, se eu pudesse trocá-lo com vinte anos da minha vida, por este teu braço, e por este punhal, (*fazendo a acção*) olharia para o meu delicioso futuro, e para a vida de D. João de Alencastre, como para coisas do meu coração e do meu punhal...

INFANTE, *enfadado*

Silêncio! Não me rasgues o véu transparente que faz imaginar-te o tesouro de quantas pérolas o céu engasta no coração das suas criaturas escolhidas. És muito linda, muito valente, muito generosa, tens tudo... mas que eu chegue ao domínio das tuas perfeições sem deturpar a minha glória com uma gota de sangue. D. João de Alencastre amou-te, ama-te, arde em paixão, que importa? é ele criminoso? não: reste-lhe a glória de conceber uma ideia arrojada. Que venha ou não venha D. João para a pátria... é o mesmo. Se ele tentar interpor a sua desesperação entre nossos amores, será repellido pela espada da lei. Quem é que o autoriza a erguer violentamente um trono sobre um coração que é meu? Ele não é cobarde. À hora do dia, se me afrontar, os nossos braços decidirão qual de nós é o talhado para possuir-te, minha Guiomar... Repeles-me?

D. GUIOMAR

Julguei-te até hoje um homem de armas, e não um mole galanteador de corte...

INFANTE, *com enfadamento*

Guiomar! que queres tu que eu faça? (*Altivo*). Vinte homens escolhidos estão aí fora dos teus muros: a um leve aceno teu, eles serão vinte assassinos... que queres que eles façam?!

D. GUIOMAR

Nada – que vos vades, para me eu ir.

INFANTE

Irei... Guiomar... irei... Uma lágrima no teu seio!

(*Abraça-a*).

CENA ÚLTIMA

Os MESMOS E O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

MARQUÊS DE TORRES-NOVAS, *ao fundo*

Infante D. Fernando! (*Eles desenlaçam-se*). Choras no seio duma adúltera! Essa mulher é casada!

(*Aproxima-se de D. Guiomar*).

Nobre senhora! Braço de homicida não vo-lo dou, porque o não tenho; mas um punhal aqui o tendes!

(*O marquês fita atentamente os dois, que estão como petrificados*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

É NOITE

Vista de sala da casa de D. Guiomar Coutinho. Tem ao fundo um arco, que deixa ver um corredor transversal: duas portas laterais. Uma harpa encostada a uma mesa; e, sobre outra, papel, tinteiro, etc....

CENA I

D. GUIOMAR COUTINHO, *sentada a uma mesa, cismando profundamente*

(Dez horas).

D. GUIOMAR, *erguendo-se repentinamente*

Vacilar! eu? vacilar... nunca! Hei-de, se tanto for preciso, tocar o último elo da cadeia de meus crimes! Crimes! *(sorrindo)* que mal a sociedade classifica a renúncia que nós fazemos dum amor fastidioso para saborear novas sensações!... Quem se atreve a condenar a inconstância duma mulher, porque tão fraca se humilha às seduções dum homem?! Que me neguem um perdão, que me cusпам na cara o estigma da perfídia... neguem, cusпам... que eu me rirrei dos motejos do mundo. Sinto passos... a esta hora... *(vendo Afonseca, a meia voz)* maldito! *(Senta-se, com ar de enfado).*

CENA II

D. GUIOMAR COUTINHO E AFONSECA

D. GUIOMAR

Que tendes que fazer nesta sala, senhor mordomo?!

AFONSECA

Uma súplica, senhora.

D. GUIOMAR, *enfadada*

Dizei!

AFONSECA, *aproximando-se*

Há quatro anos que nesta sala, e a estas horas, me não tratáveis tão desprezivelmente, senhora D. Guiomar...

D. GUIOMAR

Quereis recordar-me alguns deveres?

AFONSECA

Sim, senhora,

D. GUIOMAR, *irritada*

Deveres?! Tenho alguns para convosco... dizei?

AFONSEGA

Para comigo, não, felizmente. Tende-los grandes e terríveis a cumprir para com Deus, e para com a sociedade.

D. GUIOMAR

Senhor Afonseca! sois muito importuno... não quero ouvir-vos... deixai-me! (*Faz menção de sair*).

AFONSECA

Ouvi-me, senhora, pela vossa honra, pela vossa vida, e não pela minha!

D. GUIOMAR

(*Meia voz*). Inferno! (*Alto*). Que quereis dizer-me? depressa...

AFONSECA

Houve um homem que vos dominou...

D. GUIOMAR, *interrompendo-o*

Que?!

AFONSECA

Houve um homem que, senhor das vossas acções, escravo da sua paixão, confiado na vossa honra...

D. GUIOMAR, *o mesmo*

Basta! Ide-vos, ou eu me vou (*quer sair*).

AFONSECA, *atalhando-a*

Ficai vós, senhora. Duas palavras só – (*com mistério*) – que a morte vos não encontre desprevenida para responder diante de Deus.

(*Sai*).

CENA III

D. GUIOMAR. *recordando-se*

Que a morte vos não encontre desprevenida... Foram as palavras dessa testemunha inexorável do meu passado!... O meu passado! Tanto amor, tanta virtude, tanto crime... o que tem ido nesta minha experiência de vinte e cinco anos! Que mistério eu sou! (Profunda meditação, sentando-se). Não posso... não posso recuar... (Ouvem-se trovões). Que noite tão tempestuosa!... Que semelhança com a minha vida!... Não posso ir falar-lhe ao jardim... tenho medo... não... não tenho medo... não... não tenho medo dos relâmpagos... (Estremece ao clarão dum relâmpago). Mas aquele homem., aquela realidade terrível de ontem à noite... ele... tão cadavérico... tão medonho... aquele sorrir tão agoureiro de vingança... Não vou ao jardim... (Tange uma campainha. Ergue-se e vai à mesa sobre que está a harpa). Minha harpa... nem vontade tenho de tanger-te?.. Guiomar! que é do teu espírito inabalável!... (Reparando para a porta). Ainda não? (Retoca a campainha).

(Pedro ao fundo).

CENA IV

D. GUIOMAR COUTINHO E PEDRO

D. GUIOMAR, *severa*

Onde estavas, Pedro, que assim te demoraste?

PEDRO

Estava lá em baixo na albergaria, ouvindo o cego, que dá gosto de ouvir-lhe os seus contos de fadas e feitiços.

D. GUIOMAR, *com curiosidade*

O judeu?!

PEDRO

O judeu! credo! eu pensei que ele era um bom cristão!

D. GUIOMAIR, *vacilando*

Não... não é judeu... Eu cuidei... sim... é que pensei que falavas doutra coisa... (Reflectindo, a meia voz). Que feliz inspiração! (Alto). Pedro, quero falar com esse cego.

PEDRO

Falar com o cego! essa é boa! pois a senhora D. Guiomar quer ir à albergaria falar com o pedinte?

D. GUIOMAR

Não, mas quero que ele aqui venha falar comigo.

PEDRO

Deus nos defenda... nanja que eu aqui o traga... Que diria o senhor D. Francisco Coutinho se soubesse que sua filha fala de noite aos pobres! Deus nos defenda...

D. GUIOMAR, *imperiosamente*

Meu pai está a dormir: aqui faz-se o que eu mando: – os criados que me não servem, sou eu que os despeço. Parece-me que me entendes... Muito bem. O cego que venha a este salão falar-me. – Conduze-o aqui – e ausenta-te.

(Pedro sai).

CENA V

D. GUIOMAR, *e depois* EZEQUIEL

D. GUIOMAR

Sinto às vezes um prazer cruel em torturar-me! Quero ver agora esse judeu, que se diz senhor de alguns segredos da minha vida, sem dizer-me quais eles são. Disse-me que se empenhava pela minha ventura, e que me interessasse eu na sua seguridade, para ele poder cumprir um voto de vingança. Disse-me que não descobrisse eu que ele era judeu, que ele não descobriria um escândalo da minha vida. É um contrato garantido por dois crimes: para ele a fogueira, se o eu descobrir, para mim... a vergonha eterna! Há dois anos que me pede gasalhado: tenho-lhe oferecido ouro – não o aceita. De dia fecha os olhos, e pede uma esmola. Qual será a vítima desse ódio de sangue? Pode servir-me de muito este homem. Os judeus são os melhores inventores de venenos... Ei-lo...

(Ezequiel entra: Pedro faz-lhe a entrada, e ausenta-se. Ezequiel cobre um albornoz de mendigo: traz longas barbas postiças: as faces denunciam-lhe um longo sofrimento).

Entrai – e podeis estar com os olhos abertos, que não há aqui quem vos denuncie.

EZEQUIEL

Assim o julgo, caridosa senhora.

D. GUIOMAR

Há dois anos que fizemos um contrato.

EZEQUIEL

É verdade; e não tivemos ainda a mais leve transgressão nas cláusulas dele.

D. GUIOMAR

Assim é; mas a vossa vingança tem tido grandes estorvos.

EZEQUIEL

Muito grandes, senhora D. Guiomar... muito grandes.

D. GUIOMAR

Nunca me deu para a curiosidade de perguntar-vos quem assim vos fez sanguinário.

EZEQUIEL

Seria inútil.

D. GUIOMAR

E estais certo de que a vossa vingança e o vosso nome sejam sempre um segredo?

EZEQUIEL

Pouco se me dá que o não sejam, contanto que eu vá de restos para a fogueira, quando um cadáver for levado ao túmulo.

D. GUIOMAR

Mas se pudésseis sobreviver à vingança, teríeis nisso prazer?...

EZEQUIEL

Um prazer de demónio... rir-me-ia continuamente... Não, D. Guiomar, eu estou cansado de viver: depois do homicídio quero o suicídio.

D. GUIOMAR

Tenho dó de vós!

EZEQUIEL

Não que a minha vida é muito digna de compaixão!...

D. GUIOMAR

Mas queria ver-vos mais generoso convosco mesmo... Parece-me uma fraqueza o suicídio, depois duma vingança!... Eu, por mim, quisera viver muito, depois da morte dos meus inimigos...

EZEQUIEL

Não pensais bem, senhora! O remorso de duas horas é mais amargo que um trago de veneno que nos mata em dois minutos.

D. GUIOMAR, *rápida*

Veneno! e tencionais consumir o suicídio pelo veneno!? E há assim veneno que mate em dois minutos?! Deveis andar sempre precavido com esse veneno, não é assim?

EZEQUIEL

É assim; porque não sei de antemão quando saldarei as minhas contas com a pérfida, e com este mundo de perfídias.

D. GUIOMAR

Vós, os israelitas, tendes muita arte para colher das plantas esses sucos venenosos que matam em minutos. Queria acreditar-vos, e para isso peço que me mostreis o veneno que anda sempre convosco.

EZEQUIEL

Para que as minhas palavras não estejam por muito tempo em dúvida... aqui tendes, senhora! (*Mostra-lhe um frasco, ela toma-o rapidamente de suas mãos*).

D. GUIOMAR

Isto é que é o veneno, não é assim? (*Reparando puerilmente*). Ora disse, meu amigo, se vos oferecesse metade da minha riqueza, a minha perpétua protecção, tudo, que sou e que valho, para me dardes este vidrinho, dar-mo-íeis?

EZEQUIEL

Essa pergunta... senhora!

D. GUIOMAR, *com sentimento*

Esta pergunta é uma. desgraçada mulher que vo-la faz. Já não é a senhora de Marialva, que vos suplica este frasco – é aquela infeliz, cuja vida sabeis... e uma atribulada, também, como vós, cansada de viver... e que deve um dia sacudir o jugo da existência, e buscar no veneno a paz da morte.

EZEQUIEL

Fazei primeiro penitência, senhora! O vosso Messias não perdoa crimes dessa natureza. Buscai o martírio, que tendes grandes pecados a baptizar no sangue, mas não vos suicideis... que há na terra um homem, que vive de vós...

D. GUIOMAR

Senhor! não me negueis este favor... Dai-me este vidrinho... será preciso que eu me prostre... *(faz a acção de ajoelhar)*.

EZEQUIEL

Senhora! eu vos dou esse vidro... Chamastes-me para isto?

D. GUIOMAR

Não: foi para ouvir-vos. Agora só quero de vós uma graça... que considereis todos vossos os meus haveres, que tomeis menos penosa a sorte de vossos irmãos, com o meu ouro.

EZEQUIEL

Não é preciso, senhora D. Guiomar. Já gozei muito brilhantes saraus em vossa casa. Já doudejei, como rapaz, pelos corredores do vosso palácio. Já descí muitas vezes à vossa albergaria para escarnecer dos truões...

D. GUIOMAR

Nós! vós!

EZEQUIEL

Eu – é verdade – eu, quando vosso marido chamava amigos para o verem engrinaldar-vos a fronte de namoradas coroas... Adeus, senhora.

D. GUIOMAR

Meu marido?!... Esperai! esperai!

EZEQUIEL

O nosso contrato continua. *(estende-lhe a mão solenemente e sai)*.

(D. Guiomar senta-se pensativa).

CENA VI

D. GUIOMAR, *só*

Não posso recordar-me!... Será ele?... Não é possível! Ezequiel era um rapaz airoso, imberbe... este é velho... pálido... a sua voz não era aquela... Conheço este judeu há dois anos, sempre esta figura... não é... não é possível... Tudo a aterrar-me... que fraqueza a minha... Este mendigo não é Ezequiel... Ezequiel namorava D. Maria de Noronha... Não é ele... não pode ser... *(trovão)* Tenho medo... quem me dera aqui

Fernando... ele demora-se... Ouço passos... será ele?...

(D. Guiomar vai como para esperar o infante, e recua diante de Afonseca com maneiras de desprezo).

AFONSECA, *profundamente sentido*

Escute-me duas palavras, senhora D. Guiomar.

(D. Guiomar sai).

CENA VII

AFONSECA, *e depois* PEDRO

AFONSECA

Oh meu Deus, que grandes infortúnios não pesam sobre esta desgraçada família! Vós o podeis, Senhor, desviai o raio da vossa cólera de sobre os inocentes que têm de pagar crimes que não fizeram! Esse velho pai, esse meu companheiro de batalhas que dorme a estas horas o sono plácido do honrado ancião... mal sabe ele que labéu lhe cospe nas cãs uma filha que ele amou tanto, e tanto perdeu com o seu mimo! *(Senta-se).*

CENA VIII

PEDRO E AFONSECA

PEDRO, *espreitando*

Já por cá não está o pedinte?

AFONSECA, *distraído*

Desgraçados! desgraçados!

PEDRO

Olá, sr. mordomo! estimo aqui encontrá-lo. Vossemecê não me explica esta entrudada que aqui vai esta noite?

AFONSECA

Deixa-me, rapaz!

PEDRO

Pois não sabe que eu trouxe o cego aqui ao salão?

AFONSECA

Sei, sei, praza ao Altíssimo que o não soubera!

PEDRO

Mas eu não me entendo com aquela cegueira... A senhora D. Guiomar disse ao cego quando ele entrou: – «entrai com os olhos abertos». Pois o cego havia de entrar com os olhos abertos?! É verdade – quem foi que o levou lá abaixo à albergaria – seria a senhora?

AFONSECA

Não sei.

PEDRO

Nem eu. O que sei é que anda aqui grande enguiço, porque o cego não tinha alma de atinar com a cama... Seja lá o que vossemecê quiser. Eu vou abrir a porta do jardim ao ar. D. Fernando que não pode demorar-se...

(*Sai*).

Voz dentro – D. GUIOMAR

Preciso entrar nesta sala – quero-a livre e desocupada.

(*Afonseca ergue-se – levanta as mãos e os olhos ao céu em aflitiva resignação, e sai*).

CENA IX

D. GUIOMAR, *só*

Tenho aprendido a vencer pelo rigor... Sei dobrar orgulhos... e nem sempre com o ouro dos cofres de meu pai... É mentira... eu ainda há pouco quis dobrar o joelho a um homem que possuía um frasco de veneno... foi uma vergonha; mas ninguém me viu nessa humilhada posição... A lembrança daquele homem... mata-me... Sabe que sou casada... isto é horrível!... (*Medita*). Veremos... pode ser (*com a satisfação duma lembrança horrorosa*)... Tenho vontade de cantar... vem cá, minha companheira, minha querida companheira de saudades (*pega na harpa*). Não te quero triste e silenciosa... ajuda-me a viver este instante de ausência... Aquela chácara tão linda dos ciúmes dum desterrado... linda que ela era! se me lembrasse... ah! lembra-me...

(*Canta acompanhando-se com a harpa*).

É d'anil sereno o céu,
Vai-te ao campo e colhe flores,
Não te iluda um céu sereno,
Muda o céu em suas cores.

Goza, goza, em ímpios braços,

Esse amor, negro, infernal,
 (Mas se eu chego à pátria, ai! triste!
 Treme e teme o meu punhal!

(Fica por alguns minutos numa espécie de pasmo, e, com a expressão de grande dor, clama a meia voz):

Aborreço este cantar... Já cantei esta chácara sem dor... tão feliz com a minha frieza de coração... hoje não posso... que vida a minha! Que eu não possa arrancar do peito este espinho...

PEDRO, *ao reposteiro*

S. Alteza o senhor Infante D. Fernando.

CENA X

A MESMA E O INFANTE

D. GUIOMAR, *risonha*

Meu querido... ah! foi muito bom que viesses... estava tão triste... estou agora tão contente...

INFANTE, *friamente*

Sempre rindo, sempre festival... sempre a mesma!

D. GUIOMAR

Querias ver-me triste... tinhas prazer na minha dor!? Triste! porquê?... não falas!?

INFANTE

És um mistério! não te compreendo!...

D. GUIOMAR

Cuidas que a presença desse homem me perturbou? Tenho pura a minha consciência... o meu coração transbordou de raiva, nutri um sentimento de justa vingança... mas não sinto mais que isto.

INEANTE, *acrimonioso*

Eu sinto mais alguma coisa... Sinto um desejo invencível de que me arranques dos olhos esta venda, que me não deixa ver a tua vida e a daquele homem. Amo a tua franqueza, Guiomar... é urna das prendas da tua alma; – sê franca! desamar-te... já eu não posso; mas quebrar pelas nossas relações íntimas, posso, quero, e devo, se por

desgraça D. João de Alencastre é aquilo que disse ser.

D. GUIOMAR

Meu marido?!

INFANTE

Teu marido, sim – teu marido.

D. GUIOMAR

Infante!... não te devo amar.

INFANTE, *irascível*

Por ventura é certo?

D. GUIOMAR

É certo que és um fraco... um injusto que me não crês, um temerário que me leste na face um crime de adultério...

INFANTE

Não... não, Guiomar... Eu não creio...

D. GUIOMAR, *sentando-se com afectação de grande dor*

Meu Deus!...

INFANTE, *afavelmente*

Guiomar! creio-te como à palavra de Deus... Ânimo, meu anjo! perdão... escuta-me... D. João de Alencastre é um caluniador, não é assim? é um infame que desafoga o seu crime por uma mentira cruel.

D. GUIOMAR

Sim... um infame, que devera pagar com a vida...

INFANTE, *interrompendo-a*

Com a vida, não, Guiomar. Matá-lo... não! Preso, e arrastado perante um tribunal, há-de sustentar que tu és sua mulher... Se o fizer... se convencer os juizes... – que vergonha, Guiomar! – se o não fizer, há-de ser lançado num cárcere, e desterrado para sempre. Matá-lo... não. (*D. Guiomar escuta-o com indiferença*). Parece que te repugna esta minha serenidade?... Querias antes converter o amante em assassino?!...

D. GUIOMAR

Fernando! as tuas palavras são repassadas duma ironia, que me fere...

INFANTE

Não é ironia, Guiomar. É que acima das nossas vinganças está a vingança do Eterno, e eu mais receio responder diante de Deus por um crime de sangue, que responder perante um tribunal dos homens em defesa da tua honra. – Hás-de ser minha esposa... juro-to eu, se por ventura há juramento que valha em nome da tua pureza, e inocência. Tumultuam no meu coração os desatinos de mancebo ardente, mas não posso ser cruel! A mais subtil espionagem foi hoje lançada em Lisboa, e até agora ninguém viu o Marquês de Torres-Novas, que o conhecesse. Logo que seja encontrado, será preso; preso, será interrogado; convencido de caluniador, será condenado.

D. GUIOMAR

Pois sim, infante, pois sim... seja punido pela lei, e fiquem nossas consciências puras.

INFANTE

Não podias falar doutra maneira. Tens um bom coração... pareceste-me cruel por um instante... mas não o és... foi o receio de perder-me que te fez desejar uma vingança... A noite vai alta, minha adorada: – a tua alma deve estar cansada de tribulações... precisas descanso... adeus...

D. GUIOMAR, *friamente*

Adeus, infante. Amanhã não poderei receber-te; não me procures.

INFANTE

Porquê?

D. GUIOMAR

Porquê? nem eu sei porquê... Estou cansada de torturar-me... Estas duas noites têm-me sido um inferno de dois séculos... quero a solidão; quero-me sozinha no meu quarto, com as minhas lágrimas... Adeus...

INFANTE

Pois sim, Guiomar, eu não te procurarei amanhã.

(Vai a sair).

D. GUIOMAR, *comovida*

Infante....

INFANTE, *o mesmo*

D. Guiomar!...

D. GUIOMAR, *pendendo-lhe a cabeça sobre o ombro, e levando-lhe a mão direita ao coração*

Amo-te tanto... estou tão perdida por ti...

INFANTE, *solene*

Que incompreensível tu és, Guiomar!

D. GUIOMAR, *deixando-o*

Ah! não sou, não, Fernando! sou uma mulher muito desgraçada... Vai-te... adeus...

INFANTE

Adeus, Guiomar!... Eu deixo ao tempo a explicação do estado presente do teu espírito...

CENA XI

D. GUIOMAR COUTINHO

D. GUIOMAR, *erguendo-se, depois de meditar algum tempo*

Tremo de mim! estou um coração de ferro... Arranquem-me da alma este amor que me sustenta... e eu serei um cadáver... Vítima de perdição!... quem me fez assim?!... Avante, minha paixão!... se retrocedes, será perpétua a minha infâmia... (*Torna a sentar-se: tira do seio o frasco que recebeu de Ezequiel, e, pouco depois, o depõe sobre a mesa*). Este veneno... está aqui encerrada a minha fortuna... está nele um mundo novo para mim. É-me necessário que o marquês aqui venha... devo seduzi-lo na primeira noite... envenená-lo na segunda... Ah! eu era mais feliz se morresse... Vou escrever-lhe... (*pega da pena e deixa-a cair*) escrever-lhe... mas... para onde?

CENA XII

D. GUIOMAR COUTINHO E O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

O MARQUÊS *vem trajado como no primeiro acto*

Aqui estou, senhora. Dai-me o gosto de ouvir-vos vocalmente os vossos preceitos.

D. GUIOMAR, *erguendo-se aterrada*

Quem sois vós, senhor!?

MARQUÊS, *tirando as barbas*

Um homem, que creio vos importa alguma coisa.

D. GUIOMAR

Ah!... quem vos deu entrada aqui, marquês!?

MARQUÊS

Depressa me conheceste, D. Guiomar Coutinho! O Marquês de Torres-Novas, há quatro anos, era um vosso fiel confidente. Tinha uma chave que lhe abria o vosso jardim (*arremessa-lhe acima da mesa uma chave*) outra que o conduzia a esta sala (*o mesmo*) outra que o levava à vossa câmara (*o mesmo*) – já sabeis, portanto, assustada senhora, quem deu entrada ao marquês neste vosso santuário de virtude...

D. GUIOMAR, *meia voz*

Oh meu Deus! valei-me!

MARQUÊS

Parece que a minha presença te não é muito agradável, Guiomar!? Felizes todas as damas que são surpreendidas pelos seus amantes no acto em que desejam saber aonde devem mandá-los chamar. Aqui estou, senhora! Vamos, que esta noite é a da sedução... Em que vos pode ser útil o pobre trovador?!

D. GUIOMAR

D. João!... Eu vos imploro...

MARQUÊS

Que me imploras, D. Guiomar?

D. GUIOMAR

Perdão!... perdão!...

MARQUÊS, *sorrindo de escárnio*

Senta-te, mulher, que te arrependes... (*Ela hesita e ele imperiosamente lhe aponta uma cadeira*). Senta-te!... (*Senta-se também ele, pouco desviado de Guiomar*).

A alma gasta-se; com a alma vão-se as recordações... quero recordar-me duns contos lindos e trágicos, mas preciso que me socurras com a tua memória... Ouve-me.

Uma linda mulher requestara um homem, nem tão rico nem tão gentil como ela; mas era ele o requestado, e ela a furiosa nos delírios, a forte e violenta nas suas vontades. «Serás meu marido, apesar da vontade do mundo inteiro» – disse-lhe ela; e ele respondeu-lhe: – Pois sim, eu serei teu marido porque não há no mundo, nem já agora a

haverá, mulher que tanto me inspire o gozo da escravidão do matrimónio. – Esse homem, e essa mulher entraram, sozinhos, pela calada da noite, num templo, e disseram a um sacerdote «unidos para sempre» e o sacerdote uniu-os *para sempre*. Era forçoso o mistério neste casamento: que o pai dessa dama casada era um avarento orgulhoso: com a morte dele morreria o mistério... «Pois bem, disseram-se os esposos, esperemos que ele morra, para que a sociedade supersticiosa levante a. excomunhão do nosso tálamo furtivo». Alguns dias amaram-se muito. Viam-se duas horas por noite. Pareciam frenéticos de amor... Era a paixão que doudejava na sua embriaguez com toda a liberdade... Viveram esta vida risonha e encantadora por alguns meses... não sei quantos... aqui é que a tua memória tem um triunfo... lembram-te, Guiomar, os meses que foram? (*Silêncio*). Não sabes?... é que a tua alma também está gasta... Pois faz-me dó o mal-aventurado filho de má sina que, por muito magoado, se esquece do muito prazer que já teve!... Adiante. Passados alguns meses, essa mulher viu, não sei onde, um cortesão de grande nome, neto e filho de reis! – grande nome que ele tinha! A dama gostou mais desse cavaleiro que de seu marido. O porquê... é que a história não diz... Sabei-lo vós, senhora? (*Ela ergue-se com força da cadeira, e vai sentar-se noutra distante – ele arrasta a sua para perto*). Procurarei ser ouvido o mais comodamente: quero conhecer da vossa sensibilidade pelo movimento das vossas feições... porque esta história excita a curiosidade... não e assim, nobre senhora?

D. GUIOMAR

João de Alencastre!

MARQUÊS

Era o meu nome por esses tempos em que as verdades desta história se passaram... hoje, senhora, sou um desterrado, sem nome, sem haveres... um truão para o festejo das vossas bodas, se assim o quiserdes... E a história, que se me ia. varrendo!!

Eu não sei o que essa dama apaixonada disse ao seu amante... Guiomar Coutinho é de esperar que o saiba... Que lhe disse ela, Guiomar? Chorou assim como tu choras? estorceu-se numa cadeira assim como num potro de judeu? Ou foi violentada assim (*aperta-lhe um pulso – ela solta um grito*) pela mão de ferro do seu amante até se prostituir à vergonha do adultério?... Nenhum de nós sabe o que lhe ela disse; mas o marido foi desterrado como inimigo reservado de D. João III. Na última noite do seu *adeus*, a mulher do desterrado visitou-o no cárcere, e chorou como tu choras agora... Das praias do Restelo acenou-lhe com o seu lenço *molhado de lágrimas* quando ele, mar em fora, era levado pelo galeão que costumava despejar nas areias de África os criminosos de Portugal. Oh senhora! se o vísseis por aqueles presídios a chorar lágrimas de sangue!... se vísseis o marido inocente como as saudades da mulher e da pátria o despedaçavam... Se o vísseis por noites eternas sem uma esperança, sem uma carta dessa mulher... sem um ceutil... a mendigar por portas que o desprezavam...

Viveu quatro anos assim... já não podia suportar o sofrimento... o sangue gelara-se-lhe nos pulmões, a mortalha pendurara-se-lhe da ossada cadavérica... o mísero queria vir à pátria... ver sua querida mulher... e morrer no patíbulo com o segredo do seu casamento. Era-lhe necessário fugir... não tinha uma moeda de cobre para comprar uma guarda. Restava-lhe o retrato de sua mulher, circundado de pérolas... vendeu as pérolas, e restituiu a seu seio o retrato de sua *virtuosa* consorte... (*Arremessa-lhe o retrato*). Quem se atrevia. a dizer ao desterrado: «Morre aí, homem atraído, que tua mulher é uma adúltera!?» Ninguém, pela minha e vossa honra, ousaria dizê-lo – pois não,

destinada esposa do Infante D. Fernando!?

D. GUIOMAR, *erguendo-se na mais viva aflição*

Deixai-me, marquês!

MARQUÊS, *travando-lhe do braço e fazendo-a sentar*

Assim vos aborrecem estas histórias, tão ricas de impressões fortes!? Haveis de ouvir-lhe o resto, até por uma cerimónia quando mais não seja.

O desterrado voltou – vinham-lhe descarnadas as feições; e ele, ainda assim, temendo ser conhecido, acabou por desfigurar-se com umas barbas como estas, e foi à porta de seus mordomos e pagens, cantar-lhes trovas a troco dum bocado de pão. Tudo isto fez ele para ver, ao menos, uma vez sua mulher... que depois... pouco se lhe dava a ele de morrer. Era um bom marido, não era, filha dos Marialvas?

D. GUIOMAR

Oh senhor!...

MARQUÊS

Era uma noite tempestuosa como a noite passada. O desconhecido com uma chave, que tinha da casa de sua consorte, entrou-lhe no jardim, sem esperanças de vê-la; mas contente ao menos de contemplar-lhe as telhas, que a cobriam. Alta noite, essa dama (*irónico*) bela como os lírios, que pisava – cândida como as açucenas que lhe ondeavam na orla do manto, e radiante como o relâmpago que lhe fulgurava nas faces, veio ao fundo do seu jardim, e deixou-se cair nos braços dum amante, senhora D. Guiomar, e não nos braços do marido! Era belo e terrível este quadro! (*Ela quer erguer-se e é obrigada a sentar-se*). Ainda é cedo: – o remate é o melhor desta nossa história, senhora! Os dois amantes falaram de muitas coisas... e muito do coração: não lhes esqueceu o pobre desterrado, também falaram dele... Ela suspirava por um braço de homicida e por um punhal: braço de homicida não lho dera ele, porque o não tinha; mas um punhal... ofereceu-lho o marido para que sua mulher *olhasse para o seu delicioso futuro como para coisas do seu coração e do seu punhal...* Era um marido condescendente, não era, D. Guiomar?!

D. GUIOMAR, *voz alta, erguendo-se*

Basta, marquês!

MARQUÊS

Mais baixo, senhora, que podem ouvir-nos. Este diálogo é familiar como o de dois consortes, que se não replicam e transigem amigavelmente. A história expirou... e assim que a tu sabias, Guiomar?

D. GUIOMAR

Já vejo que quereis matar-me cruelmente.

MARQUÊS

Eu! matar-vos! É pois certo que vos magoou esta história, com que eu quis recrear-vos!... vou distrair-vos dessas tristezas... (*Vai buscar o veneno de sobre a mesa*). Lindo frasquinho, e mais lindo pelo transparente líquido, que contém! Muito vê quem muito anda! Já vi assim um frasco com um líquido desta cor, do qual duas gotas diluídas num refresco transformavam um homem num cadáver em três minutos. Há invenções terríveis, não há, D. Guiomar!?

D. GUIOMAR, *de joelhos*

Compaixão, senhor!

MARQUÊS, *deixa cair o vidro*

Compaixão, mulher! compaixão para ti, que me traíste, que me repeliste, que me desterraste! Compaixão para ti, que me cobriste de opróbrio, de infâmia, de ignomínia, cuspendo-me na face o escarro do adultério! (*Ela quer ajoelhar*). A meus pés, não, Guiomar, que me assassinas com o horror da tua vileza! Ergue-te cheia de orgulho com as tuas torpezas, adúltera! – cerra os lábios de teu marido com a razão do teu crime! Porque me atraíste, Guiomar Coutinho!? Não tinha eu sido o primeiro homem das tuas afeições, Guiomar!? Não tinha eu recolhido ao coração o juramento da tua fidelidade, perjura!? porque me atraíste, Guiomar Coutinho!... Emudeces... choras!... donde te vêm essas lágrimas, coração de tigre!? porque tremes assim, mulher, que ao te falta um braço de homicida!? (*Mudança de voz*). Foi-te bem fatal esta «primeira noite de sedução», não é assim? (*Rindo serenamente*). Fala, mulher, que mal te fiz eu? porque pediste o meu desterro depois de atraído? porque me querias ver aqui morrer abrasado com um veneno? Que farias tu, durante os meus paroxismos, aqui a arrastar-me com as torturas do veneno neste chão... a teus pés... mulher sanguinária!?... (*Sombriamente*). Sentes que deste braço mirrado se te infiltra nas veias o gelo da morte?

D. GUIOMAR, *grito doloroso*

Ah!...

MARQUÊS, *arrancando o punhal*

Não esperavas assim uma morte tão prematura – não é assim, miserável?

D. GUIOMAR

Misericórdia!

MARQUÊS

Pensavas que gozarias delícias com o teu amante tripudiando sobre a minha sepultura?

D. GUIOMAR

Piedade!

MARQUÊS

Supunhas acordar dos teus sonhos de algoz nos braços do teu infante?

D. GUIOMAR

Perdão!

MARQUÊS

Perdão! – pede-o a Deus... uma oração curta pode comover o Altíssimo... depressa, que o assassino só quer uma vítima.

D. GUIOMAR, *de joelhos para fora*

Morrer!... meu Deus!... Morrer... Marquês... piedade... D. João... eu sou a tua mulher... ainda não fui adúltera... Dá-me a vida, que é só para ti... Perdoa-me... que terás um dia remorsos de me matares...

(Durante esta fala o marquês como alienado parece não ouvir a exclamação de Guiomar. Com as mãos agarradas à cabeça corre ao fundo).

CENA ÚLTIMA

AFONSECA E OS MESMOS

AFONSECA vem à cena enquanto o marquês está ao fundo – Guiomar lança-se-lhe nos braços

D. GUIOMAR

Salvai-me... salvai-me...

(O marquês voltando, alucinado, vai a descarregar o golpe, quando Afonseca ajoelha diante de Guiomar, que também ajoelha).

AFONSECA, estendendo-lhe a mão

D. João de Alencastre!

(O marquês recua espavorido).

AFONSECA, erguendo as mãos

Eu vos agradeço, meu Deus!

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

Terrado exterior da casa dos Marialvas. – Ao fundo vê-se o edifício cujas janelas, cortinadas de damascos, deixam coar o clarão das luzes: uma das janelas é rasgada em arco, e de serventia. Há uma porta respectiva, e supõe-se uma rua que atravessa o terrado.

CENA I

EZEQUIEL *trajado como no segundo acto, finge-se cego, e está encostado a uma casa lateral* – CINCO ENCAPOTADOS, *como em espreita de alguém.*

EZEQUIEL

Nobres senhores! Dai ao cego mendigo a vossa bendita esmola: Deus nosso Senhor vo-la veja dar!

1º ENCAPOTADO

Olha este que não lhe chegou o dia para pedir!

2º ENCAPOTADO

A noite não tem cancelas – lá diz o ditado.

3º ENCAPOTADO

São mais horas de recolher, que de pedir, irmão.

EZEQUIEL

Agradeço-vos o conselho; mas peço-vos uma esmola.

1º ENCAPOTADO

Não viste por aqui um trovador?

EZEQUIEL

Pois não vedes que sou cego!? É boa a pergunta!

2º ENCAPOTADO, *que tem estado de observação*

Retira... que vem gente...

3º, 4º E 5º ENCAPOTADOS

Ele?

2º ENCAPOTADO

Não; são fidalgos que vêm ao sarau.

(Os encapotados saem).

EZEQUIEL

Há um segredo sinistro nestes homens...

CENA II

EZEQUIEL, D. FERNANDO DE CASTRO, E D. GUTERRES DE SOUSA, *que entram accionando, como quem conversa.*

EZEQUIEL

Nobres senhores! dai ao cego mendigo a vossa bendita esmola: Deus nosso Senhor vo-la veja dar.

D. GUTERRES, *para D. Fernando de Castro*

É um pobre astucioso, não vos parece, Fernando? Até à porta dos saraus, vêm estes miseráveis entornar o prazer dum cavaleiro que vive como quer viver! Miséria em tudo, e por toda a parte... *(Para Ezequiel)*. Quantos reais brancos arranjaste dos cavaleiros, que entraram?

EZEQUIEL

Nenhum, senhor.

D. GUTERRES

Ora pois, aqui tens doze, e vai-te à cama, que corre a noite fria *(finge que lhe dá a esmola e diz-lhe a meia voz)* esconde-te por detrás dessas colunas e escuta... Vai-te...

EZEQUIEL, *alto*

Deus vos prospere mil venturas, e seja pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo – *(Vai-se, tacteando o caminho com o pau. Fernando, que tem estado distraído, volta a Guterres)*.

CENA III

Os MESMOS, MENOS EZEQUIEL

D. FERNANDO

Estamos sós, não é assim?

D. GUTERRES

É verdade – sós como duas almas que nasceram juntas, juntas pensaram, até à campa, e depois da campa, ainda juntas, foram pensar na presença de Deus.

D. FERNANDO

Tenho-te mais que amizade... É um devaneio delicioso, mais plácido que o amor, menos ardente que a paixão... Crês, Guterres, que tenho só dois pensamentos na terra... só dois entes que me são caros?...

D. GUTERRES

Creio tudo – não és ingrato – pagas, como honrado amigo, o muito que te estimo. Sou feliz em partilhar na tua alma com a encantadora Maria de Noronha.

D. FERNANDO

Acrescenta ao título de encantadora, o de minha esposa, (*expressão terrível no rosto de Guterres*) que em breve o será.

D. GUTERRES, *emendando-se*

Decerto? pois assim depressa vais esposá-la?...

D. FERNANDO

E admiras?

D. GUTERRES

Admiro, porque o prémio é quase sempre tardio ao verdadeiro merecimento. És um raro homem, virtuoso e digno, a quem a realidade dos desejos sorri de boamente. (*Abraçando-o*). Parabéns, meu caro Fernando!... Sabe que somos dois a sentir o prazer da tua dita... Tu e eu... Tu, porque és o amante querido da mais linda donzela da corte de D. João III; e eu, porque sou o amigo de alma do mais ditoso cavaleiro..

D. FERNANDO, *expressão de tristeza*

Quem sabe, Guterres... quem sabe?!

D. GUTERRES

Tu, que mo disseste.

D. FERNANDO

Não fui eu que to disse... foi o coração que delira... Tenho de vencer estorvos... de

quebrar talvez pela minha honra de fidalgo... para que D. Maria seja minha.

D. GUTERRES, *ansioso*

Explica-te.

D. FERNANDO

Bem sabes que D. Álvaro de Noronha é um ambicioso, que não conhece almas talhadas para o merecimento da filha., quer ouro que pese tanto como o ouro que ela tem... D. Maria é instrumento da avareza de seu pai...

D. GUTERRES

Pediste-lha?

D. FERNANDO

Pedi: – recusou-ma! mandou-me à Índia merecer o honroso nome de meus avôs, e granjear o ouro que eles me não deixaram.

D. GUTERRES

E a tua espada ficou-se na bainha como a asevã dum peão... não é assim?

D. FERNANDO

Ele era o pai de D. Maria de Noronha...

D. GUTERRES

Já sei o que intentas... roubá-la... é verdade?

D. FERNANDO

É verdade... se me aconselhares e ajudares com teu braço e coração.

D. GUTERRES

Deves ter traçado um plano para o rapto – não é assim?

D. FERNANDO

Foi ela que o traçou.

D. GUTERRES, *irónico*

Oh! então deve ser seguro e desarriscado!

D. FERNANDO

Não quero os teus sorrisos, Guterres! Dá-me o teu conselho de prudente e assisado... bem vêes que, eu e ela, ambos em assunto de amor desarrazoamos...

D. GUTERRES

Pois bem... fala... e não te enfades dos meus sorrisos, que são eles a prova da serenidade com que te ouço.

D. FERNANDO

Passados quinze dias, vão começar oito noites de folgar seguidas em honra dos desposórios de D. Guiomar Coutinho e o infante D. Fernando.

(Vê-se passar ao fundo um trovador de mandolim ao tiracolo, pára um pouco, contemplando as janelas do edifício, e prossegue.)

D. GUTERRES

Já sei... mas em que ficou uma balada de romance que por aí correu de casamentos clandestinos... visões de jardins...

D. FERNANDO

Em nada, como devia ficar. Foi uma invenção de inimigos do infante, que prestes se dissipou... Vamos adiante. D. Maria de Noronha vem aí ao sarau todas as noites, é livre, só aí, onde o pai não arreceia dalgum cavaleiro galanteador, porque em festas públicas todos eles o são. O salão de armas desta casa tem uma saída pela galeria: eu esperarei por Maria nesse salão, sairemos, e venceremos na primeira noite uma dúzia de léguas... Na primeira igreja que encontrarmos, ela será minha esposa à face de Deus... e depois... proteja-nos o Deus que nos uniu.

D. GUTERRES, *irónico*

O plano é fácil e pronto... É verdade... e pronto e fácil... nem pode deixar de se sucederem rigorosamente os lances que ela traça... Sim – D. Maria vem à sala de armas... tu foges com ela... quem foge, desaparece... no dia seguinte casas... depois estás casado... É verdade... estás casado... e tens conseguido quanto queres... o plano é lógico!... Anda lá que a tua dama é a cabeça mais engenhosa para este género de planos, que eu tenho visto...

D. FERNANDO

Sempre irónico!...

D. GUTERRES, *emendando-se*

Irónico! eu não sou irónico. Queres a amostra de que os lábios que sorriem são sinceros como a alma que os inspira? Fernando de Castro! Na noite aprazada para a fuga, serão meus os cavalos que vos ponham fora dos muros da cidade: – eu e seis criados meus vos acompanharemos, e seremos testemunhas do vosso casamento.

Aceitas o meu oferecimento?

D. FERNANDO

Aceito... (*Abraçando-o*). És muito meu amigo... és um perfeito cavalheiro, meu Guterres... (*Ouve-se a música*). Ah! vamos... vamos... que nos fogem os venturosos instantes...

D. GUTERES, *sorrindo*

A ti... decerto. A mim, à fé que não... bem sabes que não amo... a minha alma é um oceano de tormentas onde não mareiam pilotos namorados... Vamos lá, meu caro Fernando...

(*Saem*).

CENA IV

Os ENCAPOTADOS *e depois* EZEQUIEL

1º ENCAPOTADO

Os diabos os levem, que tanto tinham que dizer cá fora.

2º ENCAPOTADO

E perdemos a ocasião... O trovador esteve aqui parado a olhar para as janelas... era ele... e quem sabe se voltará...

3º 4º E 5º ENCAPOTADOS, *alternativamente*

- É verdade.
- Quem sabe se voltará?
- Voltar... isso volta ele... mas bem sabeis com que sagacidade o infante quer que façamos a caçada...

EZEQUIEL, *entrando*

Nobres senhores! dai ao cego mendigo a vossa bendita esmola...

1º ENCAPOTADO

Cá está o importuno... Vai-te daqui embora, homem!

EZEQUIEL

Que mal vos faz o pobre ceguinho, senhores!

2º ENCAPOTADO

É verdade... ele é cego... deixá-lo estar...

3º ENCAPOTADO

Tu que tens, Ezequiel, fome ou sede?

EZEQUIEL

Fome, senhor!

3º ENCAPOTADO

Pois nós temos sede e fome, que é mais alguma coisa... Vamos à vida, rapazes. Responsa-nos, velho, que, se nos não perdermos, hás-de matar a fome amanhã.

(Vão saindo).

EZEQUIEL

Pois a Virgem vá na vossa companhia. Eu cá vos fico responsando.

CENA V

EZEQUIEL E D. GUTERRES *depois*

EZEQUIEL

Mais quinze dias... e eu estarei vingado! D. Maria de Noronha é a mulher que perdeu três homens... Aí está dentro um Guterres traidor como um Judas... aqui estou eu sanguinário como um demónio... somos dois... dois condenados... Desgraçado Fernando de Castro!

D. GUTERRES, *vindo do palácio*

Ouviste, Ezequiel.

EZEQUIEL

Ouvi, D. Guterres.

D. GUTERRES

Ela fugirá... e será dele.

EZEQUIEL

Porque a não matas?

D. GUTERRES

Matara, matara, se me não pedisses o privilégio de assassino...

EZEQUIEL

Tens razão: o assassino sou eu... quero ser eu... matara o homem que me roubasse o prazer de assassiná-la... Já sei tudo.... preciso da tua protecção no momento da fuga dessa mulher... prometes-ma, homem?

D. GUTERRES

Sim... tudo... e um segredo eterno...

EZEQUIEL

Não quero depois o teu segredo. Diz bem alto por essa cidade que o matador de D. Maria de Noronha foi o judeu Ezequiel. Di-lo bem alto, que os pedaços do meu cadáver pularão de prazer na fogueira dos judeus. Ver-nos-emos passados quinze dias, não é assim, D. Guterres de Paiva?

D. GUTERRES

É verdade. Dá-me a tua mão de amigo.

EZEQUIEL

Não posso. É impossível sermos amigos. Ambos amamos a mesma mulher: pela raiva não fraternizaremos,.. Adeus... deixa-me agora.

(Guterres sai).

CENA VI

EZEQUIEL *e depois* o MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

Raça de pérfidas!... quem me dera apertá-la em vulto nesta mão, vê-la aqui desfeita em sangue e pó como hei-de ver ainda a garganta do dragão que me envenenou a infância!

O Marquês de Torres-Novas, vestido de trovador, entra na cena tocando um mandolim, que já vem tangendo de longe enquanto Ezequiel falou. Traz as barbas postiças: e vem pálido e como sombrio.

MARQUÊS, *cantando*

Quero folgados saraus,
Quero trovar nesta lira,
Quero amor, não quero a guerra,
Ruge a guerra, amor suspira.

EZEQUIEL

Nobres senhores! dai ao ceguinho a vossa bendita esmola.

MARQUÊS, *reparando*

E sabeis qual de nós será mais pobre?!

EZEQUIEL

Pelo trajar certo que não sei, porque não vejo; mas pelo folguedo de cantar, por Deus, que sois mais feliz que eu!

MARQUÊS

Ai daquele que vive de cantar os prazeres alheios! Um trovador é um mercenário a quem se pagam uns tantos reais, por uns tantos versos, que ele faz de sua lavra, ou pede emprestados a quem os fez.

EZEQUIEL

Então sois poeta, ou fazeis de poeta?... Não sei qual dos nossos ofícios será o melhor. Há em nós uma condição diversa. Vós ides, como o jogral, fazer rir fidalgos, que se desenfastiam com versos. O bobo faz rir em prosa, e vós em verso, a esmola é a mesma... Ora agora, eu cá também peço esmola, e se não faço chorar, pelo menos não faço rir.

MARQUÊS

Lembraste bem... És cego mas vês mais que eu... Já agora hei-de levar a fim esta vida como tu hás-de levar a tua. Tu hás-de morrer a mendigar, e eu a cantar... Grande coisa é rasgar a vida em versos, quando para a desfazer em lágrimas má fada no-la deu...

EZEQUIEL

Então vós sofreis muito, ou estais a mentir em prosa?... basta mentir quando versejardes.

MARQUÊS

Gosto de ouvir-te... Pareces-me um homem singular na tua classe!

EZEQUIEL

Assim o dizem muitos, mas não houve ainda aí, entre os que o dizem, alguém que fizesse de mim excepção aos mendigos... Peço esmola há muitos anos... e assim vou vivendo confundido com as vulgaridades mendicantes (*sorrindo*).

MARQUÊS, *reparando*

Aí vem uma boa roda de encapotados... que não têm jeito dos bons e leais cavaleiros, a quem a noite é segura como o dia...

EZEQUIEL, *reflectivo*

Espera... chega-te aqui... ouve-me... és trovador?... ou finges sê-lo?

MARQUÊS, *admirado*

Que pergunta!...

EZEQUIEL

Quem quer que sejas... esconde-te... depressa...

CENA VII

(Os encapotados e também encapotado o infante D. Fernando, vêm entrando; este por debaixo da capa traja as galas ricas da corte. O marquês sai).

EZEQUIEL

Nobres senhores! dai ao cego mendigo a vossa bendita esmola.

1º ENCAPOTADO

Não te dissemos que te fosses deitar?!

2º E 3º ENCAPOTADOS

Fora, fora daqui.

INFANTE, *retendo-os*

Deixai o desgraçado que mendiga... e uma infâmia avexar o miserável que nos inspira compaixão... Não desprezeis quem pede, quando não quiserdes socorrer.

4º, 5º E 6º ENCAPOTADOS

É verdade! É verdade!...

INFANTE, *meia voz*

Acercai-vos de mim (*executam tirando os chapéus e desembuçando-se*).

Pela terceira vez vos digo que o trovador deve ser preso, e depois de preso, respeitado e servido. Eu condeno na vida o que lhe puser um dedo. Tendes-me entendido, rapazes?

TODOS

Entendemos muito bem.

INFANTE

Pois muito bem, espero que executeis. Tomai esta capa...

(Entra no edifício).

1º ENCAPOTADO, *para Ezequiel*

O que te vale meu sabujo... o que te vale...

5º E 6º ENCAPOTADOS

Deixa o velho... vamos à vida... Rapazes!... hoje honrados como cavaleiros!... já que nos pagam para sermos honrados... não haja sangue...

TODOS

Bem lembrada! viva a honra!

(Saem).

(Rompe a orquestra à chegada do infante).

Vozes dentro do palácio – Viva sua alteza! Viva sua alteza! viva! viva!...

MARQUÊS, *com a indo sobre o punhal – defronte da porta do palácio*

Infame!

EZEQUIEL

Que estais aí a rosnar? é a rima infiel que vos dá tratos à memória?

MARQUÊS, *como extático*

Oh! que muito desgraçado eu sou!

EZEQUIEL, *à parte*

Quem será este homem?

MARQUÊS, *para Ezequiel*

Ouviste o que aqui disseram aqueles encapotados?

EZEQUIEL

Não... mas entre eles havia uma voz de homem a quem os outros obedeciam... falaram muito baixo, depois... não ouvi nada...

MARQUÊS, *concentrado*

Quem sabe se um assassínio...

EZEQUIEL, *à parte*

Que mistério!

MARQUÊS, *o mesmo*

A morte sem a vingança!

EZEQUIEL, *nobremente*

Quem sois, senhor?

MARQUÊS, *surpreso*

Quem sou? não sabes já quem sou? um miserável trovador...

EZEQUIEL

Mentis! se sois cavaleiro não me peçais satisfação porque, em honra vossa, não ma podeis pedir...

MARQUÊS, *aproximando-se lentamente*

E tu quem és?

EZEQUIEL

Quem sou? não sabeis já quem sou? um miserável mendigo...

MARQUÊS

Homem! fala-me de traições, se as tens na tua vida... Diz-me que és um atraído, porque eu jurei de andar errante pelo universo até achar um homem traído mais vilmente que eu!

EZEQUIEL, *sorrindo*

Tenho dó de ti! Diz-me aí algumas de tuas trovas repassadas de fel e ódio, porque tens um vasto assunto na tua vida.

MARQUÊS

Parece que insultas a desgraça dos outros...

EZEQUIEL

É que eu sou um egoísta com os meus tormentos... Vem cá... não tenhas nojo destes andrajos... dá-me a tua mão... queres ouvir uma história de traições?... Ora pois: é um judeu que ta vai contar.

MARQUÊS

Um judeu!

EZEQUIEL

É verdade! Eu queria ter olhos para ver o efeito que te fez no semblante este nome da raça maldita...

MARQUÊS

Ver-mo-ias sereno... Continua.

EZEQUIEL

Amei uma mulher da tua tribo, cavaleiro cristão! amei-a com fogo de coração árabe... amei-a como se o mundo fora um deserto e ela a única mulher do mundo. Quando a não amasse mais, amei-a tanto como amaste a tua, porque a maldição do vosso Cristo não chegou aos corações dos amaldiçoados... (*silêncio*).

MARQUÊS

Diz.

EZEQUIEL

O teu rei faz-nos guerra de morte. Meus. irmãos vagam a estas horas por esse mundo desterrados, pobres, perdidos...

MARQUÊS

E tu!?

EZEQUIEL

Estou aqui como vês.

MARQUÊS

E não pudeste...

EZEQUIEL

Não pude o quê?

MARQUÊS

Sair de Portugal por pobreza?

EZEQUIEL

Eu pudera forrar de ouro o maior galeão do teu rei que me levasse... O que não pude. foi apartar-me dessa mulher que a amava muito.

MARQUÊS

Confundes-me, homem! tu... cego... mendigo...

EZEQUIEL, *sorrindo*

Cego!... é o hábito de ter os olhos cerrados que me faz cair na falta de os não ter abertos... Bem vêes que a minha vista é tão clara como a tua!... (*Pega-lhe da mão, e colocam-se em meio da cena*). Vós afeitos a muita franquia e lealdade. não sabeis fingir olhos e caras... e esconder debaixo dum manto de farrapos um punhal de vingança quando o ouro já não vinga!... Adiante, não é assim? estás ansioso por saber o que te falta. Enquanto o judeu coberto de ouro e pedrarias campeava por entre os mais ricos infanções da corte... enquanto o judeu fascinava a raça feliz das belas cristãs, o judeu era a vida, e os sonhos da perjura... A perjura renegaria do seu Deus e da sua lei, se lhe eu dissesse um dia – «terás metade dos meus tesouros!» Proclamou-se o pregão inexorável do extermínio, Os filhos foram arrancados aos pais, os pais verteram o veneno nas entranhas dos filhos, outros renegaram, e muitos foram dispersos ou mortos em nome de Jesus Cristo, do trono e da santa religião. Eu nem me suicidei, nem me fui a terras estranhas. Tinha pai, e mãe, e irmãos, e amigos... dei-lhes a maior parte do meu ouro... e fiquei por cá, meu cavaleiro, na tua deliciosa terra, como uma gota de sangue num cândido panal da Pérsia. Desculpa ao mendigo este dizer queixoso... Olha que sou muito desventurado!...

MARQUÊS

Continua... Eu ouço-te, como se fora um teu confidente... um teu amigo... um teu irmão de raça.

EZEQUIEL

Fui muitas noites à porta da minha amada... Passei-as no silêncio da dor... Se me viu... negou-se-me... se me falou... com duas palavras... queimou-me as esperanças... calcou-me o orgulho de homem... matou-me o sentimento bom desta alma, que tive generosa e grande...

MARQUÊS

Que te disse ela?

EZEQUIEL

«És um judeu, o nosso amor é um crime» – foi o que ela me disse... Tinha perjurado... estava nos braços dum amante... desprezara-me por ele, como desprezara outro por mim...

MARQUÊS

Que intentas?

EZEQUIEL, *friamente*

Matá-la.

MARQUÊS

Matá-la!

EZEQUIEL

Espanta-te, homem! Mentiste-me quando me disseste que eras um atraídoado... Que intentas fazer tu à tua pérfida?

MARQUÊS

Nem eu sei! Se tu soubesses a minha vida...

EZEQUIEL

Não ma contes se é urna traição... são todas assim como esta... concebida a ideia duma mulher, e duma traição... o mais é a diferença de lugar, e de tempo...

MARQUÊS

E como tens podido passar sem ser conhecido?

EZEQUIEL

Facilmente. Esta raça de judeus o que não tem de fé deu-lho Deus de engenho. Este homem com quem agora falas, se logo o vires, dirás que nunca o viste. Demais, se uma fatalidade me descobrisse, há aí entre os grandes da corte uma mulher que me protege... é uma generosa mulher comigo... mas também é uma pérfida... assim havia de ser... Creio que um recado meu para ela me livraria da fogueira dos judeus...

MARQUÊS

Porquê?!

EZEQUIEL

É um segredo muito importante que lhe traria uma infâmia grande se fosse revelado... D. Guiomar Coutinho...

MARQUÊS, *sobressaltado*

Que dizes?

EZEQUIEL

Parece que vais criando um grande interesse com a minha história!

MARQUÊS, *o mesmo*

Diz... diz... continua.

EZEQUIEL

Não digo mais nada.

MARQUÊS, *mudança de voz*

Homem! tu conheces-me?

EZEQUIEL

Não!

MARQUÊS

Sabes que D. Guiomar Coutinho é casada?... (*Silêncio*) responde... fala...

EZEQUIEL

Sei.

MARQUÊS

Como é que o sabes?

EZEQUIEL

Fui testemunha do seu casamento.

MARQUÊS

Tu!

EZEQUIEL

Sim, eu.

MARQUÊS, *procurando-lhe avidamente as feições,*

e afastando-lhe os cabelos do rosto

Ezequiel!

EZEQUIEL, *recuando*

Quem te disse o meu nome?

MARQUÊS, *serenamente*

Já rezaste por alma do teu amigo de infância?... Julgaste morto no desterro o Marquês de Torres-Novas?

EZEQUIEL

Deus de Abraão!... que ouvi!

MARQUÊS, *tirando as barbas*

Duvidas, Ezequiel?

EZEQUIEL, *no maior transporte abraçando-o*

D. João de Alencastre!

MARQUÊS

Muito desgraçados somos, amigo!

EZEQUIEL, *recordando-se*

Espera... Já falaste com Guiomar?!

MARQUÊS, *serenamente*

Já... duas vezes...

EZEQUIEL, *vivamente*

Oh! livra-te dum veneno que saiu de minhas mãos!

MARQUÊS, *a mesma quietação*

Já estou livre!

(Ouvem-se vozes perto e rumor de passos).

EZEQUIEL

Vem gente... oculta-te... retira-te, se puderes... uns encapotados cruzam, este

terreiro... procuram-te decerto...

MARQUÊS

Dizes bem, Ezequiel, eu me esconderei, porque ainda é cedo para mostrar-me.

(O marquês retira-se – Ezequiel compõe-se para pedir esmola).

(Abre-se a janela rasgada do fundo e vê-se a iluminação, cavaleiros e damas passeando).

CENA VIII

D. GUIOMAR E O INFANTE, *perto da janela*

D. GUIOMAR

Lembrou-se bem vossa Alteza – A gente abafa aqui dentro... ai!... que aragem tão consoladora...

(Os cavaleiros têm desaparecido, e ficam sozinhos D. Guiomar e o infante, chegam à janela com intimidade).

INFANTE

Que linda noite, Guiomar!

D. GUIOMAR

É verdade, que lindo luar!... as noites encantadoras são a cópia fiel da minha vida... o amor no meio das trevas. Quantas noites assim contemplaremos ditosos?

INFANTE

Tu reclinada no meu seio...

D. GUIOMAR

E eu recebendo dos teus lábios o doce beijo da nossa ternura...

INEANTE, *reparando em Ezequiel*

Que vulto é aquele?

D. GUIOMAR

Ah! é o cego da minha devoção... ó ceguinho! apare lá a esmola... coitado!... tendes tido muita esmola?

EZEQUIEL

Não muitas, nobre senhora! os cavaleiros do vosso sarau bem mostram que ainda não estiveram na Índia... (*Aparando*). Deus Nosso Senhor vo-la veja dar, e vos prospere mil venturas na companhia do vosso futuro esposo... Ficai com a Virgem, nobres senhores...

(*Sai da cena e passando pelo marquês que aparece encostado a uma coluna*).
Ver-nos-emos outra vez.

CENA IX

O INFANTE, D. GUIOMAR COUTINHO, E O MARQUÊS, *oculto*

D. GUIOMAR

Mal sabes tu, Fernando, quem este homem é!

FERNANDO

Um desgraçado mendigo, não é assim?

D. GUIOMAR

Como te enganas! É um judeu que conspira contra a vida de teu irmão... tem relações muito íntimas como Lopo Vaz de Sampaio.

MARQUÊS, *meia voz*

Infame!

FERNANDO

Que dizes, D. Guiomar?!

D. GUIOMAR

Assim to afirmo, e bom seria que fosse preso... e exterminado...

FERNANDO

Sim... mas é necessário convencê-lo primeiro...

D. GUIOMAR

Dareis lugar a que ele se defenda... porque é rico e poderoso... Nada de processos...

MARQUÊS, *à parte*

Santo Deus! que mulher!

D. GUIOMAR

Faz saber isto ao rei... e abraça-me por te revelar um alto mistério de estado... Não estás orgulhoso da sua espia secreta?...

INFANTE, *distraído*

Sim... decerto... eu darei as ordens...

MARQUÊS

Onde o encontrarei, meu Deus!

D. GUIOMAR

Como isto aqui é lindo!... Eu não gosto desta música estrepitosa dos saraus... antes as coplas dum trovador, descantadas no mandolim, não gostas mais, Fernando?

(Ouve-se o arpejo de instrumento).

D. GUIOMAR

Escuta... não ouves... Fernando?

FERNANDO

Ouço, é algum trovador enamorado...

D. GUIOMAR

Oh! se ele cantasse...

MARQUÊS, *dentro – cantando*

Goza inteiro o prazer que desejas! *(erguem-se)*
 Bem fadado será o menestrel,
 Que puder com seus cantos mimosos
 Deitar-te

INFANTE, *sobressaltado*

Retiremo-nos, D. Guiomar.

CENA X

MARQUÊS, *virado para a janela*

Não gostas destas músicas, Guiomar! (*Desesperação*). E agora? nada de fingimentos! disfarces são traições!... (*Arremessa o bandolim*) força meu braço... (*Arranca o punhal*). Cobarde!... se tens uma alma mais nobre que a da tua barregã... vem aqui fora provar-me que ela o não é!... Não virá, que é um vil como ela... (*Crava o punhal na porta*) esperaremos, meu punhal!... tu sim, fiel, só tu!

(*Vem à frente do palco*).

CENA ÚLTIMA

Os ENCAPOTADOS *com mais quatro entram e dirigem-se ao MARQUÊS; dois deles vão arrancar o punhal da porta; o Marquês corre para o tirar, e estorvam-no.*

ENCAPOTADOS

Estais preso!

MARQUÊS

Infames... eu para vós todos!...

2 ENCAPOTADOS, *sem o tocarem*

Estais preso, senhor! A resistência seria uma loucura.

UM ENCAPOTADO, *travando-lhe do braço e afastando-se da turba*

Eu te salvarei!

MARQUÊS

Esta voz! (*Ezequiel mostra-lhe o rosto*) Ezequiel!

(*A cercam-se os encapotados*).

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO QUARTO

PRIMEIRO QUADRO

O teatro representa o recinto da taverna de Mestre Ou. Mesas aos lados: numa delas três Camponeses comem, e conversam, mostrando sempre grande atenção para D. Guterres e Ezequiel, que estão à mesa fronteira com botelha e copos: estes estão disfarçados *com chapéus aragoneses e mantos*.

CENA I

D. GUTERRES, EZEQUIEL, OS CAMPONESES, E MESTRE GIL

MESTRE GIL, *para os da mesa da esquerda*

Vós para aqui bebeis muito pouco! Quereis fazer lastro com uns restos de perdiz que aí tenho?

D. GUTERRES

Talvez mais velhos que esta vil zurrapa que puseste aqui?

MESTRE GIL

Zurrapa! o meu vinho zurrapa! Que blasfémia! santo nome de Deus padre! (*Para os da outra mesa*). O rapazes! estão aqui a chamar zurrapa ao meu vinho!...

OS TRÊS DA MESA

Lá o vinho bom é.

MESTRE GIL

Ouvistes o que aqueles dizem? pois são os maiores borrachões da freguesia.

EZEQUIEL

Está bom, está bom, vai-te embora: queremos conversar.

MESTRE GIL

Conversem lá o que quiserem, mas não digam que este vinho é zurrapa... isto! (*pegando dum copo e examinando o vinho*) isto... zurrapa, quem?

UM DOS DA MESA DA DIREITA

Ó mestre Gil! (*Este vai-se e senta-se com eles*).

EZEQUIEL, *meia voz com Guterres*

Não sabes ainda o dia da partida?

D. GUTERRES

D. Fernando de Castro, como tu já ouviste, disse-me que seria em uma das oito noites de bailes, que hão-de celebrar o casamento do infante com D. Guiomar Coutinho.

EZEQUIEL

Mas quem sabe se esses festejos se farão?

D. GUTERRES

Fazem, decerto, porque o Marquês de Torres-Novas não deu provas nenhuma. Dizem que havia na cidade de Lisboa uma testemunha do seu casamento, mas que ele não queria declarar-lhe o nome. Foram à igreja de Odivelas procurar o livro dos casamentos, o prior tinha morrido, e o livro desapareceu. O tribunal hoje mesmo deu a sentença contra o marquês; e condenou-o a degredo perpétuo.

EZQUIEL, *exaltado*

Por tua honra, que isso assim foi, Guterres?...

D. GUTERRES

Por minha honra, pelos ossos de meu pai.

EZEQUIEL, *erguendo-se*

Infames!

(MESTRE GIL, *e outros erguendo-se*)

MESTRE GIL

Então, que é isso?

D. GUTERRES, *para Ezequiel*

Que te importam a ti estas coisas, Ezequiel?

EZEQUIEL, *emendando-se*

É verdade... não me importam... mas tenho dó...

MESTRE GIL

Então há por aqui algumas desavenças?

EZEQUIEL, *forte*

Deixa-nos!

MESTRE GIL, *afastando-se assombrado*

Perdão, perdão! (*Meia voz*). Que me dizem ao tal berro!?

D. GUTERRES, *para Ezequiel que tem a cara oculta entre as mãos*

Já vêes que tudo corre às maravilhas para a. execução... tu não atendes?

EZEQUEL, *erguendo a face*

Atendo: o resto já eu sei... Numa. dessas noites de bailes D. Maria de Noronha tenciona fugir não é assim?

D. GUTERRES

É verdade.

EZEQUIEL

Tu introduzes-me no palácio de D. Guiomar Coutinho.

D. GUTERRES

É verdade.

EZEIQUIEL

D. Maria há-de vir à sala de armas, onde D. Fernando de Castro a. aguarda, não é assim?

D. GUTERRES

É, e eu hei-de introduzir-te na sala de armas, e convencionaremos então a senha que te hei-de dar no momento em que ela partir para a sala, entendes-me?

EZEQUIEL

Entendo.

D. GUTERRES

Dar-te-ei uma chave de porta falsa por onde fugirás, depois...

EZEQUIEL

Depois do assassínio... fala... não receies de ofender-me. Não quero chave falsa, nem quero fugir...

D. GUTERRES

Mas se és preso... e posto a torturas... talvez descubras os cúmplices...

EZEQUIEL, *forte*

Cala-te, homem! pareces-me tão tímido como desconfiado! Quando acabareis de saber que a alma dum judeu é maior que o convento do vosso rei D. Manuel?

(Estas palavras ditas em alto som têm assustado os camponeses, que se vão escapando sorrateiramente).

D. GUTERRES

Fala baixo, homem, que nos ouvem!

MESTRE GIL, *meia voz*

Este é que era azado para o empenho do tal desconhecido!

EZEQUIEL

Não temos mais precisão de estarmos juntos, adeus. Ver-nos-emos pela derradeira vez, nos saraus de D. Guiomar Coutinho... Vai-te...

D. GUTERRES

Tu ficas por aqui?

EZEQUIEL

Fico.

D. GUTERRES

Adeus.

(Vai-se).

MESTRE GIL

Então este senhor é o que paga?

EZEQUIEL

Sou. (Lança dinheiro acima da mesa).

MESTRE GIL, *embolsando*

Sim... perguntava eu...

CENA II

EZEQUIEL, E PEDRO GIL

EZEQUIEL *deitando-se sobre um escabelo*

Que horas são?

PEDRO

Nove dadas na torre de Belém. Quereis cá ficar esta noite?

EZEQUIEL

Não, mas quero esperar pelas dez.

PEDRO

É que, se quiserdes cá pernoitar, eu dou-vos um bom gasalhado... Ainda que eu seja confiado, Como o outro que diz, vós sois de por aqui?

EZEQUIEL

Que te importa? Eu não sou daqui, nem dalém. A tua taverna é agora a minha pátria.

PEDRO

Por muitos anos e bons. E olhai que bem se l vive nela, e muito boa gente cá vem consultar o mestre Gil, sobre coisas de alguma. monta.

EZEQUIEL

Não admira. Os homens da nossa laia têm às vezes a chave de grandes segredos. Se não temos uma alta inteligência, compensou-nos a natureza com um braço forte. Às vezes aprecia-se mais um punhal num braço popular, que um grande pensamento na cabeça dum doutor em física..

MESTRE GIL

Lá isso é verdade. (*À parte*). Este parece que servia! (*Alto*). Então vós sois cá dos meus, heim?

EZEQUIEL

Está visto: raça pura de peão e tigre furioso contra fidalgos e judeus.

MESTRE GIL

Valente como as armas, heim?

EZEQUIEL

Lá isso não sei: o que posso dizer-te é que tenho afrontado homens e armas; as armas brunidas estalaram-me debaixo da adaga grosseira; os homens, que as vestiam, pediram-me misericórdia.

MESTRE GIL, *ã parte*

Está dito... Vou-lhe falar no tal negócio. (*Alto*). Ainda que eu seja confiado, como é a vossa graça?

EZEQUIEL

Chamam-me Lopo.

MESTRE GIL

Por muitos anos e bons. – Pois, senhor Lopo, eu tinha bem vontade de falar-vos dum negócio de bastante interesse... se não levais a mal...

EZEQUIEL

Eu não levo nada-a mal... diz o que quiseres... mas deixa-me ouvir-te com as comodidades possíveis. (*Deita-se no escabelo*).

MESTRE GIL

Não que o caso é muito sério...

EZEQUIEL

Não há no mundo caso, que por mais sério, se não ouça bem deitado – Ora fala para aí.

MESTRE GIL, *indo fechar as portas, trazendo um copo de vinho a Ezequiel*

Bebei deste vinho, que é cá uma reserva particular.

EZEQUIEL

Não quero vinho...

MESTRE GIL

Homem... essa!

EZEQUIEL, *apenas tocando com os lábios no copo*

É ótimo... Diz lá esse negócio.

MESTRE GIL

Pois, sr. Lopo, ontem por volta de oito horas da noite, bateram-me à porta de rijo. Abri, e entrou por aqui dentro um encapotado sem descobrir a cara. Deu-me as boas horas... e aquela voz pareceu-me de mulher. Sentou-se aí nesse escabelo e parece que tinha medo de falar. Depois, muito depois, começou assim a dizer: – «Mestre Gil, a tua taverna é frequentada por algum homem a quem se possa oferecer um saco de ouro?» A isto respondi eu: se vós quereis oferecer um saco de ouro, aqui estou eu que bem preciso dele – Disse depois o encapotado: «Será teu se executares o que te vou propor.» Esteve um pouco calado, ou calada, porque cada vez se me afigurava mais ser mulher pelo timbre da voz, e depois continuou desta maneira... (*Reparando em Ezequiel*). Vós estais a dormir?!...

EZEQUIEL

Não; que te disse depois o homem ou a mulher?

MESTRE GIL, *à parte*

Bem – ele vai-se interessando no conto. (*Alto*). Disse-me assim: «Existe um homem num cárcere, quero que este homem seja morto, quem o matar poderá depois pagar com ouro aos matadores dos seus inimigos. (*Ezequiel vai-se levantando pausadamente*). Atreves-te ou sabes quem se atreve a fazê-lo?» Eu fiquei sem pinta de sangue, como diz lá o outro; mas... ao mesmo tempo lembrei-me cá dum certo freguês, que por aí costuma vir, e disse-lhe que... poderia ser, que aparecesse alguém que o fizesse, nanja eu... Fiz-lhe umas perguntas a respeito de perigos que corria a empresa, e o tal homem ou mulher... sim, porque eu não sei... disse-me que não havia risco, e que esse tal que quisesse ganhar o' dinheiro havia de entrar no cárcere com um sinal... matar o preso... lançá-lo de noite ao Tejo... e deixar uma carta, ou não sei quê, na prisão.

EZEQUIEL, *com a maior curiosidade*

E pareceu-te que a voz do encapotado era de mulher?!

MESTRE GIL

Eu não juro; mas diabos me levem se não era!

EZEQUIEL

Que altura tinha?

MESTRE GIL

Altura!... lá a respeito de altura... dava-me por aqui, pouco mais ou menos
(*indicando o pescoço*).

EZEQUIEL

Será possível que seja ela?!

MESTRE GIL

Então... que vos parece?

EZEQUIEL

Quando torna aqui o encapotado?

MESTRE GIL

Vem logo buscar a resposta.

EZEQUIEL

Logo? Hoje? Esta noite?

MESTRE GIL

É verdade. Agora vede lá...

EZEQUIEL

Vede lá o quê?

MESTRE GIL

Sim... dizia eu... se vos fizesse conta...

EZEQUIEL, *sorrindo*

Matar o homem... é o que queres dizer?

MESTRE GIL, *hesitando*

Eu... apesar de não saber com quem falo...

EZEQUIEL, *sorrindo*

Achas-me com cara de matador, não é assim?

MESTRE GIL

Não... mas como o outro que diz...

EZEQUIEL

Pois bem: tudo é possível. Eu esperarei que venha esse anjo da morte com o saco de ouro. Esconder-me-ás, e diz-lhe que achaste um homem: pede-lhe as explicações necessárias...

MESTRE GIL, *atalhando*

Isso está visto.

EZEQUIEL

E depois falaremos.

(Duas pancadas na porta).

MESTRE GIL

Ora esperai...

VOZ, *de mulher*

Mestre Gil! abri.

EZEQUIEL, *para Mestre Gil que quer ir abrir*

Não vás... espera... *(Vai escutar à porta).*

VOZ

Mestre Gil! *(Batendo duas pancadas)* mestre Gil!

EZEQUIEL, *afastando-se e com transporte*

É ela!

MESTRE GIL

Ela... quem?

EZEQUIEL

Vai abrir... onde me escondes?

MESTRE GIL, *apontando*

Aí, aí nessa alcova.

CENA III

D. GUIOMAR COUTINHO (*encapotada em trajes de homem*) E MESTRE GIL

MESTRE GIL

Deus vos traga.

D. GUIOMAR, *querendo contrafazer a voz*

Demoraste-te!

MESTRE GIL

Estava lá dentro arrumando a trapalhada da cozinha.

D. GUIOMAR

Então?

MESTRE GIL

Então... o homem está arranjado.

D. GUIOMAR

Decerto?

MESTRE GIL

Decerto, como vo-lo digo... o homem está pronto.

(D. Guiomar senta-se: como quebrantada, deixa pender a cara para as mãos e conserva-se assim algum tempo. Mestre Gil encara-a, e encolhe estupidamente os ombros).

MESTRE GIL

Parece que não estais bom!... quereis tomar alguma coisa?

D. GUIOMAR

Não. Eu posso falar com esse homem?

MESTRE GIL

Parece-me que não; mas, à falta dele, aqui estou eu para receber as explicações, e o dinheiro; e o mais deixai-o cá por minha conta.

D. GUIOMAR

Vem cá, escuta-me. O homem que quiser ganhar estas dobras (*põe um saquito sobre a mesa*) há-de ir à torre de Belém; apresentará ao carcereiro este anel (*tira um anel do dedo*); o carcereiro há-de guiá-lo a uma prisão reservada... (*voz trémula*) encontrará aí um preso, e depois... (*confusa*).

MESTRE GIL

Então que é isso... quereis uma pinga de vinho?

D. GUIOMAR

Não... deixa-me...

(Ezequiel cautelosamente vem à cena; cruza os braços encarando-a, sem que ela o veja. Gil, por detrás de Guiomar, mostra-lhe a bolsa com grande contentamento. Ezequiel acena-lhe com a cabeça em ar de aprovação, e retira-se).

D. GUIOMAR

Gil...

MESTRE GIL

Aqui estou... e depois esse homem...

D. GUIOMAR

Há-de fazer com que o preso assine esta carta... (*Dá-lhe uma carta dobrada*). Esta carta há-de ficar no cárcere, o homem há-de ser...

MESTRE GIL

Morto, não é assim?

D. GUIOMAR

E depois lançado ao Tejo... e as portas do cárcere hão-de ficar abertas...

MESTRE GIL

Muito bem! muito bem... contai com a execução de tudo...

D. GUIOMAR

Posso ir descansada... não é assim, Gil?

MESTRE GIL

Podeis...

D. GUIOMAR

Adeus!

(*sai*).

CENA IV

EZEQUIEL E GIL

EZEQUIEL

Dá cá essa carta... e o anel. (*Recebe-os*).

MESTRE GIL

É verdade!... vós sabeis ler?! vamos ver o que ela diz...

EZEQUIEL, *abrindo a carta*

Põe a melhor vianda que tiveres sobre essa mesa...

MESTRE GIL, *diligente*

É verdade... tendes razão...

(*Ezequiel lê mentalmente a carta, com grandes comoções, entretanto que Mestre Gil prepara a mesa*).

GIL, *voltando do arranjo da mesa*

Essa carta diz que há-de ser assinada pelo preso...

EZEQUIEL, *que ficou de braços cruzados como estático*

Já sei.

MESTRE GIL

Dareis o anel ao carcereiro... ouvistes?

EZEQUIEL, *o mesmo*

Ouvi.

MESTRE GIL

Vamos agora contar o dinheiro antes de cear... heim?

EZEQUIEL, *saindo*

Adeus, mestre Gil.

MESTRE GIL

E o dinheiro?... esperai...

EZEQUIEL

Fica. tu com ele.

MESTRE GIL

Eu!... que dizeis?

EZEQUIEL

Adeus.

MESTRE GIL

E a ceia?

EZEQUIEL

Come-a.

MESTRE GIL, *vindo à frente com grande espanto*

Que diabo é isto?

SEGUNDO QUADRO

VISTA DE CÁRCERE

O MARQUÊS, vestido como o vimos quando preso, com o rosto natural, mas desfigurado pela palidez, esta, sentado no banco dos réus – Sentados em frente, três inquiridores do eclesiástico, alternativamente assinam um papel.

CENA I

O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS
E OS INQUIRIDORES DO ECLESIÁSTICO

1º INQUIRIDOR

Não tendes mais nada a alegar em vossa defesa?

MARQUÊS

Mais nada.

2º INQUIRIDOR

Escusavam-se os vossos embargos à nossa última sentença.

MARQUÊS

Pois então... Deus tome de sua mão a minha causa.

3º INQUIRIDOR

Amen.

1º INQUIRIDOR

A lei condena-vos, na qualidade de nobre, a degredo perpétuo... veremos a piedade do soberano se vos comuta a pena.

(Erguem-se para sair).

MARQUÊS, *erguendo-se com arrebatamento*

Condenado a degredo perpétuo!

2º INQUIRIDOR

Remediai-o, que podeis.

MARQUÊS

Ide, senhores! deixai-me!

TODOS

Ficai com Deus, senhor marquês.

(Saem).

CENA II

MARQUÊS DE TORRES-NOVAS *e depois o* INFANTE D. FERNANDO

MARQUÊS

Condenado a degredo perpétuo! Parou nisto a minha vida! Já não tenho recursos... perdi as esperanças todas... Recorrer agora... só para o punhal!... Quem me há-de soltar deste cárcere... quem me dará um momento de liberdade para esmagar o coração daquele demónio?...

INFANTE, *ao fundo*

Provavelmente ninguém.

(O infante sossegadamente caminha para o marquês, que o encara com altivez).

Marquês de Torres-Novas, conheces-me? É ocioso perguntar-to... és meu primo, fomos amigos, hoje somos rivais – Serenidade, marquês. Não te temo, nem tu me receies. Há-de ouvir-me. Tens sido pouco nobre nas tuas paixões... Quando se ama uma mulher, ou ela se deixa erguer um trono de domínio na alma, e então o homem ama por desejo e gratidão; ou ela repele os afectos do que a requesta, e então é nobre o deixá-la na livre escolha de quem lhe apraz. A calúnia cusvida na mulher frágil por espírito de vingança... é uma infâmia, não digna do filho do duque de Coimbra; é uma acção que um escudeiro não pratica, é um comportamento... que...

MARQUÊS

Basta... D. Fernando!

INFANTE

Hás-de ouvir-me, porque venho aqui para salvar-te. Tive meios seguros de te fazer pagar com a vida um erro que te envergonha... mas não os aproveitei... Quero que vivas, porque a pátria e eu exigimos a tua amizade e os teus serviços... Tens hoje mesmo a liberdade, e o perdão, se te desdisseres da falsidade que levaste aos tribunais sem uma prova que deixasse um momento em suspeita a tua honra de cavaleiro... Foste condenado a degredo perpétuo... apelaste para o tribunal eclesiástico, esse decidiu como devia... Está provado, marquês, que o teu crime é o muito amor, e esse muito, e muito

repelido.

MARQUÊS

D. Fernando! que me pões a torturas com que não posso! Deixa-me... não quero perdão, nem liberdade... Reserva o nome dessa adúltera... não o pronuncies... Vai-te!

INFANTE

Não me irei sem dizer-te que esta noite te serão abertas estas portas, serás levado por gente minha às fronteiras de Castela; passarás, rico dos meus haveres, a remos estrangeiros, e dar-me-ás tua palavra de cavaleiro de não mais voltar a Portugal.

MARQUÊS

Não dou! quero o degredo perpétuo, não quero ser rico do teu ouro... Oh! tu não crês que essa adúltera é minha mulher?

INFANTE, *sempre sereno*

Não creio: mostra-me um documento que me faça crer-te.

MARQUÊS

Não os tenho.

INFANTE

Nem um acento...

MARQUÊS

Foi rasgado...

INFANTE

Nem uma testemunha...

MARQUÊS

Existe uma...

INFANTE

Já o disseste, mas que é dela?

MARQUÊS

Não posso... não posso nomeá-la...

INFANTE

Bem; não há nada que esperar... Marquês, aceitas a minha protecção?

MARQUÊS

Não.

INFANTE

Reputas-me um émulo .generoso?

MARQUÊS

Deus tenha compaixão de ti, quando o futuro te apontar qual de nós é o mais desgraçado!

INFANTE

Marquês! Tenho pura a minha consciência...

(Sai).

CENA III

MARQUÊS DE TORRES-NOVAS E O CARCEREIRO,
e depois EZEQUIEL

(O carcereiro fecha a porta).

MARQUÊS

A minha situação, meu Deus!

(Duas pancadas fora).

CARCEREIRO

Quem bate? *(O marquês é estranho à cena que se passa).*

VOS EXTERIOR

Abre.

CARCEREIRO

Trazeis senha?

VOZ

Trago.

CARCEREIRO, *abrindo o miradouro da porta*

Dai cá, e esperai – (*Vem à boca da cena confrontar um anel que recebeu, com outro que tem*) (*meia voz*) Não há dúvida: é este o anel semelhante. Dois anéis de brilhantes e duzentas dobras cunhadas em Goa... Muito bem... (*Repetem as pancadas na porta*) lá vou, lá vou. (*Vai abrir a porta*).

CENA IV

EZEQUIEL, *como no primeiro quadro*, MARQUÊS DE TORRES-NOVAS E O CARCEREIRO

EZEQUIEL, *sem desembuçar-se, traz pela mão o Carcereiro à boca da cena, e fala-lhe a meia voz:*

EZEQUIEL

Já sabes a que venho?

CARCEREIRO

Sei... o homem está ali (*indicando o marquês*).

EZEQUIEL

Trago uma carta...

CARCEREIRO

Que deve ser assinada pelo preso...

EZEQUIEL

E que tu deves...

CARCEREIRO

fr mostrar ao cabido, e ao rei, e à corte... Entretanto que vós...

EZEQUIEL

Hei-de matar este homem, que...

CARCEREIRO

Eu depois lançarei ao Tejo...

EZEQUIEL

Quem te disse?

CARCEREIRO

E a vós?

EZEQUIEL

Não sei.

CARCEREIRO

Eu também não.

EZEQUIEL

Pois é o mesmo: ausenta-te por uni instante – Eu te chamarei.

CARCEREIRO

As vossas ordens – (*Sai*).

CENA V

EZEQUIEL E O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

EZEQUIEL, sondando o pulso do marquês

Que almas tão pequenas! Valentes, no campo da batalha, quando barateiam a vida para engastarem na coroa do seu rei uma pérola, roubada aos pacíficos habitantes do oriente! – Cobardes de honra e espírito, quando é necessário vingar uma ofensa própria! Desmaiado, como uma mulher... Pobre homem... tinhas um coração como poucos! Ele aqui está deixando-se morrer num cárcere... escrupuloso de sacrificar a palavra de honra dum instante a uma vingança de toda a vida! (*Agitando-o*). João de Alencastre!... marquês de Torres-Novas!... primo de D. João III!... (*O marquês ergue a cabeça, e fita Ezequiel com penetração*). Ergue-te, que está aqui o mendigo da raça proscrita! Levanta-te, grande de Portugal! – é uni judeu enxovalhado das vaías da plebe, que te chama à vida e à vingança!

MARQUÊS, vozes abafadas e demoradas

Ezequiel! também tu!

EZEQUIEL

Também eu. Ezequiel cobriu um manto de aguazil, derrubou a aba do chapéu, entrou na turba dos assalariados para te salvar, homem que falas e não pensas! Que a tua

pérfida mulher te não pegue o contágio da ingratidão!... João de Alencastre! a minha voz vai soar altiva, como ninguém a ouviu há muitos anos! Marquês de Torres-Novas! eu sou o teu libertador! (*Abraçando-o*).

MARQUÊS

Oh! meu amigo!

EZEQUIEL, *mostrando-lhe a carta que recebera*

Assina esta carta!

MARQUÊS

Esta carta!... isto que é?!

EZEQUIEL, *sorrindo*

Isto... é quase nada... É uma mulher, que manda a um cárcere matar seu marido, por alguns punhados de ouro. (*Mostra-lhe a bolsa, que arremessa depois sobre a mesa*). É uma carta que o marido há-de assinar um momento antes de morrer. Escuta: (*Aproxima-se com ele duma alâmpada suspensa e lê. Durante a leitura, o marquês exprime com alguns monossílabos soltos a sua desesperação*).

«D. Guiomar Coutinho foi a primeira e a última mulher que ameí no mundo. Nunca fui amado por ela, e todo o amor que lhe tive alfim converteu-se-me em ciúme, ódio, e desejo duma vingança. Achava-me em Ceuta a cumprir um degredo, quando me constou que D. Guiomar ia ser esposa do infante D. Fernando. Fugi do degredo, vim à pátria acusar D. Guiomar de adultério. Cuidei que me vingava, mas o proveito que colhi desta infame calúnia foi o remorso para toda a minha vida. Fui condenado a degredo perpétuo... forcejei por fugir deste cárcere, pude consegui-lo; mas, no momento da minha fuga, bradou-me a consciência mais alto que todas as minhas paixões. Entendi que devia deixar nesta prisão um documento assinado por minha firma declarando inocente de todas as minhas calúnias essa mulher que me perdeu por sua isenção. Ninguém me tornará a ver... Peço perdão à minha família de a ter deslustrado com um crime indigno de nossos avós; peço perdão a D. Guiomar... e se ela me perdoar, também conto com o perdão de Deus.»

Segundo as determinações de tua esposa, esta carta devia ser-te apresentada desta maneira: (*Toma uma posição arrogante: ameaça-o com o punhal e aponta para a carta que põe sobre a mesa*). Assina! (*Mudando de voz e maneiras*). Tu assinavas... é crível que sim... e depois a tua assinatura ia proclamar a inocência de tua mulher, o teu cadáver era um segredo que as ondas do Tejo não descobririam, e o teu assassino matava sem saber a quem matava. (*O marquês está exausto de forças com a face escondida entre as mãos: Ezequiel bate-lhe no ombro*). Coragem, cavaleiro de Dio! Ergue essa frente que ostentaste altiva diante das hordas do Samorim! Aqui tens uni punhal... (*O marquês recebe o punhal em frenesi de cólera*). Queres agora o ar livre? eu vou abrir essas portas; vou-te levar aos salões de Guiomar Coutinho; hei-de encher-te esses ouvidos da harmonia dos menestréis que celebram os desposórios da muito amada e inocente esposa de D. Fernando! Hei-de mostrar-ta com a face a revelar candura e paz de coração: não lhe verás a lágrima do remorso, nem a sombra dum grande crime, que faz tremer os demónios no inferno.

MARQUÊS

Oh! meu Deus!

EZEQUIEL

Eia! João de Alencastre! Jura pela cruz da tua religião, que eu jurarei por esse Deus que me inspira uma vingança de traído, que os sinos dos campanários hão-de tanger, à mesma hora, uma canção de morte a ferro frio, por Guiomar Coutinho e Maria de Noronha.

MARQUÊS

Ezequiel! juro!

EZEQUIEL... apontando-lhe a cadeira junto da mesa

Senta-te. (*O marquês executa*). Assina esta carta. (*O mesmo*). Agora medita uma vingança digna de um Alencastre; se é que vós outros (*sorrindo*) homens dum apelido estrepitoso e estirado, não sois menos nobres em vinganças, que qualquer plebeu que desde Adão e Eva não teve um apelido! (*Vai à porta do cárcere e chama*). Carcereiro!

CENA ÚLTIMA

OS MESMOS E O CARCEREIRO

CARCEREIRO

Às ordens.

EZEQUIEL, afastando-se com ele do marquês e a meia voz

O homem vai ser morto.

CARCEREIRO

Muito bem.

EZEQUIEL

Aqui tens a carta. Voa nas asas do saco de dobras, que ganhaste, por essa cidade; mostra essa carta no cabido e no paço; grita bem alto que o preso fugiu...

CARCEREIRO

As minhas obrigações bem as sei eu...

EZEQUIEL

Pois melhor... Depressa... (*O carcereiro sai. Ezequiel demora-se um pouco a observar a saída do carcereiro, depois, com ironia, diz ao marquês*). Marquês de Torres-Novas! Vamos ao festim de D. Guiomar Coutinho. Não seja só o infante D. Fernando o que possua no dedo um anel da sua carinhosa esposa. Não lhe invejes a sorte. Aqui tens um anel da desposada. (*Mete-lhe no dedo o anel que recebera para senha*).

MARQUÊS, *estupefacto*

Este anel!...

EZEQUIEL

Esse anel é uma prenda dada ao teu assassino: com mais um punhado de dobras é o preço da tua vida!

MARQUÊS

Inferno! inspira-me unia vingança de demónio!

EZEQUIEL

O inferno ouviu-te: eu sou o seu enviado.

(Corre o pano).

FIM DO QUARTO ACTO

ACTO QUINTO

Sala de festas em casa de D. Guiomar Coutinho. Celebram-se os desposórios desta com o Infante D. Fernando. Este com a esposa distinguem-se pela riqueza dos vestidos. D. Guterres, D. Fernando de Castro e D. Maria de Noronha, entre outras damas e cavaleiros, demonstram mais actividade e contentamento. Já em grupos, já aos pares, dama e cavaleiro, giram pelo salão. A um lado, Guiomar Coutinho com o Infante D. Fernando; a outro, D. Maria de Noronha com D. Fernando de Castro, estão sentados, e encaram-se com a vivida expressão dum amor feliz. Desviado, vê-se D. Guterres, que os observa de braços cruzados.

PRIMEIRO QUADRO

CENA I

Os MENCIONADOS NA DESCRIÇÃO DA CENA

INFANTE, *ao par fronteiro*

D. Maria de Noronha, é necessário que o vosso dia grande se não demore muito. Muito nova estais, certamente; mas para casar não há idade.

D. MARIA DE NORONHA

Velha, estou eu já com tanto esperar, sr. D. Fernando!

D. GUIOMAR

Então quem é o culpado?

D. FERNANDO DE CASTRO

Eu por certo não, senhora D. Guiomar!

INFANTE

Isso creio eu: crescemos ambos nas paixões, e nunca nos fizemos mistério dos nossos amores. Amigos sempre, não é assim Castro?

D. FERNANDO DE CASTRO

Sempre o fomos, e sê-lo-emos sempre, enquanto vossa alteza me não retirar essa honra.

INFANTE

Honra, sou eu que a recebo dos bons amigos. Temos uma só paixão, e, de mais a mais, um só nome.

D. GUIOMAR

É verdade, D. Maria de Noronha! que pena eu tenho de me não chamar Maria!...

D. MARIA

Ou eu Guiomar!...

(Erguem-se e vêm sentar-se ao meio do palco).

INFANTE

Ali está D. Guterres a ouvir-nos com bem inveja da nossa situação!...

D. GUTERRES, *entrando na roda, com dissimulação mal fingida. Comoção em D. Maria de Noronha.*

É verdade, sr. Infante! Inveja, não de vos ver aí enlaçados a tão lindas damas, que bem dignos sois delas, e elas de vós; mas inveja tenho eu daqueles que alcançam mais do que merecem!

D. FERNANDO DE CASTRO

E não há aí neste salão vinte corações a disputar a glória de merecer-vos?!

D. GUTERRES

Não és tu, Fernando, autoridade de fé para assim perguntar. É a vós, senhora D. Maria de Noronha, que compete dizer se eu terei coração que valha um sorriso de mulher!

D. MARIA DE NORONHA, *perturbada*

A mim!?

D. GUTERRES

A vós por certo, que sois um anjo para ler segredos de alma, que mulheres não sabem ler. Olhai para mim, linda donzela! vede se esta fisionomia revela coração de anjo ou de demónio!... *(Cresce a perturbação de D. Maria de Noronha; os circunstantes olham-na com admiração)*. Parabéns, *(sorrindo)* Fernando de Castro! Vede vós, senhor infante, que virgem tão pudibunda a corar dum galanteio tão trivial e inocente! Eu não vos quero assim ter oprimida, casta Susana! Vede a vossa companheira *(apontando para Guiomar)* neste dobrar do cabo mais sereno duma vida tormentosa... vede aqui a senhora D. Guiomar tão linda e virtuosa como vós, a responder-me, sem corar. Dizei-me, senhora condessa de Marialva! Guterres, o cavaleiro de cem batalhas, e traído por cem mulheres, achará na sua vida uma, que não seja pérfida, que não seja devassa, urna devassa que o não assassine?!

D. GUIOMAR

Essa pergunta, sr. cavaleiro!...

D. GUTERRES

Não vos cabe a ela responder, não é assim?

D. GUIOMAR

Nem creio que caiba a outrem, porque muitos corações pulsam fiéis por D. Guterres, e será talvez D. Guterres, que os acuse, depois de os contaminar.

D. GUTERRES

Bem! muito bem... Hoje é o dia das felicitações. Parabéns, ar. infante! – tendes uma espirituosa senhora! Ali tendes, D. Maria, urna resposta simples e conceituosa... O trato (*sorrindo*) da corte, e do vosso penetrante marido hão-de afeiçoar-vos a alma ali pela forma da de D. Guiomar Coutinho.

UM PAGEM

Os menestrelis esperam as ordens da senhora D. Guiomar Coutinho.

D. MARIA DE NORONHA, *meia voz*

Ainda bem...

INFANTE, *no centro da comitiva*

Formosas damas, e nobres cavaleiros! Na saia próxima, vamos, eu e minha esposa, fazer a nossa entrada de esposados, ao estilo de nossos avós, que do céu sorriem para a nossa felicidade de hoje. Fazei-me a honra de assistir, que assim prestais bom e justo galardão à amizade que vos consagro.

CAVALEIROS E DAMAS

À sala próxima!

(*Vão saindo, menos D. Guterres que, depois, se senta*).

CENA II

D. GUTERRES E DEPOIS EZEQUIEL

D. GUTERRES

Ainda a vi corar de vergonha! É resto de pudor a transluzir na escuridade duma alma pérfida! (*Ergue-se*). Remata-se aqui uma paixão de oito anos! Eu... trocado, primeiro, por um judeu rico... depois, por um cavaleiro gentil... vim achar essa mulher

quase barregã à minha vista... ouvindo-me e corando... corando e atraçoando-me!... Quem não cuspiria na face do traído, se ele não tivesse o recurso da vingança!... Felizmente... oh! felizmente... não será o meu braço o instrumento da punhalada!... talvez que hoje mesmo Ezequiel...

EZEQUIEL

É verdade... hoje mesmo.

D. GUTERRES, *sobressaltado*

Ezequiel! não estás aqui seguro... vai... esconde-te na sala de armas... eu serei contigo muito breve...

EZEQUIEL, *tranquilo*

Espera: na sala próxima folga-se agora a bom folgar. A sala de armas é um cepo que espera uma vítima. Deixa que o algoz respire este ar perfumado das flores de Portugal... Não quero encarar muito tempo o meu túmulo... deixa a sala de armas, escura e triste, para logo... Senta-te, que aqui ninguém nos perturba.

(Ezequiel senta-se. D. Guterres está impaciente).

D. GUTERRES

Ezequiel! vai-te, que eu sinto passos.

EZEQUIEL

Também os eu ouço, mas não os sinto. O pé que houver de pisar-me hoje há-de ser muito leve, e eu muito carregado de sono.

CENA III

Os MESMOS E D. FERNANDO DE CASTRO

D. FERNANDO, *reparando em Ezequiel, e para Guterres*

Quem é este cavaleiro?

EZEQUIEL

Não é cavaleiro, nem homem, nem ente moral – é uma coisa, uma insignificância que equivale a *ninguém*. Falai, à vontade, dos vossos amores e cavalarias, que eu vou-me embora. *(Ergue-se para sair, e hesita)*. Não!... Somos três... prestai-me um momento de atenção... somos três: cada qual de nós deve, por necessidade, ter uma amante, não vos parece?... Estais mudos!?

D. GUTERRES, *à parte*

Que irá ele dizer!

EZEQUIEL

Eu respondo por vós «Sim, cada um de nós deve, por necessidade, ter uma amante». Como é a vossa, D. Fernando de Castro?

D. FERNANDO DE CASTRO

Bela e virtuosa como nenhuma.

EZEQUIEL

E a vossa D. Guterres ?... Sois muito modesto... não quereis responder; eu respondo por vós: «Bela e virtuosa como nenhuma». Pois a minha também é bela e virtuosa como nenhuma. Aqui está um mistério como o vosso da *trindade*: são três belas e virtuosas distintas, e uma só D. Maria de Noronha verdadeira. – Adeus, cavaleiros. (*Solta uma risada, sai, e, os dois ficam como estupefactos*).

CENA IV

D. GUTERRES E D. FERNANDO DE CASTRO

D. FERNANDO DE CASTRO

Quem é este homem?!

D. GUTERRES

Não sei. Achei-o ali sentado, como tu o achaste.

D. FERNANDO

Que viriam a dizer aquelas palavras cabalísticas?!

D. GUTERRES

Também não sei... O caso é que ele sabe da tua vida, e nós não sabemos dele nada!

D. FERNANDO

Estou aflito!

D. GUTERRES

Porquê?!

D. FERNANDO

Hoje que a fuga se prepara... a aparição deste homem...

D. GUTERRES

Que tem este homem com a fuga?... Não sejas criança supersticiosa... Vamos ao que importa... Os cavalos estão prontos... a que horas determinas a saída... não respondes?!

D. FERNANDO

Estou confuso... Aquelas tuas maneiras com D. Maria de Noronha... a vontade que ela tem de já fugir...

D. GUTERRES

Tanto melhor para ti. Aquelas minhas maneiras foram um saldo de contas, que eu tive com uma mulher, na pessoa de D. Maria de Noronha. Mal sabes tu o que é o homem de coração espedaçado e morto! Se fala, as suas palavras são terríveis e confusas como seriam as dum espectro. Se olha, o seu olhar tem cintilas de fogo que fazem aquecer as faces virgens como as da tua amante. Se respira, o seu hálito importuna e enjoa como a exalação dum cadáver! Afaz-te a considerar-me um homem real como este homem imaginário... e depois repousa na inocência de D. Maria de Noronha, e na amizade do teu inofensivo Guterres, (*abraça-o*).

D. FERNANDO

Ai de mim, se tu fosses um traidor!...

D. GUTERRES, *aflitivamente a meia voz*

Meu Deus!

D. FERNANDO

Guterres! nunca sejas ingrato à confiança que em ti depositei...

D. GUTERRES, *alterado*

Fernando de Castro! hei-de sempre chamar-te amigo!...

D. FERNANDO

Ao dar da meia-noite, D. Maria deve esperar-me na sala de armas.

D. GUTERRES

Ao dar da meia-noite... muito bem. A cinquenta passos esperam-vos os cavalos mais amestrados que tenho, nestes lances apertados... Não percas um instante, vamos

que a tua ausência deve afligi-la...

(Vão a sair, quando os desposados e as demais damas entram, ao passo da orquestra, que é executada na sala interior. D. Guiomar senta-se ao lado direito do infante, em lugar distinto, e os demais, damas e cavaleiros, em distinção).

CENA V

OS MENCIONADOS

INFANTE

Sabei, nobres damas e cavaleiros, que amanhã se celebram meus desposórios na real capela de meu amado irmão. Para aí vos convido a todos, que assim é vontade de el-rei, e de minha esposa D. Guiomar Coutinho, cuja honra e pundonor algum tempo incerto, se purificou pelos seus sofrimentos e pela declaração do nosso desgraçado irmão de armas D. João de Alencastre, marquês de Torres-Novas, vo-la apresento, digna do vosso cortejo, e digna irmã de D. João III – *(Os cavaleiros erguem-se: curvam a cabeça e sentam-se. O infante agradece-lhes, e D. Guiomar, sem se erguer, acompanha-o no agradecimento).*

D. GUTERRES

Sr. Infante! fareis justiça às damas e cavaleiros, que vos ouviram, se os julgardes incapazes de em tempo algum prestarem crédito às calúnias do marquês de Torres-Novas. Nunca pudemos crer que, tão gentil e virtuosa senhora como D. Guiomar, ocultasse no rosto inocente o estigma infamante que D. João de Alencastre lhe denunciara.

CAVALEIROS E DAMAS

É verdade!

INFANTE

Minha esposa agradece o justo conceito que dela fizestes, mui formosas damas e leais cavaleiros. A vós, D. Guterres, que tão bem interpretastes os nobres sentimentos deste Luzido cortejo, compete-vos dar a regra para os folguedos desta noite. Bom será que ela nos não fuja entre formalidades e galanteios. Comecem os jogos: cada dama, com o seu mais amado cavaleiro, tome a postura que lhe convém. Confio, D. Guterres, que não ficareis sem dama.

(O infante com D. Guiomar erguem-se e vão ocupar, de pé, um local; – em seguida, dama e cavaleiro, os vão imitando, ao compasso da orquestra que se deve ouvir desde o momento que o infante se levantou. Finalmente, D. Guterres fica. A orquestra parou).

D. GUTERRES, *cruzando os braços*

Agora vos digo eu, sr. D. Fernando, que bem azado estou para dar a regra para os jogos. Senhora D. Guiomar Coutinho! Bem vos tinha eu dito que os vossos salões não tinham dama, que fosse minha!... É pena!... assim repellido aos vinte e cinco anos!...

D. GUIOMAR

Será vossa a culpa, cavaleiro!

D. GUTERRES

Pois se é minha a culpa, bom é que eu a expie... nesta solidão... Começemos, pois, com este lindo folgar dos amantes... Eu aprenderei de vós outros, felizes cavaleiros, a requestrar uma dama, que me não deixe só na hora dos brinquedos... Tocai, menestrelis!

(A música executa, e é pouco depois suspensa, com a entrada do mordomo Afonseca).

CENA ÚLTIMA

OS MESMOS E AFONSECA

AFONSECA

Não principieis ainda.

ALGUNS CAVALEIROS

Que má nova trazeis?!

AFONSECA

Não é má, segundo creio. Um embaçado, que não conheci, mas que a meu ver muito experimentado é nos andaimes desta casa, veio ter-se comigo, e assim me disse: «Mordomo! vai à sala do festim, e diz à sr^a D. Guiomar Coutinho, que um cavaleiro, que muito a estima, Lhe dá os emboras do seu casamento» – Poderei dizer-lhe o nome que tendes? – perguntei eu – «Não! – respondeu ele – mas dai-lhe este anel, que vale tanto como o meu nome... dai-lho como prenda de esposada» – Dito isto... ausentou-se. O anel aqui o tendes, senhora D. Guiomar Coutinho.

(D. Guiomar recebe o anel. Encontra a senha que dera para o assassinato do Marquês de Torres-Novas. Solta um grito de horror; a isto sucede a estupefacção dos circunstantes, e cai o pano).

SEGUNDO QUADRO

Vista da sala de armas; – uma lâmpada pendente derrama um brusco clarão sobre o verniz dalgumas armaduras pendentes das paredes – Há escabelos grosseiros ao correr da cena, e portas laterais, com suposta comunicação. Observe-se que a luz não deve alumiar a parte mais remota da sala.

CENA I

EZEQUIEL, *como o vimos no primeiro quadro, entra, reparando minuciosamente nas armaduras*

Eis-me aqui na sala de armas do marquês de Marialva! Portugal! *(Com ironia)* terra de valentes homens! Vem-se aqui admirar os troféus desta gente. Isto são armas cristãs, lanças e adagas tintas do sangue do mouro, e do índio... É a glória do cavaleiro do Cristo!... O sacerdote do crucificado, se não tem uma sala de armas... tem o potro salpicado de sangue do judeu... Glória a eles todos!... *(Deita-se no escabelo mais aproximado dos espectadores. Muito concentrado)*. Perguntai ao homem, porque traz num riso aos lábios todo o fel do coração!... Quisera aqui recordar-me de toda a minha vida... eu precisava de chorar... e... não posso! – *(Senta-se)*. Meu pai, e minha mãe... minhas delicias da mocidade... no que parou a minha vida!... que morte eu tive tão desgraçada!... *(Levanta-se)*. Despenharam-me neste abismo... corromperam-me o coração... Foi uma guerra cruenta que a sociedade me fez... Roubaram-me a minha família... socorri-me de joelhos ao amor duma mulher... pedi-lhe que me não quebrasse o derradeiro vínculo da existência,, e essa mulher desprezou-me! Que sou eu aqui neste mundo sozinho!? *(Senta-se, como embebido em profundos pensamentos)*. Maria de Noronha! *(Baixo)*. Maria de Noronha!!... devia-te ser cara esta traição! Oh! empenhaste a tua vida nos teus juramentos... foi um jogo em que tu perdeste... E depois... fizeste-me um réprobo... e aguçaste continuamente o punhal que te vai rasgar os encantos do seio, e a perfídia do coração... *(Descai numa prostração momentânea)*.

CENA II

D. GUTERRES E EZEQUIEL

D. GUTERRES

Ainda aqui Ezequiel.

EZEQUIEL

És tu?... então?!...

D. GUTERRES

Nos salões vai uma espantosa desordem! Começavam-se as danças, quando o mordomo de D. Guiomar lhe entregou um anel...

EZEQUIEL, *com transporte*

Um anel!

D. GUTERRES

Sim, um anel... dado...

EZEQUIEL

Dado... por quem?

D. GUTERRES

Isso é o que se não sabe... O mordomo disse ser um cavaleiro embuçado...

EZEQUIEL, *meia voz*

Uma indiscrição!... (*Alto*). E agora... transtornaram-se os planos, não é assim?

D. GUTERRES

Creio que não... pelo contrário, esta desordem favorece os planos dos fugitivos... Eles hão-de valer-se da confusão para por mais tempo serem despercebidos...

EZEQUIEL

Vamos: a que horas é a fuga?

D. GUTERRES

É o que ao certo não posso dizer-te. À meia-noite era o plano, mas o maldito anel veio transtornar... Espera... Eu vou para os salões observar o que vai: tu deves estar por aqui; – ao rés daquela parede atravessa um corredor. Mal Fernando de Castro me avisar que sai, eu venho àquele corredor, e dou-te um sinal...

EZEQUIEL

Que sinal?

D. GUTERRES

Espera... deixa-me lembrar... Ah! o sinal é este (*batendo uma pancada forte no copo da espada*) tu respondes-me com o mesmo sinal... Depois cola o ouvido à parede, e escuta o que te eu disser.

EZEQUIEL

Maravilhosamente, maravilhosamente!

D. GUTERRES, *saindo*

Ver-nos-emos amanhã, Ezequiel, na taverna de Pedro Gil.

EZEQUIEL, *profundamente triste*

Espera... Não sei se me veras... O sol de amanhã não nasce para mim. Atende-me. Eu tenho uma família errante sobre a terra. Tu conhecestes meu pai, e minha mãe, e meus irmãos. De vários pontos da Europa tenho havido notícias deles: hoje não sei se estão na Itália, mas caminho de lá parece que era o deles na data da última carta. Esta gente espera abraçar-me um dia, depois duma vingança espantosa. A hora da vingança chegou, mas a do abraço nunca chegará... D. Guterres! Eu devo morrer hoje...

D. GUTERRES

Que dizes, Ezequiel! ?...

EZEQUIEL

Por Deus, não me interrompas! Eu devo morrer hoje, e quero as lágrimas de meu pai e minha mãe, porque não tenho outras. Quero um favor teu à hora da morte... Diz a essa família infeliz... manda dizer a essas vítimas desterradas, que Ezequiel não vive já... Diz-lhe que o seu primeiro e derradeiro crime foi um assassinio... Diz-lhe que o sangue da criminosa me borrifou a cara, mas que os meus lábios ficaram puros, pronunciando no estertor da morte, o nome de meus pais... Guterres! eu tenho muito ouro!... Debaixo dessas palhas, onde três anos esperei a hora da vingança, acharás muito ouro... Distribui-o por esses meus desgraçados irmãos na crença, que gemem escravos em Portugal!... Desce, em nome da tua religião e da minha, a essas sentinas onde se revolve a raça. maldita dos homens! Dá ao desgraçado, que morrer à míngua de pão, o óbolo não roubado, mas adquirido pelo suor de meus avós!... Guterres! (*Com voz tardia e quebrantada*). Deus permita que esta súplica do judeu não seja em vão!...

D. GUTERRES

Não o será... eu to juro, homem incompreensível!

EZEQUIEL

Incompreensível! Tens razão... É verdade!... eu não me compreendo!... Vai-te... adeus, D. Guterres (*muito comovido*).

(*D. Guterres sai*).

CENA III

EZEQUIEL e depois o MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

EZEQUIEL

Cuidava eu que o dia da vingança seria o do prazer para esta alma sequiosa de sangue!... Enganei-me! Tenho tanto horror à vida como ao crime!... Saudades do mundo

não as levo, mas fica-me cá uma vida, que eu devera viver feliz!... Este braço... sinto-me fraqueá-lo!... nem logo poderei com um punhal!...

(Sentindo passos, embuça-se e procura o escuro da sala).

MARQUÊS, *também embuçado, espreitando com desconfiança*

Aqui... estarei seguro... foi a Providência...

EZEQUIEL, *sem se mover*

Não agradeças à Providência o auxilio do crime, cavaleiro cristão!

MARQUÊS, *sobressaltado*

És tu, Ezequiel?

EZEQUIEL, *aproximando-se*

Sou eu, D. João de Alencastre... Deixa-me ver o anel que te dei.

MARQUÊS

Deve possuí-lo quem to deu.

EZEQUIEL

Foi uma imprudência.

MARQUÊS

É verdade, e que me está sendo bem custosa.

EZEQUIEL

Que tem havido?

MARQUÊS

Tem sido procurado o perturbador dos folguedos. Valeu-me a protecção do mordomo; cheguei a medir a presa de bem perto, mas Guiomar está rodeada de cavaleiros... não pude tocar-lhe. Esperei-a na sua câmara, ouvi passos, alguém entrou, era D. Fernando de Castro e D. Maria de Noronha. Senti-os beijarem freneticamente...

EZEQUIEL

Inferno!

MARQUÊS

E, depois, emprazaram a fugida...

EZEQUIEL, *rapidamente*

Emprazaram... quantos minutos?!

MARQUÊS

Não sei. Saíram, e eu saí... Guiou-me para aqui o mordomo... Eu tenho a cabeça perdida, Ezequiel!... Andei perdido nesses corredores, que, mais dum ano, corri sem luz... Não sei agora o que faça... é a última noite... amanhã estão casados... Aconselha-me, Ezequiel!... Eu vou abrir um caminho com o punhal até poder tocá-la...

EZEQUIEL

Espera!... O teu juramento foi vão e inútil. Vingança... hoje... tenho-a eu só. Tens liberdade, marquês; espera melhor ensejo. É impossível... hoje... é impossível... (*Vê-se grande clarão*). Olha... eles, aproximam-se... procuram-te... fuja... depressa...

CENA IV

Alguns cavaleiros e vagem com brandões acesos entram na sala: observam os cantos, e alternativamente dizem uns aos outros:

- Era algum fantasma!
- Aqui não vejo nada.
- Nem eu.
- Por aqui também não.
- Vamos embora.
- Fernando de Castro? que é dele?
- Sumiu-se.
- E Guterres?
- Não veio.
- Ora venham cá.

(Os cavaleiros acercam-se deste, que os chama à boca da cena, e os pagens arredam-se para o fundo da sala).

- Que pensais vós daquele anel?
- Eu não sei. (*Todos encolhendo os ombros*).
- Andará ali obra do marquês de Torres-Novas?
- Não... o marquês fugiu do cárcere, mas deixou uma carta que justifica a Inocência de D. Guiomar. Bem a ouviste ler, como eu.
- Lá isso é verdade!
- Então que Satanás trouxe ali aquele anel!
- Isso agora...
- O tempo responderá... Vamos espreitar, e aquele primeiro que descobrir a intriga não fique com o segredo.

TODOS

Boa palavra! vamos espreitar.

(Saem).

CENA V

AFONSECA, *com uma lanterna, e depois*
O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

AFONSECA

O desgraçado devia fugir para aqui. Permita Deus que o não encontrem... Que cadeia de infelicidades... que futuro tão negro começa esta noite para tantos criminosos e inocentes... Se Deus me levasse deste mundo!... Onde acharei eu o infeliz?!... Quem sabe... talvez na albergaria!... talvez.

(Vai a sair e encontra-se com o marquês).

Ah!... sois vós... sr. D. João?!...

MARQUÊS

Procuravas-me com ansiedade, amigo fiel?... *(Abraçando-o)*. És o meu segundo pai... devo-te muito amor, e mal to pago com este abraço filial...

AFONSECA

Senhor! dais-me uma prova desse grande amor?... pagais-me essa dívida de muita amizade fiel e paternal?... Ide-vos... eu vo-lo peço, senhor!... Não angustieis mais este viver terrível que aqui vai nesta casa...

MARQUÊS, *irónico*

Entendes, amigo, que devo cruzar os braços, e ser a testemunha impassível do casamento da adúltera com o infante? *(Silêncio de momentos)*. Fala, Afonseca! O marido de Guiomar Coutinho, o desterrado por ela, o inocente arrojado a um cárcere por sua mulher, o condenado a um degredo perpétuo, o homem cuja vida foi pesada pelo ouro de sua mulher... eu que ainda sinto ferver-me o sangue, porque não estou morto, e porque não estou cadáver lançado ao Tejo por ordem de D. Guiomar Coutinho... queres tu, mordomo, que eu não perturbe o folgar inocente dos cavaleiros... a paz doméstica... o lindo futuro dos desposados?...

AFONSECA

Perdoai-lhe, senhor D. João!

MARQUÊS, *irascível*

Falaste de perdão, homem!? Deixa-me, que já não posso ouvir-te... Perdão! perdão para Guiomar Coutinho!? Vai-te, que me acordaste no coração o tigre da ferocidade!

AFONSECA, *com muito sentimento*

Deus vos perdoe... senhor marquês!...

MARQUÊS, *serenamente*

Homem! eu respeito os teus anos, e devo-te muito! Quero ouvir-te... Conheces-me desde menino; viste-me florir o coração aos primeiros afectos; animaste-me a um casamento clandestino com essa mulher que vai amanhã casar-se; viste-me arrojado por ela ao desterro... seguiu-se a infâmia da desonra... Guiomar Coutinho atirava-se aos braços dum amante, quando eu, por noites tormentosas de saudade, chorava o meu degredo, como choram os que sofrem inocentemente... Viste-me tornar fugitivo à minha querida pátria... queria morrer nela... morrer, onde Guiomar me chorasse... Vim encontrá-la adúltera... Nenhum homem matara uma mulher com tanta justiça... Ergui o punhal... o golpe era mortal... encontrei-te entre o punhal e a vítima... A pérfida mostrou-se contrita... as tuas lágrimas salvaram-na... eu tinha-lhe perdoado, porque a infame me bradou «*eu ainda sou tua!*» Fui preso por ordem dela, fui lançado num cárcere, fui condenado num tribunal...

AFONSECA.

Oh! senhor!

MARQUÊS

Espera!... Guiomar prodigalizou ouro a um assassino... Antes da minha morte a ferro frio, este punho devia assinar a justificação dessa mulher horrorosa. Salvei-me!... estou aqui no palácio dela... na véspera do seu casamento, nas suas bodas... Afonseca! que queres tu que eu faça a esta mulher?!

AFONSECA

Senhor D. João!... Jesus Cristo perdoou aos seus matadores!...

MARQUÊS, *severo*

Deixa-me!... Estás bem pago dos teus favores... Fazes-me amargar com palavras brandas todo o fel da minha existência!... Não venha o nome de Cristo manchar-se nas torpezas do mais vergonhoso crime!... Afonseca! eu dei a alma ao demónio da vingança!...

AFONSECA

Santo nome de Deus!...

MARQUÊS

Vejo um vulto... sai... não quero que vejas este homem...

AFONSECA

Deus tenha compaixão de todos nós!...

(*Sai*).

CENA VI

EZEQUIEL E O MARQUÊS

EZEQUIEL

É necessário trocarmos as posições, amigo marquês. A sala de armas é minha; aqui está a minha vingança; o meu leito de morte é este chão; e o tálamo da fementida é aqui na sala de armas de tua mulher. Eu quis que nos vingássemos ao mesmo tempo... eram quatro almas que se atiravam juntas ao inferno!... Não pode ser... Hoje não te vingas... amanhã quem sabe se o algoz te baterá à porta dum cárcere...

MARQUÊS, *com serenidade*

Ezequiel! eu te juro que não baterá!

EZEQUIEL

O pior é que Ezequiel não poderá salvar-te!... Franqueou-te o braço, João de Alencastre! Imprudente, entraste no salão dos festins... era impossível que a presa te não fugisse... Se eu visse Maria de Noronha, como tu viste Guiomar Coutinho! ... se entre mim e ela eu não tivesse mais que derrubar alguns cortesãos frouxos e efeminados!

MARQUÊS

Mas a adúltera ainda a! está nesses salões... a noite tem ainda algumas horas... e eu só preciso um momento... Adeus, Ezequiel!...

EZEQUIEL

Espera, João de Alencastre... (*Com muito sentimento*). Nós não nos tornamos a ver...

MARQUÊS

Que dizes, Ezequiel?!

EZEQUIEL, *concentrado*

Fui nobre em muitos sentimentos; mas a paixão do amor dominou-me. Amante como ninguém... amigo como ninguém... tu sim, marquês... bem sabes como eu fui amante e amigo!... Ainda bem, que veio comigo ao túmulo a consciência pura de ter feito grandes honras à amizade... João de Alencastre!... eu salvei-te da morte... e que

morte tão triste!... Quando eu te salvava, não encontrei braço de homem que me salvasse a mim!... Fui infeliz como homem nenhum o foi! quem podia salvar-me era ela... Não lhe morderam os remorsos na consciência... riu-se da impunidade... e não teve para mim compaixão nem ódio... Era a serenidade da indiferença... mais amarga que o fel do desprezo!... Não quero recordar-me!... Lá vai perdido tudo!... Daqui ao sepulcro as minhas forças de vida resumem-se todas na mão que deve apertar um punhal!... Mas antes disso... antes que estes braços sejam manchados de sangue impuro... dá-me um abraço, homem desgraçado!... dá-me um abraço... (*abraçam-se*) sente as últimas pulsações do teu amigo... e chora-me, depois... que eu tenho direito a uma lágrima tua.

MARQUÊS

Tu intentas o suicídio!... oh! não sejas fraco, Ezequiel!

EZEQUIEL, *sorrindo*

Fraco! – fraqueza de quem olha orgulhosamente para as vilezas da terra!... Fraco!... Chamas-me fraco, D. João?!... Eu, que pudera afogar o remorso no mar imenso dos deleites que o meu ouro me daria!... eu, que venho de fazer o papel de mendigo na sociedade para chegar ao supremo orgulho do que se vingam!... Eu não sou fraco... diz-mo a razão que o não sou! Tenho crenças na eternidade... Se o suicida tem de ser atormentado no inferno... eu aceito as dores do inferno, e rejeito as deste mundo à custa duma existência infame,.. Sou corajoso, marquês!... corajoso como o que acha mesquinho o sofrimento da terra para expiar um crime...

MARQUÊS

Pela nossa amizade, ouve-me Ezequiel!...

EZEQUIEL

São tardias as tuas reflexões... Deixa-me... preciso de ficar só... Adeus! (*Abraçando-o estreitamente*). Adeus! Adeus!

MARQUÊS

Oh meu amigo!... Eu te seguirei na morte!... Desgraçados!... desgraçados de nós!...

EZEQUIEL, *desenlaçando-se dele*

Mais brio, D. João! Nada de lágrimas para homens que querem sangue...

MARQUÊS

Oh! sim! sangue! sangue!...

(*Sai arrebatado*).

CENA VII

EZEQUIEL, *só muito recolhido em si*

Calai-vos, doces recordações do que eu já fui!... Cala-te, remorso, que o meu tormento tem sido incomportável!... Deus de Jacob!... eu sou um réprobo!... Eu não pude com a minha dor... Sustive-me enquanto pude à borda do despenhadeiro, a religião não me valeu!... O crime está-me escrito na fronte... e eu quero morrer amaldiçoado!

(Ouve-se rumor de gritos no interior... Vozes destacadas: Está salva! – Prendam esse homem! Por aqui!... Vejam bem! – Aqui vai – Vai-se aproximando o clarão das luzes. Ezequiel retira-se. Cavaleiros e pagens atravessam com archotes, bradando – Veio para aqui – À albergaria! O salão volve ao silêncio e às trevas. O marquês de Torres-Novas segue-os, sobressaltado).

CENA VIII

MARQUÊS, *e uma voz oculta*

MARQUÊS, *em desesperação*

Maldição! Parece que um demónio me destrói a minha vingança!... Um palmo... Um palmo só, e ela seria um cadáver agora!... Ezequiel! *(Chamando a meia voz)*. Ezequiel! oh! esta situação é terrível... Serei eu preso... preso eu!... que vou consumindo inutilmente os escassos momentos de liberdade!...

(No corredor, justamente o indicado por Guterres para o sinal, dá-se uma pancada bem soante nos copos duma adaga. O marquês sobressalta-se, e como por instinto de defesa, lança mão à sua adaga, que, na pancada, produz um som igual ao do corredor).

Estou preso!... ânimo!...

(Segue-se outra pancada no corredor: o marquês desembainha a adaga).

VOZ, *no corredor*

Escuta, e prepara-te. Eles aproveitaram-se da desordem que vai no salão, e vão fugir. D. Fernando diz-me agora mesmo que mande aproximar os cavalos... Espera... sinto passos no corredor... distingo um vulto de branco... é ela... prepara-te!...

MARQUÊS, *consigo*

Que palavras foram aquelas?!... Que D. Fernando vai fugir... que ela vem para aqui!... Eu tenho perdida a cabeça!...

CENA IX

O MARQUÊS E D. MARIA DE NORONHA

MARQUÊS, *reparando*

É verdade!... eu vejo um vulto... não distingo bem... parece-me ela... (*Afasta-se para o mais escuro*).

D. MARIA, *voz trémula e sumida*

Fernando! Fernando!... já aqui estás?...

MARQUÊS, *meia voz*

É Guiomar!...

D. MARIA

Que medo, meu Deus!... Fernando!... meu querido Fernando!...

(*O marquês, rápido e arrebatado, corre a D. Maria, que palpa as paredes do salão; e quando ela outra vez repete a invocação – Fernando! trava-lhe do braço, ela solta um grito de terror, é dobrada para ó chão, e recebe uma punhalada. O marquês curva-se sobre a moribunda, e com terrível expressão lhe brada*):

– Guiomar Coutinho! o espectro do salão era o marquês de Torres-Novas. As ondas do Tejo restituíram-te o marido e o algoz!

(*Sai apressadamente*).

D. MARIA, *após alguns momentos de silêncio*

Virgem... Nossa Senhora!... perdoai-me!... Eu morro! Fernando!

CENA X

EZEQUIEL, *e depois todas as damas e cavaleiros que vimos no primeiro quadro, menos D. Fernando de Castro*.

EZEQUIEL, *que não vê o cadáver*

Aquele homem perdeu tudo!... Nem eu nem ele!... O terror espalhou-se nos salões... Dou um adeus à minha vingança de hoje... (*Tropeça no cadáver*). Quem está aqui?!... É uma mulher! (*apalpa*) sangue!... está morta!... que é isto, meu Deus!... As feições são as dela... Uma luz, uma. luz!...

(*Damas e cavaleiros, entre estes D. Guiomar Coutinho e o infante D. Fernando. Os pagens trazem archotes, e acham Ezequiel, curvado sobre o cadáver*).

UM PAGEM

Ei-lo, ei-lo aqui, sr. infante!... Um cadáver! uma mulher morta... é a senhora D. Maria de Noronha.

(Grito geral de terror. As damas vão ajoelhar junto do cadáver, que tentam levantar).

EZEQUIEL, *ergue-se e fala com a placidez furiosa dum demente*

Quem foi o assassino de D. Maria de Noronha?

VOZES

Tu, tu, infame!

EZEQUIEL

Quem foi o assassino de D. Maria de Noronha?

INFANTE

Quem és tu?

EZEQUIEL

Ezequiel – o judeu!

VOZES

Judeu!

EZEQUIEL

Mas não sou o assassino!

VOZES

Morra, morra o assassino!

(Ezequiel rasga o albornoz e expõe o peito).

INFANTE, *para de cavaleiros que ameaçam Ezequiel*

Suspendei-vos!... *(Para Ezequiel)*. Tu mataste esta dama, coração de tigre?

EZEQUIEL, *serenamente*

Devia matá-la; mas não a matei.

INFANTE

Cavaleiros! predei este homem. Sua real senhoria fará tremenda justiça.
(Os cavaleiros acercam-se dele, que velozmente bebe veneno dum vidro que tira

do seio).

EZEQUIEL, *para os cavaleiros*

Afastai-vos! – deixai cair desamparado neste chão o meu cadáver! Está ai morta a mulher que me matou... dai-lhe embora a ela um túmulo de mármore... queimai o meu corpo, e atirai as cinzas ao Tejo! ... D. Guterres!

D. GUTERRES, *à parte*

Oh meu Deus!

EZEQUIEL

D. Guterres!... onde estás? não tremas do judeu... (*Vai-lhe a voz desfalecendo; as agonias, pouco depois, vêm cortar-lhe as palavras*). Aqui tens o cadáver da mulher que amaste!... Fernando de Castro! desgraçado... eram três os traídos... mataram-ta!... Senhora D. Guiomar Coutinho! este veneno abrasa-me as entranhas... não façais beber a alguém aquele que me pedistes... Não temais, senhora! eu tenho compaixão de vos... não serei o vosso juiz à hora da morte... (*Cai de joelhos diante do cadáver*). Guterres! Guterres!... dá-me os teus braços!... deixa-me repetir-te uma súplica... Olha aquele ouro... socorre os desgraçados. Olha a minha família... Adeus... Meu pai... meu pai...

D. GUTERRES, *meia voz*

Que martírio!...

EZEQUIEL, *nos últimos paroxismos*

Eu... dera-lhe a vida... se pudesse... Está morta... não posso... O demónio da vingança... Eu morro... meu Deus!...

FIM DO QUINTO E ÚLTIMO ACTO

EPÍLOGO

CINCO ANOS DEPOIS

Vista de rua. Ao fundo, abre-se a portaria do palácio de D. Guiomar Coutinho. Luz frouxa de lampião alumia bruscamente o pátio espaçoso para o interior do edifício. Há uma longa escadaria que tem de ver-se depois.

É noite. Dobram os sinos a finados. Alguns cavaleiros vestidos de dó, e frades de S. Francisco entram mudos e tristes no portal do edifício. Os derradeiros cavaleiros, que são dois, e que designaremos, por 1º e 2º, sombrios de tristeza e terror entram na

CENA I

DOIS CAVALEIROS

1º

Bem diz o povo que a maldição de Deus caiu sobre esta família!

2º

Anda aqui grande pecado!... A ira de Deus é justa e imensa!...

1º

Em menos de três meses quatro tumbas!!

2º

E não tardará a quinta, que D. Guiomar não vai longe!...

1º

Tu não viste o que foi de horrível há cinco anos naquela noite do casamento do infante?!

2º

É verdade... a morte de D. Maria de Noronha... o suicídio do judeu que a matou... aquele anel que ninguém sabe o que foi...

1º

Pois aí tens... Eu nunca pude acabar comigo um suspeita diabólica... D. Guiomar Coutinho era casada!...

2º

Isso é falso... Não viste aquela carta, escrita pelo Marquês de Torres-Novas, quando se fugiu do cárcere?!...

1º

Vi, vi, e que tem lá isso? A vingança de Deus é um segredo para nós... Assim mo disse o nosso antigo companheiro de armas, Fr. Guterres, tão sabedor hoje de livros, como então o era do jogo das armas...

2º

É verdade... D. Guterres!... que cavaleiro ele foi tão apaixonado de damas e batalhas!... no que aquela vida deu!...

1º

Foi também. nessa noite fatal!... Desde aquelas mortes ninguém mais o viu... os cabelos fizeram-se-lhe brancos; está um velho, que mete dó ouvi-lo chorar... e ninguém sabe porque chora!... Visita os servos judeus pelos hospitais e pelas albergarias; dá-lhes com mão larga dinheiro, que por aí se diz que vem de Deus! do seu... certo é que não, que o não tinha... Enfim... mistérios do céu... Vamos cumprir os últimos ofícios de amigos...

2º

Que muito o fomos desse homem que, viçoso de anos e venturas, deu na terra do sepulcro com uma vida, que tantas saudades aqui deixou!...

CENA II

FR. GUTERRES, *da ordem franciscana, outrora o cavaleiro D. GUTERRES, sai da portaria, macerado, e com cabelos brancos.*

D. GUTERRES, *só*

Cinco anos depois encarei de face a face as testemunhas do meu crime! Vi um ataúde, e o crepe negro, e o brandão dos finados, na mesma sala onde espiei a mulher que devia morrer. Ouvi gemidos... recordei todo o horror do meu crime... pedi coragem à minha alma para não gritar diante da corte... «*Eu sou um traidor! Eu sou um assassino!*» As minhas mãos não estão salpicadas do sangue da assassinada... mas foi com estas mãos que eu a expus aos golpes de punhal... Eu fiz um matador... instiguei a cólera de Ezequiel para assassinar Maria de Noronha!... Eu fiz um suicida... Vi os dois cadáveres a meus pés... sorri um dia no calor da vingança... Depois... cinco anos horrorosos, debaixo desta túnica..; e não tenho ânimo de pedir perdão a Deus! O juramento que dei de distribuir pelos judeus escravos o dinheiro daquele desgraçado... é a recordação incessante do meu crime... é um poste onde me amarrei voluntariamente para ser castigado pelas disciplinas de ferro do remorso!... (*Ouve-se o murmurar longínquo do «de profundis» entoado lá muito no interior do edificio*). Eu não posso ir

ali misturar a minha voz nas preces de alguns justos!... Tremo que os tormentos da alma me subam à face... Eu sei que morro amaldiçoado de Deus... mas diante dos homens hei-de esconder os meus crimes...

CENA III

O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS *com as barbas longas e quase brancas a cobrirem-lhe a maior parte das faces magras, e lívidas. O seu olhar é sombrio e torvo. Demente, deixa-se cair na abstracção de fundas cogitações. Traja um velho gibão e chapéu aragonês: está completamente desarmado.*

O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS E FREI GUTERRES

MARQUÊS, *sem atentar no frade*

Foi à luz baça duma lâmpada... Era um clarão sinistro!... e o mais... era a negrura das asas da morte, que esvoaçava naquele salão!...

FREI GUTERRES

Que diz este homem!?

MARQUÊS, *reparando*

Frade! tu amaldiçoaste o filho do crime! Negaste-lhe a tua bênção, e o homem de remorsos arrasta-se por aí, a escorrer sangue, a rasgar-se nas carnes... Frade! perdoa-lhe!...

FREI GUTERRES

Que dizeis? irmão?! onde está o criminoso que invoca o perdão de Jesus Cristo?

MARQUÊS

Foi à luz baça duma lâmpada!... A inocente morreu., o punhal tem sangue imaculado... este sangue brada justiça ao céu... Frade! houve um assassínio tremendo!...

FREI GUTERRES, *meia voz*

Jesus eu tremo de ouvi-lo!...

MARQUÊS

Foi à Luz baça dum lâmpada!... O matador vergou aquela mulher para o chão... rasgou-lhe o seio... matou-a... ela deu um grito estridoroso... Escuta.... não ouves esse grito? é a inocente a morrer.

FREI GUTERRES

Eu estou sendo atormentado!... Este homem é o enviado de Deus... Perdoai-me, Senhor!...

MARQUÊS

Não ouviste o dobre a finados?... Quem foi a desoras dar o anúncio da morte à torre do templo?... Fui eu... Frade... fui eu que toquei aquele hino maldito!... E ela ainda vivia... ela... Guiomar... a adúltera!...

FREI GUTERRES

Que ouvi!... Guiomar dizeis vos... Conheceis D. Guiomar?

MARQUÊS, *soltando um riso louco e descomposto, e, depois, absorvendo-se no terror dum grande crime*

Essa mulher é casada duas vezes! Quem morreu... não foi ela... Eu matei uma virgem a ferro frio!...

FREI GUTERRES

Que mistério, meu Deus!...

MARQUÊS

Viu-se depois um espectro de vestes brancas por um salão de armas, negro e pavoroso... Era Maria de Noronha...

FREI GUTERRES

Ah! (*Leva as mãos aos cabelos hirtos*).

MARQUÊS

Tu choras pela inocente?! Coitadinha!... fui eu que a matei!...

FREI GUTERRES

Homem!... que és tu?...

MARQUÊS

Foi... há muitos anos... à luz baça duma lâmpada!... matei uma inocente!... (*Ajoelha*). Perdão, homem de Deus!... matei a esposa dum cavaleiro... A adúltera está viva!...

FREI GUTERRES

Calai-vos!... calai-vos!...

(O marquês conserva-se de joelhos com a face entre as mãos).

CENA IV

Os MESMOS E AFONSECA

AFONSECA

Encontrei-o!... Graças, meu Deus! *(Vai abraçar o marquês)*. Senhor! vinde comigo pelo amor de Deus. *(Reparando no frade)*. Dai-me a vossa bênção, servo de Nosso Senhor!...

FREI GUTERRES

Deus vos abençoe, honrado ancião!... Olhai, vinde aqui ouvir-me duas palavras – *(Chama-o separando-o do marquês)*. Quem é este homem? *(Afonseca fita os olhos no chão e cruza os braços sobre o peito)*.

MARQUÊS

Foi à luz baça duma, lâmpada... «Este chão será o tálamo de Maria de Noronha... aqui está o meu sepulcro.... » Disse-o Ezequiel... e Maria de Noronha... matei-a...

FREI GUTERRES

Irmão! em nome de Jesus Cristo, digei-me quem é este homem?!

AFONSECA

Ninguém, senhor!... – é um doido!... coitadinho!... é um doido!...

MARQUÊS

Frade! tu já não pudeste abençoá-la!... Morreu a ferro frio... não lhe cerraste a maldição nos lábios... ela amaldiçoou-me em nome do Eterno... e eu ando aqui arrastado, como a serpente esmagada na cabeça!...

FREI GUTERRES

Oh meu Deus!... Afonseca... este homem quem é?... Por piedade, por misericórdia digei-me o seu nome... que eu morro de ansiedade!...

AFONSECA

Não posso, senhor!... não posso, Fr. Guterres!...

MARQUÊS, *rindo-se descomposto*

Abri as portas do templo, sacerdotes de Cristo! Abri as portas do templo, perfumai

os altares, forrai esse chão de telas, entoadi hinos, menestréis de D. João III! repicai nesses campanários um dobrar festival! – Arautos! reis de armas! passavantes! afastai o povo, que aí vão D. Guiomar Coutinho e o infante D. Fernando a esposarem-se na presença de Deus! (*Descai do transporte na frieza do rancor íntimo*). Frade! tu santificaste um crime horroroso... tu abençoaste o casamento dessa adúltera... e a adúltera era minha mulher!...

AFONSECA

Oh meu Deus!

FREI GUTERRES

Jesus! que é ele!... (*Correndo para abraçá-lo*). D. João de Alencastre!...

AFONSECA, *impedindo-o*

Não aumenteis a sua penosa situação... Vereis as lágrimas correrem-lhe nas faces descarnadas!... Deixai-o por piedade, que tereis de chorar muito com ele... Está doido, Fr. Guterres, está doido o infeliz João de Alencastre!... Deixai-mo levar daqui... Preciso afastá-lo do saimento!... Oh! Deus nos livre que ela o conhecesse!...

FREI GUTERRES

Não posso!... deixai-me ouvi-lo um momento só!... Este homem vive, meu Deus!... vive D. João de Alencastre, reduzido a tamanha miséria!...

MARQUÊS

A adúltera tripudiou sobre o cadáver da inocente!... Maria de Noronha foi amar os anjos celestes... eles esposaram-na, e os demónios do inferno travaram da minha alma, despedaçaram-me o corpo, escreveram-me o meu crime na face!... Foi à luz baça duma lâmpada!... Oh meu Deus! meu Deus!...

(*Ouve-se o dobre a finados; o marquês cai sobre os joelhos, esconde a face, e permanece nessa postura*).

AFONSECA

Fr. Guterres! – eu quero que este homem viva; pode ainda recuperar o juízo; não o assalteia com recordações, que o matam! Eu vos digo, em pouco tempo, a última desgraça do marquês de Torres-Novas. Ele era casado, à face de Deus, com D. Guiomar Coutinho... Ela degradou-o, desonrou-o, ofereceu ouro a quem o matasse, e julgou-o bem morto, e o seu cadáver no fundo do Tejo! D. João de Alencastre vivia para a vingança do desesperado! Tentou matá-la no último festim das suas bodas. Estava no salão de armas de D. Guiomar...

FREI GUTERRES, *aflitivamente*

Desgraça!...

AFONSECA

Tinha para lá fugido à perseguição dos cavaleiros e pagens. Eis que D. Maria de Noronha, não sei por que fatalidade, entra nesse salão, quase escuro, ermo, nunca visitado por damas em noites de folgedos. «Fernando!» bradava ela; este era Fernando de Castro, o seu amante; mas o alucinado marquês pensou que ela era D. Guiomar Coutinho, que vinha ali ter alguma comunicação escusa com o infante... Aproximou-se dela... não a ouviu... cravou-lhe o punhal... matou-a... e fugiu...

(*Fr. Guterres, como exausto de vigor, recosta-se ao ombro de Afonseca*). Que tendes, Frei Guterres?

FREI GUTERRES

Continua... diz... e depois... não havia aí um judeu, chamado Ezequiel?...

AFONSECA

Esse judeu foi encontrado junto do cadáver de D. Maria de Noronha, e envenenou-se, perguntando a altos brados quem fora o assassino de D. Maria de Noronha...

FREI GUTERRES, *ajoelhando*

Perdoai-me, meu Deus!... Perdoai-me, meu Deus!

MARQUÊS

Foi à luz baça duma lâmpada! A inocente morreu e o assassino vive!... (*Frei Guterres levanta-se horrorizado*). Frade! haverá perdão na terra para o matador de Maria de Noronha?

FREI GUTERRES

Oh! não! não! Nós não podemos implorar perdão!... Eu sou o assassino!...

AFONSECA

Que mistério!... Que enredo de crimes!... que será isto, Deus do céu!...

(*Dobram os sinos. No cimo da escadaria vêem-se frades de S. Francisco, com tochas acesas, murmurando os salmos costumados: vêm descendo, e já desfilam pela rua sem que ainda o esquife tenha aparecido. O marquês ajoelha maquinalmente. Fr. Guterres cruza os braços, cobre-se com o capuz, e busca esconder-se ao saimento. Afonseca, afastando-se para junto do marquês, exprime a sua agonia, escondendo a face entre as mãos; depois tenta erguer o marquês, que olha espantado para as luzes*).

AFONSECA

Sr. D. João de Alencastre! vinde, vinde, pelas cinco chagas de Cristo!

MARQUÊS

Aí vai morta da punhalada do assassino a inocente! (*Ergue-se furiosamente*). Maria de Noronha! Abre-me essa tumba, e leva-me ao banquete dos vermes, nos teus braços hirtos!... Frade! (*Os responsos continuam*). É o cântico dos querubins que aí vai no saimento da virgem que eu matei!...

FREI GUTERRES

Perdão! perdão! Deus de misericórdia!

(*Assoma no patim da escadaria a tumba. É trazida ao colo de homens e coberta de longos panos de negro. Seguem-se mais alguns frades, como os primeiros, de tochas e capuzes enfiados. Quando a tumba atravessa o palco, o marquês, na postura de quem quer suspender o préstito, lança-se-lhe ao encontro; Afonseca suspende-o, e desvia-o de empecer o saimento, que vai marchando compassado. – Há um toque de campainha, e logo depois*):

UMA VOZ

Rezai por alma de sua alteza, o senhor infante D. Fernando!

MARQUÊS

Ah! (*É um grito estridoroso, seguido duma convulsão horrível. Afonseca segura-o, e forceja em vão por desviá-lo da cena. Segue-se o mesmo toque de campainha, e a mesma voz, já fora do palco*).

AFONSECA

Meu Deus! inspirai o coração do vosso servo! Lançai os olhos de pai sobre este quadro de desolação!

MARQUÊS, *muito concentrado*

Rezai por alma de sua alteza o senhor infante D. Fernando!... Afonseca! Afonseca!

(*Desce D. Guiomar Coutinho. Traja uma túnica branca de longa cauda. Cobre-lhe o cabelo longo capuz de vaso. Em torno, cavaleiros, damas e donzelas, vestidos de burel branco, e as cabeças cobertas de vaso. D. Guiomar Coutinho, vem nos braços de duas damas*).

CENA V

As PESSOAS DESCRITAS NA ÚLTIMA NOTA
FREI GUTERRES, AFONSECA E O MARQUÊS

FREI GUTERRES

Jesus! que desgraçado encontro!

AFONSECA

Praza a Deus que ele a não veja!

D. GUIOMAR, *para as damas com voz débil e de soluços*

Deixai-me respirar, pelo amor de Deus! Não posso... não posso... Desviai-me do saimento... um bocadinho... um bocadinho de ar... que me sinto morrer... ah! perdão, santíssima Virgem! perdão, pelas vossas sete dores!

(As damas conduzem-na para o palco. O marquês tem sido estranho a esta chegada).

AFONSECA

Senhor... senhor!... Vinde... vinde... eu vo-lo imploro de joelhos!... *(Ajoelha).*

MARQUÊS

Levanta-te, meu pai! – vai rezar um responso sobre o cadáver de D. Maria de Noronha!... Rezai por alma de sua alteza o senhor infante D. Fernando!... Inferno!

(D. Guiomar dá um grito, desenlacha-se das damas mal firme, corre o palco em todas as direcções, encontra Frei Guterres, e cai-lhe de joelhos aos pés).

D. GUIOMAJR

Senhor!... protegei-me!... que eu ouvi-lhe a voz... ouvi-lha... era a sua voz, homem de Deus!... Protegei-me, que eu quero salvar-me!...

FREI GUTERRES

Senhora!... fugi... fugi... destes lugares!... fugi, por amor de vós, que está aqui vosso primeiro marido!... está aqui D. João de Alencastre!...

D. GUIOMAR

Aqui... meu Deus!... ah!... *(Cai desmaiada, as damas erguem-na, e tomam-na ao colo).*

MARQUÊS, *aproximando-se de D. Guiomar*

Damas e cavaleiros! Vamos ao túmulo de Maria de Noronha deixar-lhe a coroa de virgem!... Rezai por essa mártir!... que D. Guiomar Coutinho lá está no leito do adultério a gravar uma nódoa infame no vosso sexo, damas virtuosas!...

DAMAS E CAVALEIROS

Santo nome de Deus!

MARQUÊS

Estes paços são meus... casei aqui depois das minhas batalhas... dependerei neste salão as minhas armas de cavaleiro de cem combates... Este é o salão de armas... Aqui... aqui!... foi à luz baça duma lâmpada!...

D. GUIOMAR

Fr. Guterres... acompanhai-me ao meu quarto... eu sinto-me morrer... preciso de vós... de vós... que não sois estranho... à vida da mulher mais desgraçada!... Ainda... naquela noite em que as minhas desventuras todas me foram anunciadas... quando Maria de Noronha...

MARQUÊS, *fitando-a, espantado, e falando-lhe como em segredo*

Maria de Noronha... essa está morta na sala de armas de Guiomar Coutinho!... Buscai-a de vestes brancas, borrifadas de sangue, no canto escuro do salão!... A luz baça duma lâmpada verte-lhe na face o clarão da tocha sepulcral!... (*Guiomar forceja por sair: acena às damas que a retirem; o marquês pega-lhe do pulso com delicadeza e gesto prazenteiro*). Tu foste amiga da desgraçada que eu matei?... queres chorar por ela?... queres chorar comigo? E tu quem és?... Conheceste a adúltera?... Era a minha esposa!... amada como mulher nenhuma!... O demónio travou de duas existências,, dilacerou-as!... Viste-la nos braços do infante D. Fernando?!...

D. GUIOMAR, *reclinada mortalmente nos braços das damas*

Meu Deus!... a morte!... matai-me!... que eu não posso... sofro tanto!... Frei Guterres!... Pedi a Deus pela mais desgraçada das suas criaturas!... Fr. Guterres! ... Eu poderei... salvar-me?... poderei?

AFONSECA

Oh justiça de Deus!...

MARQUÊS, *na maior exasperação*

Calai-me esses hinos do inferno, menestréis de D. Guiomar!... Sangue! sangue!... Tenho este coração rasgado fibra por fibra!... Rei de Portugal!... o mais leal dos teus leais cavaleiros tem um escarro infamante na face!... Rei de Portugal!... um teu irmão cavou-me o sepulcro com o teu ceptro!... Afasta-te, algoz!... que eu matei uma mulher inocente!... (*Agarra furiosamente os cabelos; Afonseca ampara-o*).

D. GUIOMAR

Fr. Guterres!... acompanhai-me ao meu quarto... que eu sinto-me morrer... depressa... depressa... Fr. Guterres!

FREI GUTERRES, *no centro, com uma firmeza de expressão que lhe dá as*

aparências dum inspirado

D. João de Alencastre. Marquês de Torres-Novas!... conhecestes D. Guterres de Paiva?...

MARQUÊS, *recordando-se*

D. Guterres de Paiva... Vi-o no cerco de Masagão rasgar com a lança as hordas dos infiéis... Oh! se vi!... era um cavaleiro namorado... namorado... se era...

FREI GUTERRES

Namorado de Maria de Noronha... recordas-te, D. João de Alencastre?...

MARQUÊS

Foi à luz baça duma lâmpada...

FREI GUTERRES

Que mataste a vítima de nós ambos!... Marquês de Torres-Novas!... o teu crime é perdoado no céu!...

MARQUÊS

Na terra o cutelo do verdugo!... A eternidade... oh!... aí!... o eterno terror do assassino!...

FREI GUTERRES

Aí... o perdão de Jesus Cristo! ... mas tu tens a perdoar- na terra, D. João!

AFONSECA, *ajoelhando*

Sim, sim, senhor D. João!... Tendes a perdoar na terra, para que Deus perdoe no céu à mais criminosa, e à mais desgraçada das mulheres!...

(O marquês encara-os ambos alternativamente, e parece ouvi-los com atenção).

FREI GUTERRES

D. João de Alencastre! Tua mulher... D. Guiomar Coutinho... debate-se nas agonias da morte!... Ergue as mãos... suplica um perdão neste mundo, e não acha quem lhe perdoe!... As portas do inferno abrem-se-lhe aos pés do seu leito de paroxismos, e não há quem a salve!... Salvai-a, D. João!... Salvai-a, cavaleiro da Cruz...

(O marquês estende os braços a D. Guiomar, para levantá-la. As damas ajudam-na, e recebem-lhe no colo a face que ela busca esconder de seu marido. Este toma de entre as mãos a face amortecida de Guiomar. Encara-a, convulsivo, e horrorizado das reminiscências que lhe acodem: erra com a vista pelos circunstantes, chama Afonseca que o abraça; nos braços deste aponta, aterrado, para a mulher.)

AFONSECA

É a infeliz Guiomar Coutinho... é ela, senhor D. João de Alencastre, que vos pede perdão. com lágrimas de sangue!...

D. GUIOMAR, *quase desfalecida*

Perdão... misericórdia... marquês... marquês... por piedade... por piedade...-

FREI GUTERRES

Ouvi-a... D. João!... Ouvi-a!...

AS DAMAS, *de joelhos com D. Guiomar*

Perdoai-lhe, senhor marquês!...

FREI GUTERRES

Ouvi-a... que a desgraçada. expira-lhe nos braços!...

(O marquês curva-se para reparar nas feições de sua mulher. Recua espavorido. Solta um grito de terror. Arrebatado, quer fugir. Afonseca, Frei Guterres e os demais, embarçam-no.)

D. GUIOMAR, *expirando*

Meu Deus!... meu pai... pelas vossas... chagas... Virgem Santíssima!... pelas vossas... dores... perdoai-me... perdoai-me... Jesus!...

FREI GUTERRES

Em nome de Jesus Cristo, Redentor, e Salvador dos homens! Em nome do crucificado, que expirou na cruz das afrontas, pedindo a seu Pai, por seus matadores!... Em nome da coroa de martírio ,que tão fundo te rasgou de espinhos o coração... oh mártir do amor!... Eu te mando perdoar a esta mulher que se arrasta a teus pés a pedir um perdão!... *(Traz D. Guiomar que cai aos pés do marquês)*. Cristão! Perdoa a D. Guiomar Coutinho, que vai sair deste mundo, e achará as portas do céu fechadas para sempre.

MARQUÊS

Levai-me à cabeceira da maldita de Deus e dos homens... eu lhe perdoarei...

FREI GUTERRES E AFONSECA

Graças, meu Deus!...

(Aproximam-se de D. Guiomar Coutinho.)

FREI GUTERRES

Irmã!... D. Guiomar Coutinho! ... abri o coração para receber o perdão de vosso marido!... Levantai os olhos para o mártir que vos perdoa!...

(D. Guiomar está morta. Fr. Guterres apalpa-lhe o coração, que já não pulsa.)

AS DAMAS

Está morta!...

FREI GUTERRES

É verdade!... O vosso perdão, marquês, não valeu à desgraçada!... Oremos todos por ela... que Jesus Cristo lhe perdoe...

(Ajoelham todos).

FIM DO DRAMA

Dos *Annaes de D. João III*, compostos pelo elegante prosador frei Luís de Sousa, trasladamos uni capítulo donde o autor tirou a ideia fundamental deste drama:

Queixa-se o Conde de Marialva a el-Rey do Marquez de Torres-Novas. Dá-se conta da razão da queixa, e successo d'ela.

Com nova e estranha contenda entrou na Corte e diante delRey, neste principio de seu governo, o Conde de Marialva Dom Francisco Coutinho. Era o Conde hum dos primeyros senhores do Reyno, e que então mais valia por preço de pessoa, autoridade de annos, que passava de setenta: por grandeza de estado, por grossura de rendas e dinheyro. Des do tempo delRey Dom Afonso quinto, nenhuma occasião ouvera de guerra com Portugal em Espanha nem fora della, em que não fosse dos mais arriscados por valor de braço, e dos mais lustrosos por magnificencia de companhia e despesa. Assi, em todas as materias de paz e guerra, era o primeyro voto deste tempo. De mais do estado de Marialva, poderoso de grandes terras e muytos vassallos, possuia polla Condessa Dona Brtes de Meneses sua molher o Condado de Loulé no Algarve, e tinha o cargo de Meirinho-mor do Reyno. Do que tudo era herdeyra huma só filha que tinha. Considerando Isto elRey Dom Manoel, como era tão prudente, e sabio, tratou com elle dar-lhe pera seu genro hum de seus filhos, e assentarão que seria o Infante Dom Fernando seu filho terceyro: e sobre a promessa Real precederão contratos para o matrimonio aver effeito, tanto que o Infante tivesse idade competente. Sendo o negocio publico, e juntando-se encarregallo elRey por sua morte ao Principe não só de palavra, mas por clausulas, expressas de testamento, veo á noticia do Conde, que o Marquez de Torres-Novas filho mais velho do Mestre de Santiago, publicava que de muyto antes dos contratos delRey, estava clandestinamente casado com Dona Guimar, que assi se chamava a filha do Conde: e affirmava avella de pedir por justiça. Foy isto cousa que feno o Conde no intimo da alma: sintindo igualmente tomallo tal successo sobre setenta annos, e esses cercados de infirmitades. Mas o que mais cuydado lhe dava, era imaginar que o descubrir-se o Marquez em tal tempo, ao que se não atrevera em vida deLRey Dom Manoel, poderia ser em confiança de hum Rey de tão pouca idade corno elle. E huma e outra cousa o trazião gravissimamente offendido e descontente. Em fim veo-se a elRey, e pediu-lhe quizesse ouvillo em conselho, e sendo admittido falou desta maneyra: «Já que as leys de Portugal devassarão o foro antigo de Espanha, pollo qual os cavaleyros aggravados d'outros pedião aos Reys, em lugar de offerecerem libellos, campos aprazados pera manterem com a lança suas querellas: beijarey as mãos a Vossa Alteza fazer-me justiça do Marquez de Torres-Novas: o qual contra minha vontade, contra as leys deste Reyno, e assento que elRey que Deos tem, vosso pay, tem tomado, pretende ser casado com Dona Guimar minha filha, chamando casamento legitimo aquelle que nem Deos ordenou, nem minha filha confessa: mas inventou somente sua cubiça, e a falsidade de quem o quer enganar. Não fizeram verdadeiramente mais afronta que esta os Infantes de Carrion ás filhas do Cide Ruy Dias, com quem eram casados. Porque se as deixarão no campo desemparradas, erão seus maridos; tomavam vingança de sy, e de sua honra propria, da qual podião uzar bem ou mal, como cada hum faz do seu. Menos he isto que diffamar huma donzella innocente, sem outra força de amor, mais que desejo de minha fazenda. Acudi, senhor, a demasia tão pesada. E não seja esta querella minha o primeyro exemplo de sem justiça vossa: pois tendes na terra lugar de Deos, pera ma não negardes. Entenda o Marquez que deixando elRey que Deus tem minha filha já desposada, nem ella podia querer outra cousa, senão o que fosse seu serviço: nem o Marquez devera ter outro gosto. Trate Vossa Alteza este meu negocio, não como contenda e litigio de hum estado, inda que elle assi o pretende: mas como huma cotiza de toda minha honra, contentamento da vida, e salvação da minha alma. Mas que falo de my? Infelices setenta annos, se sobre tanto sangue, como derramado tenho, em serviço de tres Reys vossos antecessores, ouver de duvidar de me valerdes em tamanho aggravado: aggravado que sendo todo meu, se bem se cuyda, he igual offensa de hum Rey, que ontem enterrámos, sendo em menoscabo da molher, que elle com

muyto gosto escolheo pera nora, e desacato vosso, e dos vossos asnos: pois essa molher he esposa de vosso hirmão: e deve cuidar quem pretende tirar-lha, que ou lhe quereis mais que a vosso hirmão, ou que a pouca idade vossa vos encurta os espiritos, e fará que soffrays vassallos insolentes e descomedidos. Aqui se vio quanto poder tem a razão. Nacião as palavras do Conde de hum peito militar, sem mais estudo, ou concerto, do que lhes dava sua indignação e dor. Affirma-se que fizeram em elRey notavel aballo e magoa. E mostrou-a nos effeitos, por que juntamente mandou prender logo no Castello ao Marquez, e sahir da Corte ao mestre de Santiago seu pay. Mas era a causa ecclesiastica, e elRey muyto temente a Deos: e ainda que lhe tocava tanto por seu hirmão, não bastou isto pera que impedisse os termos judiciays. Com estes correu o Marquez no juyzo da Igreja a toda a força: allegando pera com elRey que sendo Principe lhe dera licença pera procurar estas vodas: e pera justificação do casamento juntando provas e testemunhos. Durou a causa em quanto o Conde viveo, que foy te o anno de 1529, e em fira reduzindo-se todo o peso d'ella á declaração e depoimento de Dona Guimar, foy dada sentença contra o Marquez. Porque nem suas provas forão avidas por bastantes: nem o descargo da licença delRey, quando não tinha mais que dezesseis annos, se teve por legitimo: antes por elle se lhe carregava culpa, por alcansada em tempo que a Idade delRey era demasiado verde: e do Reyno não possuhia mais que esperanças. E pera que não tornemos a falar nesta materia, he de saber que o Infante casou, e elRey lhe deu o senhorio e titulo de Duque da Guarda, e a villa de Abrantes com muytos outros lugares grandes: e teve filhos e tanto gosto d'elles, e da Condessa Infante, que lhe aconteeo subindo ambos huma escada, em tempo que andava pejada, lançar-lhe elle mão dos chapins, pera que tevesse menos pena na subida. Assi o ouvimos aos antigos, gente digna de todo o credito. Mas que diremos aos juyzos de Deos? Alevantava-se hum dia o Infante estando na vila da Azinhaga: e disse desassombradamente pera quem o vestia: Sonhava-me esta noyte em Abrantes, e via sahir de minha casa tres tumbas cubertas de negro uma traz outra. Ao segundo dia lhe chegou recado de ser falecida a senhora Dona Luisa, ultimo penhor, que só tinhão, porque já então lhe eram mortos dous filhos varões. Era por Outubro do ano de 1534. Acudio depressa a consolar o Infante. Adoeceo logo e faleceo aos sete de Novembro seguinte. E a Condessa sua mulher foy apoz elle, sem se meter entre a morte de ambos mais tempo, que quanto ouve de 7 de Novembro até 9 de Dezembro. De sorte que em dous mezes e seis dias teve seu cumprimento o sonho das tres tumbas. Porque a primeyra, que foy da filha, sahio aos tres de Outubro, e a ultima da mãy em nove de Dezembro. Deste successo achámos memoria entre os papeis da Ordem de S. Domingos, tocantes ao Convento de Nossa Senhora da Consolação de Abrantes, que he desta Religião. Porque na Capella-mor delle forão enterrados todos tres. E a Condessa de Loulé Dona Brites, mãy e sogra destes Infantes, guardada para ver tantos males juntos, enriqueceo com magnificencia Real o Convento, dando-lhe da sua Capella muyta prata: e de suas rendas duzentos mil reis de juro, que he o sustancial de que vivem aquelles religiosos. Assi o escrevemos na nossa Historia de S. Domingos, na fundação deste Convento ¹. Derão estas mortes assi repentinas grande occasião a discursos, querendo cada cabeça julgar por ellas a razão do casamento, por vexem dentro de sinco annos não só mal lograda, mas perdida e apagada a illustrissima casa de Marialva, subida tão alto para sentir mais a queda. Ignorancia e cegueira do entendimento humano, que se atreve a fiar dos seus palmos a medida do mar profundissimo dos conselhos Divinos: sendo assi que veremos nos asnos adiante entrado este mesmo Marquez em desgosto quasi semelhante ao que quiz dar ao Conde.

FIM

¹ *Crón. de S. Domingos*, p. 2, L. 6, C. 2 e 3.

EDIÇÕES DAS DUAS PEÇAS

AGOSTINHO DE CEUTA

1ª edição – Bragança – 1847 – Tipografia de Bragança.

2ª edição – Porto – 1858 – Em Casa de F. Gomes da Fonseca.

3ª edição – Porto – 1887 – Livraria Cruz Coutinho.

4ª edição – Lisboa – 1908 – Parceria A. M. Pereira.

5ª edição – Lisboa – 1929 – Parceria A. M. Pereira.

O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

1ª edição – Porto – 1849 – Tipografia do Nacional.

2ª edição – Porto – 1858 – Em Casa de F. Gomes da Fonseca.

3ª edição – Lisboa – 1908 – Parceria A. M. Pereira.

4ª edição – Lisboa – 1929 – Parceria A. M. Pereira.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
